



2020

# COMEÇANDO A VIDA ACADÊMICA

RELATÓRIO DO PROJETO “TRAZENDO A VIDA ACADÊMICA, A ÉTICA E A  
INTEGRIDADE ACADÊMICA PARA TEMA DE UM BLOG”

MARIA CARLOTA ROSA



Este Relatório constitui-se numa seleção do material publicado a cada segunda-feira como parte do Projeto “**Trazendo a vida acadêmica, a ética e a integridade acadêmica para tema de um Blog**”, iniciado em 2017.

No blogue, hospedado em <http://linguisticaufrjcarlotablog.wordpress.com>, se vem fazendo a discussão de temas necessários à formação de um pesquisador. Está voltado, portanto para os alunos, em especial, os de Linguística.

O primeiro resultado deste projeto data de 2018: **Escrita acadêmica: primeiros passos**, disponível no Pantheon - Repositório da Universidade Federal do Rio de Janeiro em <http://hdl.handle.net/11422/8130>.

Como no material anterior alguns dos temas das postagens derivam de novas experiências como professora, como membro de banca ou como plateia de defesas e encontros.

Rio de Janeiro, 28 de julho de 2020

Maria Carlota Rosa  
Dept. de Linguística e Filologia  
Programa de Pós-Graduação em Linguística  
[carlota@ufrj.br](mailto:carlota@ufrj.br)

## SUMÁRIO

1. PREENCHENDO O LATTES PELA PRIMEIRA VEZ: O QUE INCLUIR NA FORMAÇÃO ACADÊMICA?
2. APRESENTANDO A COMPROVAÇÃO DOS DADOS LANÇADOS NO LATTES
3. LATTES E ORCID
4. APRESENTEI UM PÔSTER
5. APRESENTANDO UM TRABALHO NUM ENCONTRO DA ÁREA
6. CHEGOU O DIA DA DEFESA
7. ONDE PUBLICO MEU TRABALHO? PARTE 1
8. ONDE PUBLICO MEU TRABALHO? PARTE 2
9. PARTE 3 – E O QUALIS?
10. PARTE 4 – E O PEDA QUALIS?
11. PREPRINTS?!!!!
12. REPOSITÓRIOS MANTIDOS PELO COS EM RISCO; SURGE O SERVIDOR DE PREPRINTS DA SCIELO
13. COM ACESSO ABERTO, ESTABILIDADE, REVISÃO POR PARES E SEM APCS: OS "WIKI-PERIÓDICOS"
14. QUEM É AUTOR DO TRABALHO, AFINAL? DECISÕES SOBRE COAUTORIA
15. A AUTORIA MÚLTIPLA: O PRIMEIRO, O ÚLTIMO, SÓ UM "ET ALII"?
16. E OS AGRADECIMENTOS? (EM ESPECIAL, NA DISSERTAÇÃO OU NA TESE)
17. AINDA A AUTORIA
18. NA LISTA DE AUTORES OU NOS AGRADECIMENTOS
19. DE NOVO A QUESTÃO DA AUTORIA: AUTOR OU COLABORADOR?
20. TENHO DE PAGAR PARA PUBLICAR UM ARTIGO?
21. QUANDO QUEM PAGA PELO ARTIGO É O LEITOR (OU A CAPES)
22. UMA DIGRESSÃO NECESSÁRIA: O ACESSO ABERTO (AA)
23. SE NÃO É O LEITOR, QUEM PAGA? PARTE 1: OS MODELOS DE AA
24. SE NÃO É O LEITOR, QUEM PAGA? PARTE 2: O ACESSO ABERTO VERDE NO BRASIL
25. SE NÃO É O LEITOR ... PARTE 3: A VIA DOURADA
26. SE NÃO É O LEITOR ... PARTE 4: BRASIL
27. RECEBI EMAILS DE UMA REVISTA INTERNACIONAL INTERESSADA EM PUBLICAR MINHA PESQUISA
28. RECEBI EMAILS DE UMA REVISTA INTERNACIONAL DESCONHECIDA INTERESSADA EM QUE EU DÊ PARECERES PARA ARTIGOS
29. ACEITO OU NÃO O CONVITE PARA UM PARECER?
30. UM PRÊMIO ESTRANHO
31. E COMO DECIDO PARA ONDE MANDO MEU TRABALHO?
32. VALE A PENA PUBLICAR NESSA REVISTA?
33. 1- SIMPLES ERRO OU MÁ CONDUTA? A PUBLICAÇÃO QUE COMPROMETE O CURRÍCULO
34. 2 – ERRO, DADOS FALSOS ... E A AVALIAÇÃO POR ESPECIALISTAS?
35. AUTOPLÁGIO OU RECICLAGEM TEXTUAL – 1
36. AUTOPLÁGIO OU RECICLAGEM TEXTUAL – 2
37. CITAÇÕES E REFERÊNCIAS: POR QUE PRECISO DISSO?
38. CITAÇÕES E REFERÊNCIAS: POSSO CITAR A MIM MESM@?
39. SER CITADO NUMA TESE VALE MENOS QUE NUM ARTIGO?

40. POSSO CITAR A WIKIPEDIA?
41. AS CITAÇÕES POR OUTRO ÂNGULO: O DA ÉTICA
42. E SE ESSE TEXTO NUNCA FOR CITADO?
43. POSSO CITAR UM TRABALHO QUE FOI RETRATADO? PARTE 1
44. POSSO CITAR UM TRABALHO QUE FOI RETRATADO? PARTE 2
45. RETRATADO, MAS AINDA CITADO
46. HÁ UM TEMPO ATRÁS NINGUÉM FALAVA DE RETRATAÇÃO...
47. A “DRA. ANNA FRAUDE”
48. A AVALIAÇÃO POR PARES EM DISCUSSÃO - PARTE 1
49. A AVALIAÇÃO POR PARES EM DISCUSSÃO – PARTE 2
50. A AVALIAÇÃO POR PARES EM DISCUSSÃO - PARTE 3
51. DADOS ABERTOS E AVALIAÇÃO POR PARES ABERTA CHEGAM À LINGUÍSTICA BRASILEIRA
52. A TERCEIRIZAÇÃO NA AVALIAÇÃO POR PARES – 1
53. A TERCEIRIZAÇÃO NA AVALIAÇÃO POR PARES - 2

# PREENCHENDO O LATTES PELA PRIMEIRA VEZ: O QUE INCLUIR NA FORMAÇÃO ACADÊMICA?

Publicado em dezembro 16, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

O preenchimento inicial do Currículo Lattes vem, em geral, na sequência de uma candidatura a um projeto de Iniciação Científica, de Extensão ou a uma vaga de Monitoria; portanto, preenchido por alguém que está na graduação.

E invariavelmente vem a pergunta acerca da necessidade de incluir na tela *Formação Acadêmica* os cursos Fundamental e Médio. É possível incluí-los? É. Lá estão listadas essas possibilidades.

- Doutorado
- Mestrado
- Mestrado Profissional
- Especialização
- Especialização - Residência médica
- Graduação
- Ensino Profissional de nível técnico
- Ensino Médio (2o grau)
- Ensino Fundamental (1o grau)
- Aperfeiçoamento

Para decidir sobre a inclusão ou desistir dela vale levar em conta pelo menos dois aspectos: a) que o Lattes é um currículo para o mundo acadêmico; e b) perguntar-se o que essa informação agrega na superação de outros currículos que também estejam concorrendo à mesma vaga.

# APRESENTANDO A COMPROVAÇÃO DOS DADOS LANÇADOS NO LATTES

*Publicado em abril 1, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

A entrega da comprovação das informações inseridas no currículo Lattes requer alguns cuidados. Nada de entregar um monte de folhas soltas, amarradas com barbante. Não é só feio: imagine se o barbante rasga as folhas; se, ao soltar o barbante, o material cai da mesa de trabalho ou sopra uma rajada de vento...

Num concurso, por exemplo, em geral esse material é avaliado em conjunto pela banca examinadora. A banca faz a colação do que se diz no Lattes com a documentação comprobatória e preenche uma tabela para a pontuação do material.

Algumas sugestões:

- Faça a coindexação da informação no Lattes e de sua comprovação, para facilitar a conferência.
- Se está no Lattes mas não está comprovado, não pontua. Peça a um colega para testar se está fácil encontrar os documentos comprobatórios das informações prestadas no cv, se faltam documentos.
- Se um documento incluído não está ligado a qualquer item na tabela de pontuação, ele não pontua — veja se não preencheu mal o cv e está perdendo pontuação.
- Observe se nos critérios de avaliação de cv há pontuação diferenciada para alguns itens de uma das dimensões da avaliação. Por exemplo: a banca examinadora encontrará facilmente a classificação dos seus artigos no indicador [Qualis](#) se houver pontuação diferenciada para isso nos critérios?
- Veja qual a opção de modelo de currículo para impressão que mais lhe interessa (Resumido, Ampliado, Completo, Personalizado) e as demais opções apresentadas para gerar a impressão. Um exemplo: no modelo de impressão resumido desaparece a informação sobre os congressos serem internacionais ou locais, ficando apenas o título (Apresentação de Trabalho/Outra). Essa diferença conta naquela avaliação?
- Uma sugestão final: mantenha o Lattes sempre atualizado. Desse modo se torna mais difícil esquecer de alguma informação. E archive organizadamente a comprovação.

---

ROSA, Maria Carlota. 2018. [Para a imagem acadêmica.](#)

# LATTES E ORCID

*Publicado em novembro 11, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

Em 2016 a plataforma para preenchimento do currículo Lattes passou a permitir a inclusão da identificação ORCID/ Open Researcher Identifier (Identificador Aberto para Pesquisadores), embora a inclusão do número na página do Lattes não remetesse para a página no ORCID.

Em maio de 2018 a inclusão desse identificador no Lattes se tornou impossível: não se conseguia validar o número e surgia a mensagem *“Não foi possível verificar o identificador ORCID. Tente mais tarde”*.

Agora é novamente possível fazer a inclusão do identificador e, ao clicar nele, abre-se a página de autor no ORCID. Para conseguir essa ligação:

1. Fazer um registo ORCID: <https://orcid.org/register>.
2. Entrar na página da Plataforma Lattes do CNPq: <http://lattes.cnpq.br/>;
3. Entrar em “Atualizar currículo”;
4. Entrar em “Dados Gerais”/“Identificação”/ “Outros Identificadores” e inserir o número.

# APRESENTEI UM PÔSTER

*Publicado em novembro 18, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

Depois da emoção de explicar o trabalho para gente que se mostrou interessada por ele num encontro acadêmico na área, o pôster pode ir para o cv-lattes. Pode ser colocado em “Apresentação de trabalho”, mas ... ops! Não tem nada para pôster no lattes! Sobra um mísero “Outra” para incluir essa produção.

Ao desencantamento com o lattes se junta a inacessibilidade do trabalho que se segue à participação no evento. Então quem não foi ao congresso ou perdeu o dia do pôster não vai poder ver aquele trabalho tão legal que custou tão caro por causa da plotagem?

Existe uma possibilidade que vem sendo pouco explorada: fazer uma versão digital com resumo e palavras chaves e solicitar sua inclusão no repositório institucional. Na UFRJ esse repositório é o [Pantheon](#). Num mundo cada vez mais digital não faz sentido deixar um trabalho ser acessível por apenas um dia. Afinal, se era para esconder o trabalho não se faria uma apresentação num congresso.



# APRESENTANDO UM TRABALHO NUM ENCONTRO DA ÁREA

*Publicado em outubro 14, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

Trabalho aceito, tudo arrumado... E a apresentação? Se for a primeira vez nessa situação, o nervosismo é a norma. Como não estragar tudo? Algumas sugestões.

1. Mantenha-se dentro do tempo estipulado para a apresentação. 20 minutos são 20 minutos, não meia hora. Nem pensar em pedir mais uns minutinhos ao coordenador da mesa para focalizar um importantíssimo ponto do trabalho. Para o coordenador da mesa, permitir tempos desiguais para os participantes criaria justificado mal-estar; para a organização do encontro, um atraso numa sessão é uma dor de cabeça em cadeia.

2. O computador e o programa PowerPoint são aliados nessa hora. Ou não. Vejamos:

- já pensou que o sistema operacional pode ser outro? Que o PowerPoint desconfigura no Linux? Uma segunda versão, em pdf, por exemplo, pode ajudar numa hora dessas;
- não há necessidade de ilustrar os *slides*; caso isso seja feito, certifique-se de que não existem direitos sobre as imagens utilizadas;
- tenha certeza de que está com a versão correta do trabalho; de que, perante uma plateia, não terá de vasculhar todas as pastas do computador ou do *pendrive* para descobrir onde ficou a versão revisada para a apresentação;
- se precisar de reprodução sonora, contacte a organização do evento com antecedência sobre a disponibilidade de caixas de som e programas compatíveis;
- não use fontes menores que 28: são ilegíveis para a plateia;
- se tem tempo para comentar 10 *slides*, não faça uma apresentação com um montão de *slides* a mais, que serão pulados: vai parecer que não se preparou para o evento e que está aproveitando um trabalho antigo;
- prepare-se para uma eventual falta de luz ou pane de equipamento: a sessão pode não ser cancelada apesar disso.

3. Se tiver de pegar avião (pior: com conexões), ônibus, navio, leve o trabalho na bolsa de mão, com cópia em nuvem, no email ...

4. Se houver perguntas, honestidade nas respostas: em princípio, todos na plateia são especialistas na área e tentar enrolar essa turma não é boa ideia.

5. E se alguém for grosseiro no questionamento do trabalho? Você não será o único a testemunhar a grosseria. Não desça do salto nessa hora; afinal, quem está assistindo às apresentações gastou dinheiro e tempo e estava ali pelo seu trabalho e pelo trabalho de todos na sessão e não para uma sessão de mal-estar. Pense neles, respire fundo e responda ao malcriado educadamente. Certamente o coordenador da mesa terá de intervir se a agressividade do participante continuar a interromper o trabalho.

6. Nossas tomadas brasileiras de três pinos não são usadas no resto do mundo. Se o encontro for fora do país, não esqueça de adaptadores.

# CHEGOU O DIA DA DEFESA

*Publicado em outubro 21, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

As horas que antecedem a defesa da dissertação ou da tese são um misto de emoções, da alegria à ansiedade. Em geral tudo termina bem, mas vale a pena ter atenção a alguns detalhes.

- ***A defesa é uma situação muito formal.***

Pode-se medir a formalidade da situação pelo tempo de preparação para aquele momento e pela papitada para sua realização. Até tem ata!

Em algumas universidades de muitos séculos a formalidade chega ao vestuário, com normas sobre a vestimenta específica para esse ato: quem pode usar veste talar, beca, cinto, traje passeio...

No Brasil não há normas determinando um vestuário específico. Em geral, a banca e o candidato ao grau estão um pouco mais arrumadinhos que nas aulas.

"Um pouco mais arrumadinhos" significa que não importa que neste Rio de Janeiro esteja a 43°C: não é hora para shortinhos, bermudas, chinelos, camisa aberta.

Não vai dar para mostrar a tatuagem? Certamente ninguém está lá por causa dela. Nem é hora para aquele minivestido drapeado matador que ficou lindo (deixe esse para a comemoração).

- ***Demonstre cortesia com a banca.***

A banca precisa de tempo hábil para ler o trabalho. O exemplar da tese deve chegar a cada membro da banca, suplentes incluídos, cerca de um mes antes da defesa.

Apenas o exemplar, sem lembrancinhas que, certamente, causarão constrangimento e podem vir a ser mal interpretadas.

- ***A defesa é pública.***

Em geral, respondem à divulgação do evento com a presença outros pesquisadores do mesmo tema e colegas de pesquisa. Podem também assistir à defesa familiares e amigos.

Na UFRJ a defesa fechada ao público, com cláusula de confidencialidade e sigilo é excepcional, podendo ser autorizada "*mediante solicitação do orientador, acompanhada do acordo de todos os membros da banca, com aprovação da comissão deliberativa do programa de pós-graduação, da comissão de pós-graduação e pesquisa, se houver, da congregação ou colegiado equivalente e do conselho de coordenação do Centro Universitário*" (Resolução CEPG 01/2006, Art. 56, par. único).

- ***Não se atrase.***

Chegue bem antes da hora marcada. Use o tempo para confirmar se a sala está liberada, se a aparelhagem está funcionando (em especial se parte dos membros participar da banca por videoconferência). E para não ficar mais nervoso ainda.

- ***Durante a espera...***

À medida em que os membros da banca forem chegando, cumprimente cada um, mas nesse momento nenhum deles é "coleguinha".

Certamente nenhum deles é parente do candidato. Nem sócio. Nem qualquer membro da banca pode ser parente do orientador. Conflitos de interesse não são bem vistos.

Nem pensar em distribuir presentes para a banca antes da defesa (na verdade, nem depois).

- ***É indispensável ter em mãos uma cópia da dissertação ou tese durante a defesa.***

Ela será necessária para responder à arguição e para anotar as passagens do texto que merecerem reparos da banca.

- ***Vai começar. Celular desligado.***

Atenção ao que está sendo dito. No correr da defesa não confira se há novas mensagens no celular, nem tente postar *selfies*.

- ***E começou!***

Em geral a defesa tem início com o presidente da banca (que pode ser o Orientador ou não — depende do regimento de programa de pós-graduação) dando início aos trabalhos. Nesse introito há a apresentação dos componentes da banca, os agradecimentos a eles por terem aceitado participar da defesa e agradecimentos à presença dos demais.

Finda essa abertura, o presidente da banca passa a palavra ao candidato ao grau de mestre ou doutor para que faça uma apresentação do trabalho. A duração dessa apresentação (e até se deve ou não haver uma apresentação) é estipulada pelas normas do programa de pós-graduação.

Terminada a apresentação, tem início a arguição. Cabe ao presidente da banca decidir a ordem dos arguidores. O arguidor escolhe se quer respostas a cada pergunta ou todas ao final das perguntas.

- ***Quem pode ter uso da palavra.***

No Brasil e em muitos países apenas a banca e o candidato têm direito à palavra, que é concedida pelo presidente da banca. Os demais presentes, mesmo que especialistas na área, assistem em silêncio e não podem interromper a defesa.

O candidato tem de deixar isso claro para seus convidados. O candidato está numa avaliação e não pode ter de se preocupar com o comportamento de outras pessoas. Imagine que um convidado se levanta e começa a cantar em homenagem ao parente/amigo (posso garantir que é esquisito para todos os presentes, mas, para o candidato é de perder o chão); ou pior: que um convidado resolve destratar os arguidores, porque demonstraram que não gostaram do trabalho.

- ***E acabou!***

Após a leitura da ata pelo presidente com o resultado final, cumprimente todos os membros da banca e não saia para a comemoração antes de assinar todos os documentos necessários.

A regulamentação geral da UFRJ sobre a pós-graduação está na [Resolução CEPG nº 01/2006](#). A [Resolução CEPG nº 02/2015](#) introduziu a possibilidade de participação por videoconferência, mas com restrições.

**Sugiro a leitura dos seguintes textos:**

ENAGO ACADEMY. 2019. *Como Defender uma Dissertação/Tese*. 16Jul2019.  
<https://www.enago.com.br/academy/defender-dissertacao-tese/>

SGARBI, Adrian. 2013. *O que não fazer em sua defesa de dissertação ou tese*. <http://pesquisatec.com/new-blog/2013/9/2/o-que-no-fazer-em-sua-defesa-de-dissertao-ou-tese>

# ONDE PUBLICO MEU TRABALHO? PARTE 1

Publicado em agosto 29, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Quando um aluno me faz essa pergunta, em geral lhe respondo que preferencialmente procure periódicos acadêmicos com revisão por pares e alto fator de impacto (FI) – e, lógico, que tenha relação com o tema do artigo. Isso porque se um trabalho está publicado num periódico com avaliação por pares e alto fator de impacto (FI), o pressuposto é que deve ser bom, isto é, CONFIAMOS que deve:

- ser inovador e relevante,
- ter metodologia aceita,
- fornecer evidências para a hipótese e
- basear-se numa pesquisa executada sem violações da ética

## Que é FI?

*“O Fator de Impacto, abreviado como FI, é uma medida que reflete o número médio de citações de artigos científicos publicados em determinado periódico. É empregado frequentemente para avaliar a importância de um dado periódico em sua área, sendo que aqueles com um maior FI são considerados mais importantes do que aqueles com um menor FI. ([Wikipedia](#))*

Para o programa de pós-graduação, é importante onde o artigo é publicado. A avaliação dos programas de pós-graduação pela CAPES/ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, agora a cada quatro anos, leva isso em conta.

## De avaliação de periódico a avaliação de autor

A avaliação de periódicos acaba por se refletir na do autor de um artigo publicado: quanto maior o FI do periódico, maior a reputação decorrente para o autor.

[Eugene Garfield](#) (1925-2017), o criador do FI, parecia não concordar com a nova finalidade atribuída à sua criação:

*The term “impact factor” has gradually evolved, especially in Europe, to describe both journal and author impact. This ambiguity often causes problems. It is one thing to use impact factors to compare journals and quite another to use them to compare authors. Journal impact factors generally involve relatively large populations of articles and citations. Individual authors, on average, produce much smaller numbers of articles although some are phenomenal. (Garfield, 2005)*

Como assinalava o Prof. Emérito da USP [Maurício da Rocha e Silva](#) numa entrevista à [Pesquisa Fapesp](#) em 2012,

*Todas as revistas têm uma distribuição de citações assimétrica. Quer dizer, 20% dos artigos concentram 50% das citações e os 20% mais baixos concentram 3% das citações. De maneira que no New England Journal of Medicine a revista médica de mais alto impacto do mundo, por exemplo, tem 20% de artigos que são muito pouco citados. Isso vale para qualquer revista.*

[Continua ]



## ONDE PUBLICO MEU TRABALHO? PARTE 2

Publicado em agosto 30, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Como disse anteriormente, quando um aluno me faz essa pergunta, em geral lhe respondo que **preferencialmente** procure periódicos acadêmicos com revisão por pares e alto fator de impacto (FI) – e, lógico, que tenha relação com o tema e do artigo. Isso porque se um trabalho está publicado num periódico com avaliação por pares e alto fator de impacto (FI), o pressuposto é que deve ser bom, isto é, **CONFIAMOS que deve**.

Mas ...

o Fator de Impacto de um periódico pode ser manipulado através das práticas como a **autocitação** e o **citation stacking**, que afetaram recentemente a reputação de quatro periódicos médicos brasileiros, como reportado nas matérias a seguir:

- *Brazilian citation scheme outed, Nature*
- *O [Esquema Brasileiro de Citações e a Vira-Latices](#), Ecce Medicus*
- *Ainda sobre as Revistas Suspensas, Ecce Medicus*

Descobertas as práticas, esses trabalhos nada valem na avaliação da CAPES, **não importa a qualidade dos trabalhos publicados**.

[\[Continua\]](#) [\[Parte 1\]](#) [\[Parte 2\]](#) [\[Parte 3\]](#) [\[Parte 4\]](#)

## PARTE 3 – E O QUALIS?

Publicado em agosto 31, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

O **Qualis** é o instrumental com que a CAPES mede a produção bibliográfica dos programas de pós-graduação. A classificação da produção de um programa de pós-graduação é resultante da classificação atribuída às revistas em que seu corpo social publicou que, em princípio, devem ser apenas aquelas “*com corpo editorial reconhecido, com avaliação pelos pares (pareceristas ad hoc) e dotados de ISSN*”:

*A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos.*

Essa classificação operacional, reestruturada em 2008, gera uma lista, disponível na **Plataforma Sucupira**, que atribui aos periódicos uma das classificações dentre oito estratos: **A1 (o nível mais alto), A2; B1, B2, B3, B4, B5 e C (com peso zero)** . A classificação depende da área de avaliação em que o programa de pós-graduação se insere e é atualizada anualmente . Tem mais:

*no máximo 50% dos títulos presentes em cada lista podem ser classificados nos três estratos mais altos da classificação: A1, A2 ou B1. Ou seja, qualquer que seja a área de conhecimento, apenas metade dos periódicos utilizados pelos docentes e discentes para veicular suas publicações pode ser classificada entre os de excelência (estratos A) ou de maior qualidade (B1). A segunda regra estabelece que apenas 25% dos títulos em cada lista podem ser considerados de excelência e, portanto, classificados nos estratos A. Ou seja, dentro do conjunto, apenas um quarto dos títulos usados em cada área pode ser classificado como excelente. A terceira regra estabelece que, entre os títulos classificados no estrato A, aqueles inseridos no estrato A1 têm de, necessariamente, ser em menor proporção do que os classificados no estrato A2. (Barata, 2016. **Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis**)*

## ***Essa classificação de periódicos Qualis é idêntica à classificação de periódicos por fator de impacto numa dada área?***

Não. Uma revista pode ter um FI alto, mas não aparecer no Qualis-Periódicos porque esse periódico não foi “*indicado por nenhum programa de pós-graduação como veículo de divulgação de sua produção intelectual*”.

*Estar ou não na lista do Qualis significa tão somente que algum dos alunos ou professores dos programas credenciados publicaram artigos naqueles periódicos. Do mesmo modo, o Qualis Periódicos não é uma base bibliométrica e não permite o cálculo de nenhuma medida de impacto dos periódicos nele incluídos. Sendo assim, o Qualis Periódicos não deve ser considerado como uma fonte adequada de classificação da qualidade dos periódicos científicos para outros fins que não a avaliação dos programas de pós-graduação. (Barata, 2016. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis)*

Além do **Qualis-Periódicos**, há o **Qualis-livros**. Em 2009 a CAPES passou também a considerar a publicação em livro, que tem grande importância para algumas áreas, caso da área Letras e Linguística. Em 2016 a Coordenação da Área Letras e Linguística divulgou as **Considerações sobre Classificação de Livros** para a Área.

Também em 2009 a CAPES deixou de considerar o **Qualis-Eventos**. Mas a área Letras e Linguística considera a publicação em anais.

---

*Docentes e discentes apresentam dois tipos de preocupações que [...] não procedem, desde que se conheça o mecanismo de geração da listagem.*

*O primeiro receio é o de não encontrar na lista o periódico no qual acabaram de ter um artigo publicado. Evidentemente, se o artigo for informado na plataforma Sucupira, no ano subsequente, o periódico estará incluído automaticamente na listagem.*

*O segundo questionamento, decorrente do anterior, diz respeito à consideração ou não dessa produção para efeito de avaliação. Novamente, trata-se de uma precipitação. Mesmo que, no último ano do período de avaliação, alguns periódicos não estejam incluídos como resultado de falhas no processamento dos dados, as comissões procederão à sua classificação manual, utilizando exatamente os mesmos critérios usados para os demais periódicos.*

*Outra dúvida frequente entre docentes e discentes surge quando da escolha de uma revista científica para a submissão de um artigo, diante da constatação de que esta ainda não se encontra na listagem da área. Evidentemente, [...]tal revista científica passará a*

*figurar na lista desde que, aceito o artigo, seja a publicação informada por meio da plataforma Sucupira. (Barata, 2016. **Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis**)*

Enfim, o Qualis é um instrumental para avaliar programas de pós-graduação, não indivíduos.

***Mas...***

leve em conta que cada vez que seu currículo for avaliado é quase certo que os avaliadores estarão procurando não apenas quantas publicações você já tem, mas se cada texto saiu numa revista classificada em A, B ou C.

[Continua]

[[Parte 1](#)] [[Parte 2](#)] [[Parte 3](#)] [[Parte 4](#)]

## PARTE 4 – E O PREDAS QUALIS?

Publicado em setembro 3, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

A revista *Pesquisa Fapesp* de Agosto 2018 traz uma matéria sobre as chamadas “revistas predatórias” e tem por base um artigo de professores da UFRGS ([A sombra das revistas predatórias no Brasil](#)). Esse artigo me levou a um site de três professores da USP, UNESP e UFABC, o [Preda Qualis](#). Segundo o site, “325 dos 485 periódicos potencialmente predatórios no QUALIS foram classificados nos estratos A e B por pelo menos uma área”.

Embora o site afirme que “**não é uma palavra final e está em constante revisão**”, os comitês da avaliação quadrienal segundo o artigo da revista da FAPESP, desconsideram publicações listadas se forem alertados para isso.

Na lista, em 31-08-2018, para Letras e Linguística:

LETRAS / LINGUÍSTICA	1096-1453	ACADEMIC EXCHANGE QUARTERLY	B4
LETRAS / LINGUÍSTICA	2383-0514	INTERNATIONAL JOURNAL OF LANGUAGE AND APPLIED LINGUISTICS	A2
LETRAS / LINGUÍSTICA	2155-9880	JOURNAL OF CLINICAL & EXPERIMENTAL CARDIOLOGY	C
LETRAS / LINGUÍSTICA	2368-2132	JOURNAL OF ENGLISH LANGUAGE AND LITERATURE	C
LETRAS / LINGUÍSTICA	2378-5055	JOURNAL OF MEDIA & MASS COMMUNICATION (ONLINE)	C

[\[Parte 1\]](#) [\[Parte 2\]](#) [\[Parte 3\]](#) [\[Parte 4\]](#)

# ONDE PUBLICAR? UM EXEMPLO DE PROBLEMA

*Publicado em setembro 24, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

Está agora disponível na página do [LabHisLing-UFRJ](#) (na aba “Gramática, léxico e modelos de arquitetura”) uma resenha escrita por solicitação para um periódico de acesso restrito (isto é, que não é de AA), aceita em 2015, revisada pelo editor, postergada a publicação para 2016 ... mas nunca publicada (e a revista já mudou de nome e de grupo editorial).

É a resenha de

**Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados.**  
By E.F.K. Koerner. Preface Carlos Assunção. Selection of texts and text edition by Rolf Kemmler and Cristina Altman (= Coleção Linguística, 11.) Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014. Pp. 285. ISBN 978-989-704-187-7.

Poderia enviá-la agora para outro periódico? Em se tratando de uma resenha de um livro publicado em 2014, já passou muito tempo. Como tenho os direitos sobre o texto, posso divulgá-lo como quiser.

# PREPRINTS?!!!!

*Publicado em agosto 24, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

Ainda é pouco usual na Linguística. Um preprint é um trabalho que se torna público numa plataforma não comercial (por exemplo, na [Research Gate](#) ou na [SocArxiv](#)) antes de sua publicação.

Alguns prós e contras: [Ten simple rules to consider regarding preprint submission](#).

Mais? Em <https://linguisticaufrjcarlotablog.wordpress.com/>, “Boas práticas em pesquisa”.

# REPOSITÓRIOS MANTIDOS PELO COS EM RISCO; SURGE O SERVIDOR DE PREPRINTS DA SCIELO

Publicado em março 16, 2020 por [linguisticaufrjcarlota](#). Atualizado em julho 28, 2020

A mensagem em exibição na página inicial do [MarXiv](#), um repositório de preprints mais focado em questões ambientais, causou surpresa: “*Submissions for Marxiv are now closed. Existing preprints will be maintained by COS as part of the long-term data preservation plan*”. Logo abaixo a informação de que o MarXiv é “*Powered by OSF Preprints*”.

OSF é a sigla para *Open Science Framework*, a infraestrutura de software desenvolvida e mantida pela empresa *Center for Open Science (COS)*, que disponibiliza entre várias ferramentas a *OSF Preprints*.

A explicação para se entender o aviso na *home page* do MarXiv pôde ser lida alguns dias depois numa nota no [Nature Briefing](#): que repositórios de preprints bem conhecidos, hospedados pela *Center for Open Science (COS)* correm risco de fechar em decorrência de problemas financeiros.

## Quem paga?

Para o COS, os custos com a parte voltada para preprints chegarão em 2020 a US\$230.000 e o dinheiro das fundações privadas neste ano não será suficiente para manter a plataforma do COS. Para os repositórios/servidores no COS, em geral gerenciados por trabalho voluntário, passa a valer em 2020 o pagamento de uma taxa anual que pode alcançar alguns milhares de dólares norte-americanos. A taxa básica anual de 1000 dólares não é fixa: aumenta à medida em que aumentam as submissões ao repositório. Cerca de 6000 submissões correspondem a uma taxa de cerca de US\$25.000. Com mais de 16.500 submissões anuais, o [INA-Rxiv](#), por exemplo, promete limitar o número de submissões para diminuir os custos.

## Num outro cenário...

Por outro lado, em 28 de fevereiro de 2020, a Scielo anunciou o lançamento da versão beta do *Open Preprint Systems (OPS)*, “armado



com as especificações e financiamento inicial do SciELO, juntamente com um financiamento generoso de um doador da Universidade de Stanford” (PUBLIC KNOWLEDGE PROJECT, 2020). A operação regular teve início em junho de 2020: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo> .

*Preprints e arquivos de dados de pesquisa relacionados a artigos publicados pelos periódicos SciELO podem residir em qualquer um dos servidores de preprints confiáveis e reconhecidos, e nos repositórios de dados de pesquisa. O SciELO também operará um repositório central de dados de pesquisa e um Servidor Central de Preprints, com as possibilidades de que as coleções da Rede SciELO operem seus próprios Servidores de Preprints e repositório de dados. (PACKER & MENDONÇA, 2020)*

---

#### Mais sobre preprints neste Blog?

- **Preprints?!!!!**  
<https://linguisticaufrjcarlotablog.wordpress.com/2018/08/24/preprints>
- **E como decido para onde mando meu trabalho?**  
<https://linguisticaufrjcarlotablog.wordpress.com/2018/10/22/3>

---

MALLAPATY, Smriti. Popular preprint servers face closure because of money troubles. *Nature News*, 13Fev2020.

[https://www.nature.com/articles/d41586-020-00363-3?utm\\_source=Nature+Briefing&utm\\_campaign=a5478813af-briefing-dy-20200213&utm\\_medium=email&utm\\_term=0\\_c9dfd39373-a5478813af-44329949](https://www.nature.com/articles/d41586-020-00363-3?utm_source=Nature+Briefing&utm_campaign=a5478813af-briefing-dy-20200213&utm_medium=email&utm_term=0_c9dfd39373-a5478813af-44329949)

PACKER, A.L. & MENDONÇA, A. A via para os preprints (Parte 2): O Servidor de Preprints do SciELO [Publicado originalmente no site do PKP em março/2020] [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2020 .

<https://blog.scielo.org/blog/2020/03/09/a-via-para-os-preprints-parte-2/>

PUBLIC KNOWLEDGE PROJECT. A via para os preprints (Parte 1):

Introdução ao Open Preprint Systems [Publicado originalmente no site do PKP em fevereiro/2020] [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2020 .

<https://blog.scielo.org/blog/2020/03/03/a-rota-para-os-preprints-parte-1/>

# COM ACESSO ABERTO, ESTABILIDADE, REVISÃO POR PARES E SEM APCs: OS "WIKI-PERÍODICOS"

Publicado em novembro 4, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Sério: eu não sabia o que era “wiki”, embora soubesse da *Wikipedia* e da *Wikicommons*. Na verdade nunca tinha pensado em “wiki” como algo diferente de uma marca, algo já registrado como propriedade intelectual. A *Wikileaks* atrapalhava esse entendimento, mas ... Até que ontem me deparei com os *wikijournals*.

## **Afinal, que é ‘wiki’?**

Dei um Google (ou teria googlado?) e encontrei a resposta [num artigo de Sérgio Rodrigues](#) publicado na revista *Veja* em 2012:

*No mundo da computação, wiki passou a ser usado como nome genérico de websites colaborativos, ou seja, aqueles cujo conteúdo pode ser modificado pelo usuário. O termo foi criado em 1994 pelo programador americano Ward Cunningham, que desenvolveu o primeiro software wiki e o batizou de WikiWikiWeb. Note-se que as iniciais dialogam com o www de world wide web (rede mundial de computadores), mas Cunningham garante que sua inspiração foi mais prosaica: limitou-se a copiar o nome dos ônibus expressos do aeroporto de Honolulu, Wiki-Wiki, uma expressão regional havaiana que significa “rapidinho”.*

Depois descobri um longo artigo “Wiki” na própria *Wikipedia*, com um enorme histórico de modificações desde 2003.

## **Os periódicos wiki**

Os periódicos wiki surgem em integração com a *Wikipedia* com o objetivo explícito de aumentar “*the accuracy of the encyclopedia, and rewards authors with citable, indexed publications with much greater reach than traditional scholarly publishing*” ([WikiJournal User Group](#)). No momento há quatro títulos: *WikiJournal of Humanities*; *WikiJournal of Medicine*; *WikiJournal of Science*; *WikiJournal Preprints*.



A imagem em destaque é de Mikael Häggström (Own work, based on:From Pixabay, Public Domain.,CC BY 4.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=49038393>.

Está descrita como "*a lightbulb, symbolizing the creation of ideas latitude and longitude stripes around the lightbulb, symbolizing a global scope*".

Um exemplo extraído do periódico voltado para a área de Humanas é o longo artigo *A grammatical overview of Yolmo (Tibeto-Burman)*, em que Lauren Gawne (Dept, de Línguas e Linguística, Universidade La Trobe, Austrália) é o autor (mas o *et alii* nos lembra que o material é, por definição, colaborativo). Pode ser lido no formato já conhecido do material da Wikipedia ou em pdf.

A iniciativa é mais um passo na integração da *Wikipedia* com a educação. Uma visão de como essa integração já ganhou terreno de 2001 a 2016 pode ser lida em [15 years of Wikipedia and education](#).

---

**RODRIGUES**, Sérgio. 2012. Wiki é um sucesso. Mas o que é wiki? Veja, Sobre palavras. 17Jan2012. <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/wiki-e-um-sucesso-mas-o-que-e-wiki/>

**SCHULENBURG**, Frank. 2016. 15 years of Wikipedia and education. *WikiEdu*, 14jan2016. <https://wikiedu.org/blog/2016/01/14/wikipedia-15-and-education/>

**WIKIJOURNAL USER GROUP**. (2019, August 19). *Wikiversity*. Retrieved 04:32, August 19, 2019 from [https://en.wikiversity.org/w/index.php?title=Wikijournal\\_User\\_Group&oldid=2043419](https://en.wikiversity.org/w/index.php?title=Wikijournal_User_Group&oldid=2043419).

**WIKIPÉDIA, CONTRIBUIDORES DA**. 2019. Wiki. In *Wikipédia, a enciclopédia livre*, <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Wiki&oldid=56299793>.

# QUEM É AUTOR DO TRABALHO, AFINAL? DECISÕES SOBRE COAUTORIA

*Publicado em agosto 23, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

A resposta à pergunta parece fácil, mas pode ser o centro de um conflito num grupo de pesquisa, o que faz com que professores e instituições, mas também editores, se preocupem com o tema.

A partir deste ano de 2018 a SciELO passou a adotar, em combinação com o identificador ORCID, a Taxonomia CRediT, que arrola 14 categorias de papéis, a fim de indicar, de forma transparente, quem fez o quê no trabalho.

Dois exemplos desse emprego, cujo uso vem-se ampliando: a indicação da contribuição de cada autor na [Cell](#) e na [PLOS One](#).

Mais perguntas sobre a autoria? Algumas respostas na aba *Para os trabalhos acadêmicos* e também na aba *Boas práticas em pesquisa* em [Linguística-UFRJ/Maria Carlota Rosa](#)

# A AUTORIA MÚLTIPLA: O PRIMEIRO, O ÚLTIMO, SÓ UM "ET ALII"?

Publicado em novembro 19, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

*Any issue of Nature today has nearly the same number of Articles and Letters as one from 1950, but about four times as many authors. The lone author has all but disappeared. In most fields outside mathematics, fewer and fewer people know enough to work and write alone. If they could, and could spare the time and effort to do so, their funding agencies and home institutions would not permit it. (Greene, [2007])*

Embora o excerto acima seja relativo à revista *Nature*, o número de trabalhos em colaboração vem crescendo, mesmo em áreas em que essa não era a tradição, caso da Linguística, especialmente em algumas de suas especialidades.

Se levarmos em conta, por exemplo, os cinco últimos números da [Revista Linguística](#), foram 54 os artigos publicados; 28 deles tinham mais de um autor, sendo que o primeiro número de 2018 tinha um autor em apenas três dos 10 artigos publicados. Mesmo assim, dos sete artigos com mais de um autor, apenas dois tinham mais de dois autores: um com três autores e outro, com oito. Ainda bem longe, portanto, dos números em áreas como a Física ou a Biologia levantados este ano:

*One quarter of the top 500 cited articles in nuclear physics averaged 1160 authors (WoS, 2010 to 2015)\* [21]. Author counts biomedical journals are not so high 69 but 19 of the 244 articles Lancet published [sic] in 2017 had more than 40 authors, 10 had more than 480 authors, and one had 1039 [22]. (Patience et alii, 2018: 3)*

Esses números de autores por trabalho são impensáveis em Linguística.

---

\* WoS = abreviatura para *Web of Science*, serviço de propriedade da Clarivate Analytics. Essa plataforma pode ser consultada via Portal de Periódicos da CAPES, mas está disponível apenas para os acessos com IP identificado das instituições participantes do Portal. Não faz parte do conteúdo gratuito do Portal.

---

A *Revista da ABRALIN* (Associação Brasileira de Linguística) tem implícita a tradição da área nas instruções para submissão de artigos (*ênfase adicionada*):

*"Na primeira página, deverão constar o título do trabalho em letras maiúsculas em português ou inglês e o nome do autor com letras maiúsculas somente nas iniciais. No rodapé, deverá ser indicada a qualificação do autor e, se for o caso, sua condição de bolsista do CNPq, CAPES ou FUNCAP".*

Com o crescente número de autores por trabalho (e com o fato de a publicação científica ter-se tornado um negócio milionário), um conceito que parecia simples tornou-se um tópico em discussão: quem pode ser arrolado como *autor* afinal?

Uma situação que parece ter feito a área biomédica se preocupar tanto com o conceito de *autor* deriva de terem vindo a público casos do que se convencionou chamar "*autoria fantasma*": uma empresa farmacêutica, por exemplo, dentro de sua campanha de marketing prepara um artigo que será assinado por alguém com destaque na área e publicado numa revista famosa. Os nomes ligados ao fabricante que trabalharam no artigo fornecendo as informações que deveriam chegar ao público não aparecem, o que esconde que o trabalho é uma peça para incentivar a venda de determinado produto e que não se trata de uma análise independente dos benefícios e riscos de uma droga (ver Moffatt, 2013).

### **Quem é autor? Algumas propostas de editores científicos**

Para os editores, a autoria está ligada ao direito autoral.

LSA – Linguistic Society of America (como no caso da ABRALIN, não se discutem critérios de autoria; o conceito não traz maiores problemas):

**Authorship.** *Complete and accurate identifying information for all authors, along with their email addresses, where possible, must be provided on the initial submission of a manuscript. The corresponding author should be clearly indicated. Changes to a paper's authorship after the fact must be requested in a letter to the Editors clearly stating why the change is necessary, and must be confirmed by the non-corresponding authors in a brief email message to the Editors. The ultimate decision to make changes after the initial submission rests with the Editors*

ESA – Ecological Society of America (os critérios da ICMJE parecem fundamentar a lista de critérios da área, mas não há necessidade de atender a todos eles):

**Publication:** *The following principles of ethical professional conduct*

*apply to members reviewing, editing, or publishing grant proposals and papers in the professional literature in general, and particularly to all ecologists seeking publication in the Society's journals.*

1. *Researchers will claim authorship of a paper only if they have made a substantial contribution. Authorship may legitimately be claimed if researchers*
  1. *conceived the ideas or experimental design;*
  2. *participated actively in execution of the study;*
  3. *analyzed and interpreted the data; or*
  4. *wrote the manuscript.*
2. *Researchers will not add or delete authors from a manuscript submitted for publication without consent of those authors.*
3. *Researchers will not include as coauthor(s) any individual who has not agreed to the content of the final version of the manuscript. [...]*
- 4.

WAME – World Association of Medical Editors (o grupo decide):

*Authorship implies a significant intellectual contribution to the work, some role in writing the manuscript and reviewing the final draft of the manuscript, but authorship roles can vary. Who will be an author, and in what sequence, should be determined by the participants early in the research process, to avoid disputes and misunderstandings which can delay or prevent publication of a paper.*

EASE – European Association of Science Editors (segue a ICMJE):

*Lista de autores, isto é, todas as pessoas que contribuíram significativamente para o planejamento do estudo, coleta de dados ou interpretação dos resultados e escreveram ou revisaram criticamente o original e aprovaram a versão final do mesmo e consideram-se responsáveis por todos os aspectos do trabalho. Todas as pessoas que cumparam o primeiro critério devem poder participar na elaboração e aprovação da versão final (ICMJE 2016). Os autores mencionados primeiro devem ser aqueles que tiveram maior participação. A ordem dos nomes dos autores deve ser determinada antes de enviar o artigo. Quaisquer alterações feitas depois do envio devem ser aprovadas por todos os autores e explicadas ao editor do periódico (Battisti et al. 2015, ver COPE flowcharts).*

ICMJE – International Committee of Medical Journal Editors (ou critérios de Vancouver)

– na área biomédica, certamente o conjunto de critérios mais referido:

1. *Contribuições substanciais para a concepção e planejamento do trabalho, ou a aquisição, análise ou interpretação de dados para o trabalho; E*
2. *Redação prévia ou revisão crítica no que respeita ao conteúdo intelectual; E*
3. *Aprovação final da versão a ser publicada; E*

4. *Concordância em poder prestar contas de todos os aspectos do trabalho, assegurando que questões relativas à precisão e integridade de qualquer parte do trabalho sejam apropriadamente investigadas e resolvidas.*

**E se um pesquisador do grupo morrer antes da submissão? Não preencheria os dois últimos critérios da ICMJE.**

A pergunta é estranha, mas já mereceu consideração, por exemplo, em Teixeira da Silva & Dobánszki, 2015.

**E se ninguém preenche os quatro critérios?**

Ver uma interessante discussão em Moffatt, 2013.

### *O primeiro, o último, em ordem alfabética ou ...*

Com a autoria múltipla, surge a questão da ordem dos nomes. A **Norma NBR 6023/2002, da ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas, determinava que a citação de **um trabalho de mais de três autores transforma todos que não o primeiro autor em *et alii* ou *et al.* (lat. ‘e outros’)**.

Na revisão de 2018 dessa Norma, isso foi flexibilizado: **“8.1.1.2 Quando houver quatro ou mais autores, convém indicar todos. Permite-se que se indique apenas o primeiro, seguido da expressão *et al.*”**.

Cada área de conhecimento (e cada país) parece ter sua cultura. Um critério de ordenação é respeitar a ordem alfabética dos sobrenomes. Uma crítica à ordem alfabética é que iguala a todos. Alguém de sobrenome *Abreu* terá mais chances de ser o primeiro autor que alguém com o sobrenome *Xavier* e, no caso de mais de três autores, algo como *Abreu, Leão, Oliveira & Xavier* seria *Abreu et alii* [condenando às trevas do esquecimento todos os demais ... Muito dramático!]. Se todos trabalharam, isso não deveria ser um problema.

Se o critério para listar autores for a contribuição, o primeiro autor é o que mais contribuiu.

Dependendo da área de conhecimento, a tradição pode levar o nome de mais prestígio e responsável pelo desenho do projeto para o último lugar na lista de autores (Borenstein & Shamoo, 2015: 272; Dance, 2012). Isso não é o mesmo que dizer que o último nome só está ali para dar peso a nomes em início de carreira, ou que é o dono da sala, que impôs seu nome ... e que sequer leu o manuscrito.



E se o trabalho resulta de uma colaboração internacional interdisciplinar?  
Não haverá vários pesquisadores com prestígio envolvidos?

Mas não é tão simples. Na Índia, por exemplo, o Conselho de Medicina reviu em 2015 os critérios para a promoção de professores de instituições médicas e, no tocante às publicações, para ser promovido há a exigência de ser indicado como primeiro ou segundo autor nas publicações (Aggarwal, Gogtay, Kumar & Sahni, 2016).

Uma área cinzenta: quem fica no meio da lista? Há quem diga que ninguém lê aqueles nomes.

### ***E onde fica o autor correspondente ?***

Em trabalhos com autoria múltipla, o *autor correspondente* (ing. *corresponding author* ou *CA*) — que pode não ser nem o primeiro nem o último autor — é o nome responsável pela comunicação com os editores:

*This means she needs to ensure that all authors are aware that the manuscript is being submitted and have had a chance to read it and sign off on it; that the potential conflicts of interest of each author are surfaced and thoughtfully collated; and that at least one author has seen, reviewed, and can vouch for the veracity of ALL of the data in the paper.* (Marcus, 2016)

Mas não só: é o nome responsável também pela comunicação com os leitores e aquele a ser contactado no caso de qualquer questão que porventura surja após a publicação. Na China (Borenstein & Shamoo, 2015: 272) — mas certamente não só lá e na dependência da área de conhecimento — confere prestígio ser o nome indicado como o *autor correspondente*, atribuição que demonstraria tratar-se de um pesquisador-sênior.

Na área Letras e Linguística no Brasil a figura do autor que responde pelo trabalho coletivo junto aos editores do periódico começa a surgir, acompanhando o aumento do número de autores por trabalho. Já está, por exemplo, nas instruções aos autores da *Revista de Estudos da Linguagem*, embora com denominação um pouco distinta (*ênfase adicionada*):

*For multiple author submissions, all authors must be registered as users of the journal; additionally, all authors must be listed on the the submission page by the submitting author. All authors must have ORCIDIDs and these have to be inserted in the Metadata section of the article [...].The **submitting author** must declare each author's contribution to the paper upon submission. [...]*

*The submitting author must declare each author's contribution to the research and paper under submission. This information release is incumbent on the submitting author and should be inserted in the "Comments to the Editor" section.*

Vem surgindo uma nova figura na publicação de trabalhos com autoria múltipla e com dados originais: o **guarantor** (algo como 'fiador', 'garante'), que atesta que teve acesso aos dados e garante a integridade e correção do que foi feito por cada autor. Nem sempre é clara a distinção entre o **guarantor** e o **autor correspondente**.

Strange (2008), com base nos quatro critérios de autoria do ICMJE, propôs que a ordenação da área seguisse os critérios no quadro a seguir.

Requirements and responsibilities of coauthors	
Author Category	Contribution and Responsibility to the Work and Publication
First author	Fulfills ICMJE authorship criteria. Performs bulk of the experimental work.
Senior author	Fulfills ICMJE authorship criteria. Typically the last person on an authorship list. Directs, oversees, and guarantees the authenticity of the work. Takes responsibility for the scientific accuracy, valid methodology, analysis, and conclusions of all work described in the paper. Able to explain all of the results described in the paper.
Corresponding author	Fulfills ICMJE authorship criteria. Typically assumed by the first or senior author. Communicates with editors and readers. Provides specific information on the contributions of all coauthors to the paper. Ensures that all authors are aware of and approve the submission of the manuscript, its content, authorship, and order of authorship.
Middle/contributing author	Fulfills ICMJE authorship criteria. Contributions do not rise to those of first or senior author. Order of middle/contributing authors should reflect their relative contributions to the paper.

ICMJE, International Committee of Medical Journal Editors.

A significação a extrair da ordenação de autores de um artigo da área biomédica segundo Strange (2008) .

### **Posso escrever um artigo científico anônimo?**

Não. Trabalho individual ou em grupo, um artigo científico tem de estar assinado. Quem assina é responsável pelos achados apresentados.

### **Posso usar um pseudônimo?**

Também não! Mas ... há casos famosos de pseudônimos na vida acadêmica.

1) **Zoroastro Azambuja Filho** e **Euclides Rosa** foram heterônimos do famoso matemático **Elon Lages Lima** (1929-2017). Não eram apenas pseudônimos porque deu vida a eles, a ponto de criar um conflito entre ambos (entrevista pelos [50 anos do IMPA](#) - Instituto de Matemática Pura e Aplicada, p. 110-111).

2) **Nicolas Bourbaki**, por sua vez, é um pseudônimo coletivo de um grupo de matemáticos fundado na década de 1930, cujos membros iniciais foram **Henri Cartan** (1904-2008), **Claude Chevalley** (1909-1984), **Jean Delsarte** (1903-1968), **Jean Dieudonné** (1906-1992) e **André Weil** (1906-1998) (*Wikipedia*, Nicolas Bourbaki).

3) *O homem que calculava* fez parte da iniciação à Matemática de muita gente no Brasil. O autor, **Malba Tahan** foi pseudônimo de **Júlio César de Melo e Sousa** (1895-1974).

Mas eram outros tempos...

### ***É preciso mesmo fazer um ranque de importância de participações?***

Uma disputa sobre quem deveria estar, por exemplo, em sétimo ou em oitavo numa lista de 10 autores soa estranha; afinal diz muito pouco para o leitor de um artigo.

**Por outro lado, se o oitavo nome não tivesse feito sua parte como ficaria o artigo?**

### ***Na lista de autores ou nos agradecimentos?***

Levada às últimas consequências, esses critérios também podem retirar alguém da lista de autores e movê-lo para a lista de contribuições que merecem agradecimento e isso nem sempre é fácil e não há consenso nem dentro de uma única área sobre inclusão e exclusão.

Vejam-se os exemplos (Strange, 2008) de tarefas que não permitiriam a inclusão de um nome na lista de autores, apenas nos agradecimentos na área biomédica.

*Examples of contributions that do not qualify for authorship but that should be acknowledged in the paper*

1. Providing funding, technical advice, reagents, samples, or patient data.
2. Providing students or technical personnel who perform studies.
3. Routine collection of data.
4. General supervision of the research group.

**Nos agradecimentos apenas (Strange, 2008)**

## **Quem é autor? A prática na área da Linguística**

Os critérios da ICMJE são estranhos a Letras e Linguística. Um exemplo. Quem gravou entrevistas, trabalhou na transcrição e trabalhou na anotação linguística do *corpus* deveria ser incluído como autor? A aplicação dos critérios do **ICMJE** para a definição de autor em Linguística diria que não seria autor se a participação se limitou a essas atividades. Como se vê, os critérios não são universais.

E se todo esse conjunto de dados for usado por outros grupos de pesquisa que sequer conhecem aqueles colaboradores que concretizaram o corpus?

Consultei informalmente três expoentes da Linguística no Brasil que sempre trabalharam com grandes grupos de pesquisa. Suas respostas confirmam que, nesta área, os critérios são decididos no grupo (“*os autores do texto decidem quem é quem, e assim procedem à sequenciação dos nomes*”) e que mesmo líderes de um grande grupo de pesquisa não são necessariamente coautores, seja em trabalhos com autoria múltipla ou mesmo em dupla (“*Raramente publico em dupla –só o fiz duas vezes*”). A tradição de publicações monoautorais ainda tem força.

## **Uma tentativa de evitar conflitos**

Cada área de conhecimento (e cada país) parece ter sua cultura para incluir ou excluir nomes de uma lista de autores de um trabalho. Melhor discutir com o grupo os nomes que serão incluídos numa publicação e sua ordenação – vale a pena fazer dessa uma decisão clara no grupo. De preferência antes de o trabalho começar. E durante o trabalho também. E deixar claro na publicação em que consistiu a colaboração de cada um.

---

## **Referências**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. *Informação e documentação* –

---

Maria Carlota Rosa – Linguística-UFRJ M.Carlota Rosa - <http://linguisticaufrjcarlotablog.wordpress.com>

Referências – Elaboração – NBR 6023, Ago. 2002.

Revisão de 2018:

<https://www.ufpe.br/documents/40070/1837975/ABNT+NBR+6023+2018+%281%29.pdf/3021f721-5be8-4e6d-951b-fa354dc490ed>

AGGARWAL, R.; GOGTAY, N.; KUMAR, R.; SAHNI, P., INDIAN ASSOCIATION OF MEDICAL JOURNAL EDITORS. 2016. The revised guidelines of the Medical Council of India for academic promotions: Need for a rethink. *Journal of Ayurveda and integrative medicine*, 7(1):3-5 <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4910577/>

BORENSTEIN, Jason & SHAMOO, Adil E. 2015. Rethinking Authorship in the Era of Collaborative Research, *Accountability in Research*, 22: 267-283. <http://nursing.msu.edu/research/Resources%20for%20Researchers/Recommende%20Reading%20Articles/Rethinking%20authorship%20in%20the%20era%20of%20collaborative%20research.pdf>

DANCE, Amber. 2012. Authorship: Who's on first? *Nature*, 489: 591–593. <https://www.nature.com/naturejobs/science/articles/10.1038/nj7417-591a>

GREENE, Mott. [2007]. The demise of the lone author. *History of the Journal Nature*. <https://www.nature.com/nature/history/full/nature06243.html>

ICMJE – International Committee of Medical Journal Editors . Who Is an Author? <http://www.icmje.org/recommendations/browse/roles-and-responsibilities/defining-the-role-of-authors-and-contributors.html>

IMPA – Instituto de Matemática Pura e Aplicada. 2003. *IMPA 50 Anos*. [http://w3.impa.br/~webnew/publicacoes/livro\\_impa\\_50\\_anos/livro\\_impa\\_50\\_a\\_nos\\_pdf.pdf](http://w3.impa.br/~webnew/publicacoes/livro_impa_50_anos/livro_impa_50_a_nos_pdf.pdf)

MOFFATT, Barton. 2013. Orphan papers and ghostwriting: The case against the ICMJE criterion of authorship. *Accountability in Research*, 20:59-71.

MARCUS, Emilie. 2016. What does it mean to be the corresponding author? *Cell's "Crosstalk"*, 8Mar2016. <http://crosstalk.cell.com/blog/what-does-it-mean-to-be-the-corresponding-author>

PATIENCE, Gregory S.; GALLI, Federico; PATIENCE, Paul & BOFFITO, Daria C. 2018. Intellectual contributions meriting authorship: Survey results from the top cited authors across all science categories. bioRxiv preprint first posted online May. 17, 2018; doi: <http://dx.doi.org/10.1101/323519>

Revista de Estudos da Linguagem . <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/index>

Revista Linguística. <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl>

STRANGE, Kevin. 2008. Authorship: why not just toss a coin?. *American journal of physiology. Cell physiology* , 295 (3): C567-75. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2544445/>

TEIXEIRA DA SILVA, Jaime & Dobánszki, Judit. 2015. The Authorship of Deceased Scientists and Their Posthumous Responsibilities. *Science Editor*. <https://www.csescienceeditor.org/article/the-authorship-of-deceased-scientists-and-their-posthumous-responsibilities/>

WIKIPÉDIA, CONTRIBUIDORES DA. *Malba Tahan*

WIKIPÉDIA, CONTRIBUIDORES DA. *Nicolas Bourbaki*

# E OS AGRADECIMENTOS? (EM ESPECIAL, NA DISSERTAÇÃO OU NA TESE)

*Publicado em dezembro 3, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

Num texto acadêmico, os agradecimentos dizem respeito a contribuições que não se qualificam como autoria. Um exemplo: o financiamento. Sem bolsa de uma FAP (*i.e.*, de uma das Fundações de Amparo à Pesquisa) ou do CNPq, da CAPES não teria sido possível o desenvolvimento do trabalho; por conseguinte, essa agência específica estará nos agradecimentos (certamente essa exigência já estava no contrato assinado).

Do mesmo modo, quem prestou ajuda técnica com aparelhos, quem permitiu acesso a dados ou quem revisou a redação contribuiu, mas não é autor. Nos Agradecimentos, então.

## ***Quem tem de estar nos agradecimentos***

**Têm de estar listados nos agradecimentos de tese, dissertação, monografia:**

**a)** no caso de bolsista, a **agência de fomento** (com o nome da bolsa e o número do auxílio);

**b) o orientador**, sem o qual sequer haveria defesa.

- Se não houver agradecimentos ao orientador, fica implícito que orientador e orientando estavam em guerra.
- Fica implícita a mensagem de que o orientador não orientou se o agradecimento ao orientador:
  - vier lá pelo meio de uma lista de agradecimentos, ou
  - se aparecerem como orientadores (pior: antes do orientador oficial) outros orientandos do orientador.

**(Vale a pena deixar o registro do mal-estar para a posteridade?)**

**Especifique em que consistiu a contribuição de cada nome arrolado.**

## O que é opcional (mas recomendável incluir) nos agradecimentos

No caso de dissertações, teses e monografias:

- a instituição em que o trabalho foi desenvolvido, que disponibilizou sua infraestrutura, como bibliotecas, laboratórios;
- outra instituição em que tenha feito estágio, bolsa sanduíche;
- os responsáveis pela liberação ou diminuição de carga horária no trabalho;
- leitores de versões prévias.

No caso de artigo, aos pareceristas que tenham contribuído para a melhoria do trabalho.

No caso de periódicos, há os que exigem autorização por escrito daquele a quem se agradece para que o nome possa ser mencionado nos agradecimentos. Evitam, desse modo, que pesquisadores-seniores pareçam dar peso a um trabalho cuja existência possam mesmo desconhecer.

## Quem (ou o que) não deve estar nos agradecimentos

Em artigos são raros, uma vez que não há espaço, mas têm sido comuns em monografias, dissertações e teses brasileiras, ao menos em Linguística, o que poderíamos classificar como *agradecimentos afetivos*. São agradecimentos relativos ao incentivo ou ao suporte, emocional e/ou financeiro, recebido de parentes, amigos e até de animais de estimação. Também são comuns os *agradecimentos religiosos*.

Podem ser comuns, mas é estranho abrir uma dissertação, tese ou monografia e encontrar agradecimentos não acadêmicos, como os exemplos a seguir. Expõem desnecessariamente e num contexto inapropriado a intimidade do autor:

- *Agradeço ao meu namorado, XXXXX, com quem eu sei que passarei o resto da minha vida.*
- *Primeiro de tudo, gostaria de agradecer a Deus por manter a minha mãe ao meu lado.*
- *À minha cadela, que sempre quando eu estava triste me alegrou (mesmo sem dizer uma palavra) com todo o seu amor.*
- *Aos meus amigos que acreditaram em mim.*
- *Às minhas tias que sempre se alegram com minhas conquistas acadêmicas e pessoais.*
-



Mas e os amigos do café antes das aulas? As tias? O namorado? **Chame-os para uma comemoração!** Num trabalho longo como a tese, o afeto por essas pessoas (e o amor a Deus) poderia achar lugar na **Dedicatória**.

## **É caso de agradecimento ou de coautoria?**

Teses e dissertações não trazem esse problema.

Comece a preparar o arquivo dos agradecimentos quando estiver começando o trabalho. Garanta desse modo que colegas e professores que contribuíram com sugestões ou comentários relevantes, bibliografia, dados não sejam esquecidos.

---

### **Sugestão de leitura:**

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. 2018. Agradecimentos em artigos científicos: o ponto de vista de pesquisadores. *Prisma*, 37: 55-70. <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/download/4708/4401>

MONTEIRO, Rosangela *et al.* 2004. Critérios de autoria em trabalhos científicos: um assunto polêmico e delicado. *Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular* .19 (4): III-VIII. [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-76382004000400002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-76382004000400002&script=sci_arttext)

MONTENEGRO, Mano R. & ALVES, Venâncio A. Ferreira. Critérios de autoria e coautoria em trabalhos científicos. *Acta Botanica Brasilica* [online]. 1997, 11 (2): 273-276 [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-33061997000200014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-33061997000200014&script=sci_arttext)

---

### **Referências**

Parte do material desta postagem reproduz

Rosa, Maria Carlota. 2015. *Guia para trabalhos monográficos originais*. Material para os orientandos.

# AINDA A AUTORIA

Publicado em novembro 12, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Autoria não é presente, como já se ressaltou aqui [anteriormente](#). Somos responsáveis pelo que assinamos. Autoria também não é uma cortesia a se fazer com colegas, amigos, parentes. Menos ainda se for uma cortesia-surpresinha, da qual o agraciado não é avisado, como parece ter acontecido em dois dos trabalhos retratados do Dr. Reuben. Quem assina um trabalho tem de “*estar ciente de como os resultados foram apresentados e estar disposto a defender o manuscrito final*”, afirmam Padula, Somerville & Mudrak, 2018. Resumem, desse modo, o quarto e último dos critérios de autoria estabelecidos pelo *International Committee of Medical Journals Editors (ICMJE)* que têm de ser satisfeitos por cada autor, a saber:

- *Contribuições substanciais para a concepção e planejamento do trabalho, ou a aquisição, análise ou interpretação de dados para o trabalho; E*
- *Redação prévia ou revisão crítica no que respeita ao conteúdo intelectual; E*
- *Aprovação final da versão a ser publicada; E*
- *Concordância em poder prestar contas de todos os aspectos do trabalho, assegurando que questões relativas à precisão e integridade de qualquer parte do trabalho sejam apropriadamente investigadas e resolvidas.*

***Mas tenho de responder pelo que não fiz no trabalho? Essa parte nem é minha área!***

No famoso caso Imanishi-Kari, David Baltimore, um dos autores e, já na época, Prêmio Nobel, assim se referiu aos dados do artigo da *Cell*:  
“*It was the kind of work I didn't know how to do, had never done, and I had collaborated with Imanishi-Kari for that reason*” (Kleves, 1996: 99)

O comentário de Baltimore vai ao encontro da crítica de que o quarto critério do ICMJE não é razoável ou viável para todos os membros de uma equipe:

*For example, many undergraduate researchers do not have the authority or expertise to handle the associated responsibilities contained with ICMJE's criterion. Along these lines, postdoctoral fellows are often at the mercy of a lab director in terms of their professional future and do not always have robust support systems in place to protect them from reprisal if they seek to uphold the “accuracy or integrity” of a project. [...] The power differential between junior and seniors researchers is hard to ignore. Furthermore,*

*one collaborator may effectively have no way of knowing how another's data were obtained or what they fully mean. For example, a biochemist collaborating with an X-ray crystallographer or an electron microscopist might not be able to, or struggle to, appreciate the field-specific nuances of the other person's work. (Borenstein & Shamoo, 2015: 274)*

Caso se leve em conta quem tomou parte da redação do texto em algum momento, de novo vem a pergunta: como ficam trabalhos com equipes multidisciplinares, de diferentes centros (parte deles não nativos da língua em que sairá a publicação)? [E se o número de autores chegar aos milhares, se forem mais de 5000 autores](#), por exemplo, como no trabalho sobre o bóson de Higgs de 2015? Ou mesmo 20? Que contribuições num projeto qualificam alguém como *autor* de um trabalho?

A complexidade do problema vem promovendo a proposta, pelo menos [desde 2012](#), de que se deixe claro o tipo de contribuição de cada um, caso da [taxonomia CRediT](#).

As áreas têm culturas diferentes. Um exemplo.

*No começo dos anos 1990, passeando pela seção de painéis de um encontro de física, chamou a minha atenção um trabalho sobre estatística de distribuição de níveis de energia em um cristal. [...] Perguntei ao colega que estava apresentando o painel sobre essa estatística e a resposta foi que ele fizera os cálculos dos*

*níveis de energia, não sabia interpretá-los e quem poderia responder a minha pergunta era o outro autor, que não estava presente. [...] Na época o desconforto que a questão suscitou foi aplacado pela lembrança de uma prática internalizada na comunidade científica a qual pertencia. Experimentos importantes são realizados por diferentes grupos utilizando amostras sofisticadas obtidas em poucos laboratórios. O uso dessas amostras configura um tipo de colaboração comum e os artigos resultantes dessas colaborações sempre têm o produtor das amostras como autor. Faz parte do paradigma da comunidade a percepção clara da função específica daquele autor na lista de autores. A autoridade dele é sobre a amostra e não sobre a pesquisa resultante em si. (Schulz, 2017)*

---

BORENSTEIN, Jason & SHAMOO, Adil E. 2015. Rethinking Authorship in the Era of Collaborative Research, *Accountability in Research*, 22: 267- 283.

<http://nursing.msu.edu/research/Resources%20for%20Researchers/Recommended%20Reading%20Articles/Rethinking%20authorship%20in%20the%20era%20of%20collaborative%20research.pdf>

CASTELVECCHI, Davide. 2015. Physics paper sets record with more than 5,000 authors. *Nature News*. <https://www.nature.com/news/physics-paper-sets-record-with-more-than-5-000-authors-1.17567#/b1>

---

Maria Carlota Rosa – Linguística-UFRJ M.Carlot Rosa - <http://linguisticaufrjcarlotablog.wordpress.com>

HARVARD UNIVERSITY AND THE WELLCOME TRUST. 2012. *Report on the International Workshop on Contributorship and Scholarly Attribution, IWCSA Report* .

[http://projects.iq.harvard.edu/files/attribution\\_workshop/files/iwcsa\\_report\\_final\\_18sept12.pdf](http://projects.iq.harvard.edu/files/attribution_workshop/files/iwcsa_report_final_18sept12.pdf)

KLEVES, Daniel J. 1996. The assault on David Baltimore. *The New Yorker*, 27Maio1996.

<http://web.mit.edu/chemistryrcr/Downloads/Baltimore.pdf>

PADULA, Danielle; SOMERVILLE, Theresa & MUDRAK, Ben. 2018. Todos os periódicos devem ter uma política que defina a autoria – aqui está o que incluir [Publicado originalmente no blog LSE Impact of Social Sciences em Janeiro/2018] [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2018. <https://blog.scielo.org/blog/2018/08/31/todos-os-periodicos-devem-ter-uma-politica-que-defina-a-autoria/>

SCHULZ, Peter. 2017. Já não se fazem mais autores como antigamente. *Jornal da Unicamp*. 17Out2017. <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/peter-schulz/ja-nao-se-fazem-mais-autores-como-antigamente>

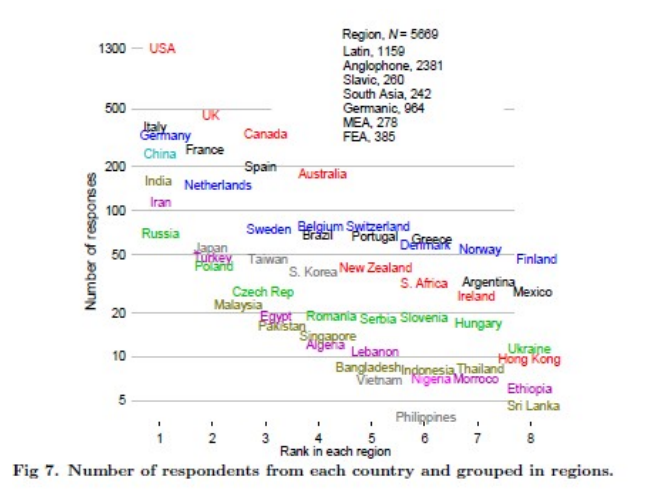
[\[Parte 1\]](#) [\[Parte 2\]](#) [\[Parte 3\]](#)

# NA LISTA DE AUTORES OU NOS AGRADECIMENTOS

Publicado em novembro 26, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

## Uma pesquisa com cerca de 6000 entrevistados

No início deste ano de 2018, Patience et alii publicaram um *preprint* em que relatavam uma pesquisa sobre o que, na prática, seria ou não considerado autor. As respostas vieram de diferentes países (Quadro 1), de diferentes áreas de conhecimento.



Quadro 1

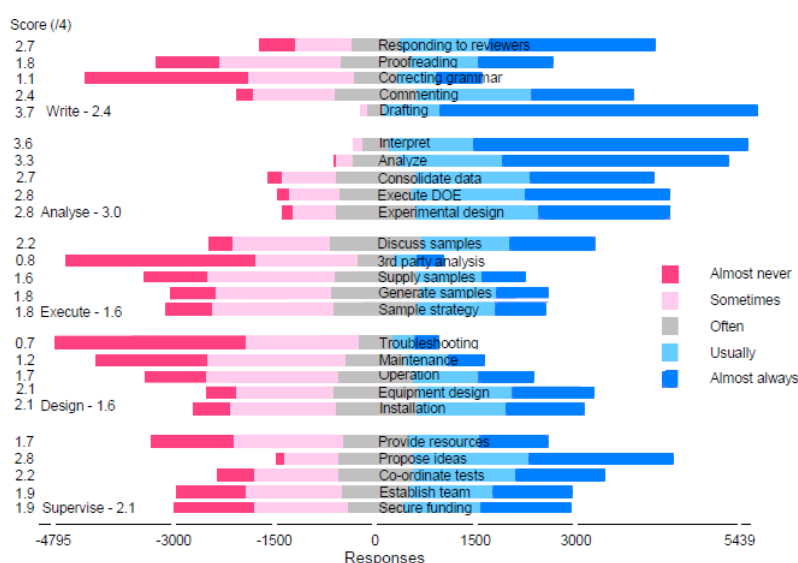
Poucas foram as respostas enviadas pelo que foi classificado como *literatura* (apenas 36) e como *filosofia* (38) (Quadro 2), afinal, a autoria múltipla não é tradição nessas áreas e “[t]he Researchers in the humanities, mathematics, theoretical physics, and economics stated that most of the questions did not apply to them”.

**Table 1.** Participation rates based on scientific discipline allowing for multiple affiliations between categories ( $N_T = 6703$ ). The total number of independent responses was 5363.

$N$	Pure and applied and natural sciences	$N$	Social sciences
913	Biology	473	Psychology
863	Medicine	400	Business
794	Engineering	201	Sociology
726	Chemistry	176	Health
415	Geological Sciences	118	Political Science/Law
287	Physics	97	Education
267	Material Science	38	Philosophy
260	Agricultural Science	36	Literature
249	Computer Science		
158	Environmental Science		
81	Archaeology/Anthropology		
76	Mathematics		
75	Statistics		

### Quadro 2

Para muitas das atividades discriminadas no questionário, as respostas demonstravam que podiam ser incluídas como autoria “quase sempre” ou “quase nunca” praticamente na mesma proporção (Quadro 3).



### Quadro 3

O artigo pode ser facilmente consultado, porque está num servidor de *preprints*, o [bioRxiv](https://www.biorxiv.org/). A referência completa:

**Patience, Gregory S.; Galli, Federico; Patience, Paul & Boffito, Daria C. 2018. Intellectual contributions meriting authorship: Survey results from the top cited authors across all science categories. *bioRxiv* preprint first posted online May. 17, 2018; doi:**

<http://dx.doi.org/10.1101/323519>

# DE NOVO A QUESTÃO DA AUTORIA: AUTOR OU COLABORADOR?

Publicado em março 30, 2020 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Em 2019 a Revista da ABRALIN/ Associação Brasileira de Linguística anunciava a adoção da ferramenta **CRedit/ Taxonomia da Função de Contribuidor (Contributor Role Taxonomy)**, da CASRAI / Consortia Advancing Standards in Research Administration Information, deixando assim de lado o autor e trazendo para a cena o colaborador.

Ao divulgar aquele informe em setembro de 2019 ([A Revista da ABRALIN adota a taxonomia CRedit/Contributor Roles Taxonomy \(Taxonomia das Funções do Colaborador\)](#)) chamei a atenção para o fato de o autor único ainda ser comum na Linguística, o que se reflete nas instruções para a submissão de trabalhos de várias publicações brasileiras e que seria interessante acompanhar a implantação desse modelo na área da Linguística brasileira.

A edição de janeiro de 2020 do *SciELO em Perspectiva* trouxe algumas considerações sobre a nova ferramenta, num artigo de Elizabeth Gadd. Uma delas é que o modelo não foi pensado para a Artes e Humanidades. E se para a Linguística a figura do autor único ainda não morreu, há que concordar com Gadd que “*nomear um único autor como “contribuidor” parece totalmente inapropriado*”. Para Gadd, outras questões ultrapassam uma possível

inadequação na descrição do papel do único responsável por um trabalho acadêmico. Uma dessas questões é a linha que separa quem contribui com uma pesquisa e quem é autor num artigo. Em termos legais, quando da publicação de um artigo, o autor correspondente transfere os direitos de publicação; se é apenas um dos contribuidores, deixa de poder assumir esse papel.

Gadd levanta uma questão mais grave:

*É claro que nossa obsessão interminável com crédito baseado em publicações inevitavelmente levará alguns a fazer uso do CRedit para avaliações de pesquisa ostensivamente mais justas. Sabemos que fazer uma citação em um artigo no qual você foi o 1.000º autor não pode significar a mesma coisa que fazer uma citação em um artigo no qual você foi o único autor. A Clarivate argumentou recentemente que, com o aumento de artigos de hiperautoria, o fracionamento de citações deve se tornar a norma. Faz sentido. Como é natural, então, começar a ponderar citações com base na função real que você desempenhou em um artigo?*

.....

*Não tenho certeza de que haja alguma maneira de mitigar os piores efeitos disso. E estou particularmente preocupada porque, é claro, os dados subjacentes do CRediT necessários para executar estas análises serão coletados e pertencerão aos publishers. Observo no site do CASRAI que eles procuram “garantir que o CRediT esteja vinculado ao ORCID e incluído na captura de metadados do Crossref”. Mas nem todos os metadados ingeridos pelo Crossref estão disponíveis abertamente. E o maior publisher de periódicos do mundo, que recentemente anunciou a adoção do CRediT por 1.200 de seus periódicos, de maneira infame, não coopera com serviços de citação abertos.*

---

GADD, Elizabeth. 2020. *Verificação CRediT – Devemos adotar ferramentas para diferenciar as contribuições em trabalhos acadêmicos?* [Publicado originalmente no LSE Impact Blog em janeiro/2020] [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2020 Available from: <https://blog.scielo.org/blog/2020/01/23/devemos-adotar-ferramentas-para-diferenciar-as-contribuicoes-em-trabalhos-academicos/>



# TENHO DE PAGAR PARA PUBLICAR UM ARTIGO?

Publicado em setembro 4, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

## ***Quando não é preciso pagar***

Quem, por exemplo, submete um artigo a uma revista de uma universidade pública brasileira, como [Linguística](#), [Diadorim](#) ou [Policromias](#), as duas primeiras dos programas de pós-graduação em Linguística e em Letras Vernáculas, respectivamente, a última, do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som, todos da UFRJ; ou submete um artigo à revista [Confluência](#), do Instituto de Língua Portuguesa, fica com a ideia de que nunca se paga para publicar, que a edição de uma revista é um processo totalmente gratuito.

Como essas revistas, há muitas outras, impressas, impressas e eletrônicas ou apenas eletrônicas para onde se pode mandar um artigo e esperar pelo resultado da avaliação. Aceito ou não o trabalho, o autor não é cobrado. Em comum: esses periódicos estão ligados a instituições sem fins lucrativos.

Trazer a público qualquer revista tem custos, porém. Os editores de publicações que são gratuitas para leitores e autores estão sempre às voltas com orçamentos apertados e pedidos de auxílio a agências como CAPES, CNPq ou a alguma FAP. Não importa que os pareceristas nada cobrem para avaliar um trabalho: há — pelo menos — os gastos com papel e gráfica e/ou com os recursos para fazer um *site* e mantê-lo no ar.

## ***Quando é preciso pagar***

Diferentemente das revistas acadêmicas ligadas a instituições de ensino e pesquisa, as revistas acadêmicas de editoras comerciais são um negócio e, como tal, procuram lucro. Elas se sustentam cobrando dos leitores (são as assinaturas) e/ou dos autores (são as taxas de publicação ou *taxas de processamento de artigos* (ing. *Article Processing Charges*, APCs).

[\[Continua\]](#)

# QUANDO QUEM PAGA PELO ARTIGO É O LEITOR (OU A CAPES)

Publicado em setembro 5, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Tente entrar no Portal de Periódicos da CAPES de um IP que não tenha sido autenticado por uma das instituições participantes do Portal. Aparecerá a mensagem a seguir.



E quais são as instituições participantes?

Podem acessar gratuitamente o Portal de Periódicos as instituições que se enquadram em um dos seguintes critérios:

- I - Instituições federais de ensino superior;
- II - Unidades de pesquisa com pós-graduação, avaliadas pela CAPES com nota 4 (quatro) ou superior;
- III - Instituições públicas de ensino superior estaduais e municipais com pós-graduação avaliadas pela CAPES com nota 4 (quatro) ou superior;
- IV - Instituições privadas de ensino superior com pelo menos um doutorado com avaliação 5 (cinco) ou superior pela CAPES;
- V - Instituições com programas de pós-graduação recomendados pela CAPES e que atendam aos critérios de excelência definidos pelo Ministério da Educação (MEC)

CAPES. [Quem participa](#)

A leitura é autorizada apenas para professores, alunos e funcionários no grupo acima; para outros casos se torna necessária a assinatura.

Mesmo para quem está no grupo acima e tem acesso por um IP autenticado não é impossível encontrar um texto que só poderá ser lido com pagamento extra.

Sem IP autenticado, porém ...

# UMA DIGRESSÃO NECESSÁRIA: O ACESSO ABERTO (AA)

Publicado em setembro 6, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

*Uma antiga tradição e uma nova tecnologia convergiram para tornar possível um avanço histórico. A antiga tradição é a disposição de cientistas e acadêmicos em publicar o fruto de suas pesquisas sem remuneração, em nome da transparência e democratização do conhecimento. A nova tecnologia é a internet. O avanço histórico que eles possibilitam é a distribuição da literatura acadêmica arbitrada por toda a extensão do globo e o acesso totalmente irrestrito e gratuito por parte de qualquer cientista, acadêmico, professor, estudante ou outro interessado. Desfazer as barreiras que impedem o acesso a esta literatura irá acelerar a pesquisa, fortalecer a educação e difundir o conhecimento de maneira geral, tirando dela seu máximo proveito e assentando as bases para a união da humanidade em uma ampla e inédita conversação intelectual comum em sua marcha pelo conhecimento.*

Assim tem início o documento originado da conferência realizada em Budapeste (Hungria) no final de 2001 (BOAI), publicado em 2002 e que marca o início efetivo ao movimento pelo Acesso Aberto, um esforço internacional para que a literatura de qualquer área científica se tornasse disponível na internet . Era um ideário democrático, que se contrapunha às assinaturas e restrições de acesso à leitura de trabalhos acadêmicos.

*Por “acesso aberto” [...] nos referimos à [...] disponibilidade gratuita na internet, permitindo a qualquer usuário a ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, buscar ou usar desta literatura com qualquer propósito legal, sem nenhuma barreira financeira, legal ou técnica que não o simples acesso à internet. A única limitação quanto à reprodução e distribuição, e o único papel do copyright neste domínio sendo o controle por parte dos autores sobre a integridade de seu trabalho e o direito de ser propriamente reconhecido e citado. (Iniciativa de Budapeste pelo Acesso Aberto/ Budapest Open Access Initiative – BOAI)*

Era uma convocação para a remoção de obstáculos, especialmente os financeiros, que impedissem o livre acesso ao conhecimento:

*Convidamos governos, universidades, bibliotecas, editores, publishers, fundações, sociedades científicas, associações profissionais e pesquisadores que compartilham de nossa visão a se unirem a nós na tarefa de remover as barreiras ao acesso aberto e a construir um futuro onde pesquisa e educação, em todas as partes do mundo, floresçam com muito mais liberdade.*

No Brasil,

*são praticamente simultâneas as declarações do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT), vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia e a da BIREME (GOULART, 2006). Ambas as declarações são de 2005 e, tanto o IBICT como a BIREME, tornaram-se atores determinantes para a ampliação do número e da legitimidade que os periódicos eletrônicos de acesso aberto tiveram no País. No caso do IBICT, sua equipe de técnicos traduziu e customizou, em 2003, o OJS, disponibilizando a versão oficial, em português, com a denominação de Sistema de Editoração Eletrônica de Revistas (SEER), largamente utilizado por diferentes áreas e instituições brasileiras. A BIREME liderou a criação do projeto SciELO, em parceria com a FAPESP e editores de revistas científicas brasileiras. (Goulart & Flores 2017. *Os dilemas do acesso aberto*)*

As iniciativas de AA multiplicaram-se com o tempo. A União Europeia, por exemplo, colocou em 2020 o prazo para que os países membros garantissem que deveria haver *“open access to publications resulting from publicly funded research as soon as possible, preferably immediately and in any case no later than six months after the date of publication, and twelve months for social sciences and humanities”* (European Commission. *Commission Recommendation*) .





O documento de 2002 já notava que *“muitas iniciativas diferentes vêm comprovando que o acesso aberto é economicamente viável”* , mas assinalava também que

*[s]e a literatura periódica arbitrada deveria ser acessível pela internet sem custo para os leitores, produzi-la não é possível sem custos. No entanto, há experimentos, que demonstram que o custo médio para oferecer acesso aberto a esta literatura é muito mais baixo que o custo tradicional das formas convencionais de difusão.*

## **MAIS?**

- *Scientists and subscription journals tussling for power* (SciDevNet)
- *Glossário do Acesso Aberto* (Fiocruz)
- *In dramatic statement, European leaders call for ‘immediate’ open access to all scientific papers by 2020* (Science)
- *Como encontrar artigos em acesso aberto – dicas do meu nerd favorito* (SciELO em Perspectiva)

Quer consultar periódicos, artigos ou mesmo o próprio nome em AA? Consulte o *site* do DOAJ/ Directory of Open Access Journals. Três exemplos de revistas brasileiras da área Linguística que já estão nesse Diretório (e, portanto, os artigos de cada número são de livre acesso):

 <b>Confluência</b> ISSN: 1415-7403 (Print); 2317-4153 (Online) <a href="http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/Index.php/rc/Index">http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/Index.php/rc/Index</a> Blind peer review Subject: Language and Literature: English language   Language and Literature: Philology, Linguistics Date added to DOAJ: 21 Jul 2015 Record Last Updated: 1 Jan 1970	 
 <b>DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada</b> DELTA ISSN: 0102-4450 (Print); 1678-460X (Online) <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0102-4450&amp;script=sci_serial">http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0102-4450&amp;script=sci_serial</a> Editorial review Subject: Language and Literature: Philology, Linguistics Date added to DOAJ: 23 Apr 2004 Record Last Updated: 16 Sept 2016	 
 <b>Revista Linguística</b> ISSN: 1808-835X (Print); 2238-975X (Online) <a href="https://revistas.ufrj.br/index.php/rl">https://revistas.ufrj.br/index.php/rl</a> Double blind peer review Subject: Language and Literature: Philology, Linguistics Date added to DOAJ: 21 Jul 2018 Record Last Updated: 21 Jul 2018	 

# SE NÃO É O LEITOR, QUEM PAGA?

## PARTE 1: OS MODELOS DE AA

Publicado em setembro 10, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Em [recente artigo](#), Pierre Mounier perguntava “**para qual modelo de publicação em acesso aberto estamos nos dirigindo?**”, deixando claro que há muito mais em jogo que o livre compartilhamento do conhecimento:

*No momento, este debate parece uma arena confusa onde cada um tenta empurrar seu próprio modelo baseado em seus próprios interesses ou objetivos: a Comissão Europeia, por exemplo, empurra para o **acesso aberto verde** baseado em autoarquivamento em repositórios como [Zenodo](#), porque a principal, senão única, razão pela qual eles querem desenvolver o acesso aberto é acelerar drasticamente a transferência de conhecimento dos laboratórios para a indústria, a fim de promover a inovação na indústria europeia e aumentar sua competitividade nos mercados globais. Os governos do Reino Unido e da Holanda apoiam o modelo comercial de **acesso aberto dourado**, pois são países onde a publicação acadêmica é uma indústria. Muitas universidades apoiam **repositórios institucionais** pois são instrumentos importantes para manter o controle de seus ativos científicos. As bibliotecas geralmente vão na mesma direção, porque estão enfrentando um desafio importante em termos de financiamento e uso, como consequência da mudança de um sistema baseado em assinatura para um modelo de article processing charge (APC). Os pesquisadores se posicionam de muitas maneiras diferentes, de acordo com sua disciplina, posição em sua carreira, afiliação e até experiências passadas com publishers.*

***A que o excerto acima se refere com as expressões “acesso aberto verde” (ou via verde) e “acesso aberto dourado” (ou via dourada)?***

Faz referência a duas estratégias para a implementação do acesso aberto, presentes no documento resultante da conferência de Budapest ([BOAI](#) , 2002): o autoarquivamento e os periódicos eletrônicos de acesso aberto:

A primeira estratégia é a de **auto-arquivamento – via verde (green road)**, que trata do arquivamento que poderá ser realizado pelos próprios autores de artigos científicos já publicados ou aceitos para publicação, obtendo autorização ( **sinal verde**) dos editores que os aceitaram para que possam disponibilizar em um servidor de arquivo aberto. A segunda estratégia trata de **via dourada (golden road)**, que abrange os **periódicos científicos eletrônicos cujo acesso aberto a seus conteúdos é garantido pelos próprios editores**. Sendo assim, a publicação em ambiente de acesso aberto está assegurada no próprio periódico. São essas duas estratégias norteadoras das discussões sobre arquivos abertos. (Alves, 2008 – ênfase adicionada)

### Como o AA se sustenta?

Em geral são apontados dois tipos de ações:

- a) a ação de agências governamentais, universidades, fundações, sociedades científicas ...
- b) a cobrança de taxas dos autores, o acesso aberto para apenas parte dos artigos, o lucro obtido com outros periódicos da mesma editora comercial...

---

### Referências

ALVES, Virginia Barbara Aguiar. Open Archives: Via Verde ou Via Dourada? *Ponto de Acesso*, 2 (2): 127-137, ago. / set. 2008.

<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1780/2172>

MOUNIER, P. Em direção ao acesso aberto universal? Por que precisamos de bibliodiversidade em vez de uma “bala de prata” [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2018. <https://blog.scielo.org/blog/2018/08/14/em-direcao-ao-acesso-aberto-universal-por-que-precisamos-de-bibliodiversidade-em-vez-de-uma-bala-de-prata/>

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. (2018, June 20). Institutional repository. In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Retrieved 21:13, September 6, 2018.

[https://en.wikipedia.org/wiki/Institutional\\_repository](https://en.wikipedia.org/wiki/Institutional_repository)

[Parte 1] [Parte 2] [Parte 3] [Parte 4]



# SE NÃO É O LEITOR, QUEM PAGA?

## PARTE 2: O ACESSO ABERTO VERDE NO BRASIL

Publicado em setembro 17, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

*Para países em desenvolvimento, como o Brasil, a questão do acesso ao que é publicado nas melhores revistas, mesmo quando o autor é brasileiro e membro de uma universidade local, é especialmente difícil e perversa. Aqui, como na maioria daqueles países, é o Estado que financia a educação dos novos cientistas, desde seu início até a obtenção dos graus mais altos, seja em instituição nacional ou estrangeira. Uma vez formado e já pesquisando, normalmente em uma universidade também mantida pelo Estado, sua pesquisa é frequentemente financiada pelas agências de fomento federais ou estaduais, vale dizer, de novo, dinheiro público. Terminada a pesquisa, sua divulgação em reuniões e congressos será de novo financiada pelo Estado. Finalmente, a publicação em revista indexada poderá também receber auxílios dos cofres públicos, pois em algumas áreas as editoras cobram dos autores por página publicada. Ao publicar em uma revista, é hábito o autor ceder às editoras o direito autoral sobre o artigo. Uma vez publicada, entra em cena de novo o Estado, financiando as bibliotecas para sua compra. (Mueller, 2006).*

Para mudar essa situação, os esforços do Brasil com relação aos Repositórios não foram poucos.

O IBICT/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, órgão do Ministério de Ciência e Tecnologia que coordena, no Brasil, as atividades de informação em C&T, em 2005 publicava o *Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica*, em que formalizava a adesão ao AA. Em 2016, lançava o *Manifesto de Acesso Aberto a Dados da Pesquisa Brasileira para Ciência Cidadã*, que “dá continuidade e amplia a sua política de apoio ao acesso aberto/livre à informação científica no Brasil”.

A atuação do IBICT redundou em iniciativas como as seguintes:

- [Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Brasil – BDTD](#) (parte do OASISBR);
- [Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica – OASISBR](#);
- [Repositório Comum do Brasil – DEPOSITA](#);

- **Diretório de Políticas de Acesso Aberto dos Periódicos Científicos Brasileiros – Diadorim;**
- **Sistema Eletrônico de Publicação de Revistas – SEER / OJS** Incluiu ainda o Brasil em *La Referencia/ Rede Federada de Repositórios Institucionais de Publicações Científicas* e disponibiliza a lista de **Repositórios Brasileiros**

Em 2015, a UFRJ aprovava a criação de seu **Repositório Institucional**, o **Pantheon**, para o acesso aberto a teses e dissertações da UFRJ, artigos científicos, livros eletrônicos, capítulos de livros e trabalhos apresentados em eventos por professores, pesquisadores, funcionários administrativos e alunos de mestrado e doutorado, mas também a monografias de fim de curso.

---

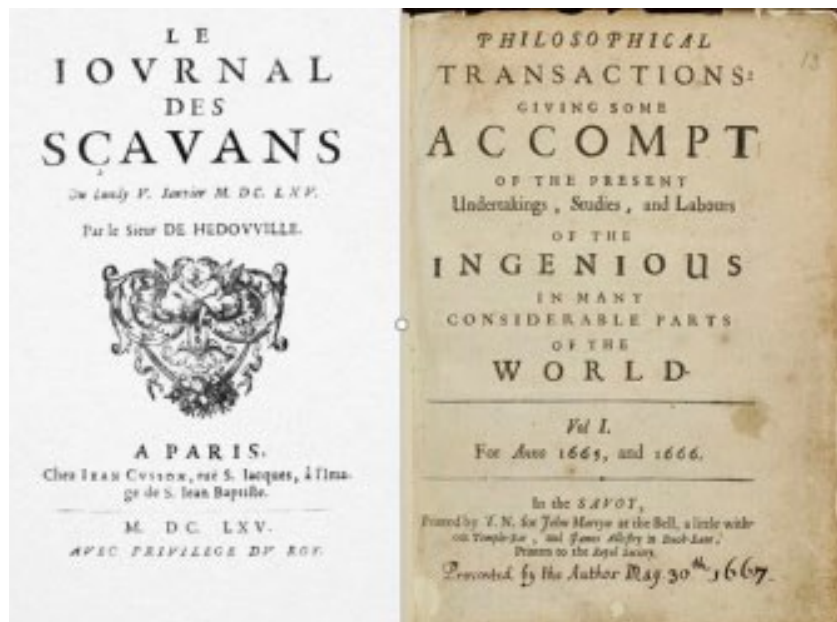
MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. 2006. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. *Ciência da Informação*, 35 (2): 27-38, maio/ago.2006. <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a04v35n2.pdf>

# SE NÃO É O LEITOR ...

## PARTE 3: A VIA DOURADA

Publicado em setembro 24, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Surgidos no século XVII, os periódicos científicos viriam a se firmar como o meio mais utilizado de divulgação de resultados de pesquisa entre pesquisadores .



Os dois primeiros periódicos científicos, surgidos quase ao mesmo tempo, em 1665: *Le Journal des Sçavans* e *Philosophical Transactions* (Raichvarg & Jacques, 1991:8) – Imagens: Creative Commons

O papel já substituíra outros suportes e a impressão em papel barateava os custos dos exemplares.

Em fins do século XX o número de periódicos científicos arbitrados por pares, ainda na forma de impressos, já era enorme (em torno de 20.000) e as bibliotecas universitárias (e não só) idealmente deveriam incorporá-los a todos ao acervo. Mas as reclamações sobre a constante elevação de preços começavam a ser ouvidas: um exemplo, [University actions against high journal prices](#) (2004). A crise chegava a bibliotecas que tradicionalmente não tinham problemas financeiros. Nesse contexto, o movimento pelo acesso aberto ganhava força.

## ***O acesso aberto dourado ganha um lado desagradável: as taxas de publicação ou APCs***

As editoras comerciais e algumas sociedades rapidamente incorporaram o modelo AA ao lucrativo modelo de negócios. Surgiam as *Article Processing Charges (APCs)*, cobradas dos autores uma vez aceito um trabalho submetido.

Os valores das APCs podem ser muito altos, especialmente nas revistas de alguns grupos editoriais. Um exemplo no quadro a seguir.

Journal	USD	GBP	EUR
<b>1. Multidisciplinary</b>			
Nature Communications	\$5200	£3300	€3850
Scientific Data	\$1675	£1110	€1305
Scientific Reports	\$1760	£1165	€1370
<b>2. Communications Journals</b>			
Communications Biology	\$2570	£1700	€2000
Communications Chemistry	\$2570	£1700	€2000
Communications Physics	\$2570	£1700	€2000
<b>3. Nature Partner Journals</b>			
npj 2D Materials and Applications	\$2800	£1840	€2180
npj Aging and Mechanisms of Disease	\$2800	£1840	€2180
npj Biofilms and Microbiomes	\$3300	£2170	€2570
npj Breast Cancer	\$2800	£1840	€2180
npj Clean Water	\$2800	£1840	€2180
npj Climate and Atmospheric Science	\$2800	£1840	€2180
npj Computational Materials	\$2000	£1310	€1560
npj Digital Medicine	\$2800	£1840	€2180
npj Flexible Electronics	\$3300	£2170	€2570
npj Genomic Medicine	\$3300	£2170	€2570
npj Materials Degradation	\$2000	£1310	€1560
npj Microgravity	\$3300	£2170	€2570
npj Parkinson's Disease	\$2800	£1840	€2180
npj Precision Oncology	\$2800	£1840	€2180
npj Primary Care Respiratory Medicine	\$2800	£1840	€2180
npj Quantum Information	\$3300	£2170	€2570
npj Quantum Materials	\$2000	£1310	€1560
npj Regenerative Medicine	\$3300	£2170	€2570
npj Schizophrenia	\$3300	£2170	€2570
npj Science of Food	\$3300	£2170	€2570
npj Science of Learning	\$3300	£2170	€2570
npj Systems Biology and Applications	\$2800	£1840	€2180
npj Vaccines	\$3300	£2170	€2570

Em setembro de 2018 o preçário acima discrimina a APC que o autor deve pagar para publicar um artigo numa das revistas de acesso aberto do grupo Nature.

O absurdo dos valores não se coloca apenas para bolsistas de um programa de pós-graduação. Como notava [Nassi-Calò \(2016\)](#),

*“se a taxa de publicação da PLoS Biology equivale à metade do salário de um professor assistente nos EUA, na Índia ela equivale a dois meses de salário deste profissional. Soma-se a este fato a restrição de verbas para pesquisa a nível mundial, e o pagamento das APCs por agências de fomento já não é uma solução, mas a continuidade problema”.*

A situação leva ao paradoxo assinalado pelo Prof. Jean-Pierre Guedón, da Universidade de Montreal, numa matéria em [Phys.org](#):

*“In almost every country in the world, research is supported by public funds. When researchers publish their results in academic journals, they do so for free. The results are also reviewed by peers for free. And journals often require researchers to give up their rights to these articles. Then, major publishers or learned societies sell their journals at exorbitant prices to libraries... which are also financed by public funds! It's a vicious circle in which taxpayers pay for the production and access to researchers while publishers and societies make profits of 30-45% before taxes”.*

No entanto, mesmo recebendo fundos públicos, algumas revistas passaram a cobrar APC. É o caso, por exemplo, da *Revista de Saúde Pública*, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo:

Embora as revistas recebam subvenções de instituições públicas, estas não são suficientes para sua manutenção. Assim, a cobrança de taxa de publicação passou a ser alternativa para garantir os recursos necessários para produção da RSP.

A USP garante os recursos básicos, mas não são suficientes. Assim, temos que contar com recursos complementares, além das agências de fomento.

A RSP em 2016 completa 50 anos de publicação e somente em 2012 iniciou a cobrança de taxa de artigos, fato este imperioso para garantir sua continuidade, sobretudo permitindo-lhe evoluir com tecnologias mais avançadas, mas que exigem também maior qualidade e recursos tecnológicos.

O valor cobrado é avaliado regularmente. Assim, para os artigos submetidos a partir de **janeiro de 2017**, o valor da taxa será de 2.200,00 para artigo original, revisão e comentário, e de 1.500,00 para comunicação breve.

A RSP fornecerá aos autores os documentos necessários para comprovar o pagamento da taxa, perante instituições empregadoras, programas de pós-graduação ou órgãos de fomento à pesquisa.

ou ainda o *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, da Associação Brasileira de Divulgação Científica:

- The authors are responsible for "publication charges" of all accepted papers. Publication charges will be billed to the Corresponding Author when the paper is accepted.
- The charge is R\$3.300,00/paper for Brazilian authors and US\$1.600,00/paper for authors outside Brazil and is independent of the length of the paper.

LAVOIE, Joanie & BÉRUBÉ, Dominique. 2016. Crisis in academic publishing. *Phys.org*.  
<https://phys.org/news/2012-06-crisis-academic-publishing.html>

RAICHVARG, Daniel & JACQUES, Jean. 1991. *Savants et ignorants: Une histoire de la vulgarisation des sciences*. Paris: Seuil.

### Imagens

*Le Journal des Scavans* – Autor Desconhecido – [File:1665 journal des scavans title.jpg](#)

By Henry Oldenburg – Philosophical Transactions, CC BY 4.0

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=36495651>

Wikimedia Commons contributors, 'File:Philosophical Transactions Volume 1 frontispiece.jpg',

Wikimedia Commons, the free media repository, 1 July 2020, 08:34 UTC,

<[https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:Philosophical\\_Transactions\\_Volume\\_1\\_fr  
ontispiece.jpg&oldid=430056279](https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:Philosophical_Transactions_Volume_1_frontispiece.jpg&oldid=430056279)> [accessed 28 July 2020]

# SE NÃO É O LEITOR ...PARTE 4: BRASIL

Publicado em outubro 01, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

## A via dourada possibilitada pelo Programa SciELO

*No Brasil, a maior parte dos periódicos de qualidade é publicada em AA. [...] . Este modo de publicação foi viabilizado no Brasil e demais países da América Latina graças a dois motivos principais: primeiro, o fato de a maioria dos periódicos serem editados por sociedades ou associações científicas ou instituições universitárias sem fins lucrativos, que fazem uso das contribuições dos seus associados e de subsídio governamental para custear as publicações; e, segundo, ao Programa SciELO criado em 1998. [...] No Brasil, por exemplo, a operação da coleção SciELO é financiada em 90% pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e 10% pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O CNPq e a CAPES financiam o Programa de Apoio à Editoração e Publicação Científica. No Chile, o SciELO é financiado pela Comisión Nacional de Investigación Científica y Tecnológica de Chile, no México pelo Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, na África do Sul pelo Department of Science and Technology e apoiado pelo Department of Higher Education and Training, etc. (Nassi-Calò, 2013)*

## As publicações periódicas acadêmicas: “favela” vs. “boa vizinhança”?

Em 2015 o bibliotecário [Jeffrey Beall](#), mais conhecido por sua [lista de editores e de periódicos predatórios](#) (que ele próprio tirou do ar em janeiro de 2017)\*, comparou a SciELO e também a [Redalyc](#) a uma favela — seja lá o que isso significa exatamente. Dentre os defeitos dessa plataforma, “*Many North American scholars have never even heard of these meta-publishers or the journals they aggregate.*”

Às favelas do AA SciELO e Redalyc Beall contrapôs a “boa vizinhança” para a publicação de artigos: as editoras comerciais. E concluiu:

*There are thousands of unaffiliated, unknown open-access journals published all over the world that are very effectively hiding the research they publish, despite being OA. Their content is not indexed*



*(except perhaps in Google Scholar, a database poisoned by fringe science), and it's just sitting there with little value added to it. Much of it will disappear over time. Because copyright of the articles is retained by authors, there may be little future interest in maintaining, publishing, and promoting the content.*

As respostas não se fizeram esperar e assinalaram o quanto de preconceito pelo que não é norte-americano, europeu e em inglês estava presente na postagem de Beall. Ver, por exemplo:

- VELTEROP, J. [A ÁREA CERCADA DA 'BOA' VIZINHANÇA DA PUBLICAÇÃO DE JEFFREY BEALL](#)
- ABRASCO. [Moção de repúdio ao ataque classista do Sr. Jeffrey Beall ao SciELO](#)
- HCMS. [HCSM junta-se ao coro contra o ataque de Jeffrey Beall ao SciELO](#)
- SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. [Nota de repúdio ao artigo "Is SciELO a Publication Favela?" de autoria do Sr. Jeffrey Beall \[online\].](#)

---

*\*Nota: A página BEALL'S LIST OF PREDATORY JOURNALS AND PUBLISHERS apresenta uma versão arquivada da lista com atualizações, disponível em <https://beallist.weebly.com/>*

---

BEALL, Jeffrey. 2015. Is SciELO a Publication Favela? <https://www.emeraldcityjournal.com/2015/07/is-scielo-a-publication-favela/>

NASSI-CALÒ, L. Quanto custa publicar em acesso aberto? [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2013 . <https://blog.scielo.org/blog/2013/09/18/quanto-custa-publicar-em-acesso-aberto/>

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. Nota de repúdio ao artigo "Is SciELO a Publication Favela?" de autoria do Sr. Jeffrey Beall [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2015 . <https://blog.scielo.org/blog/2015/08/25/nota-de-repudio-ao-artigo-is-scielo-a-publication-favela-de-autoria-do-sr-jeffrey-beall/>

VELTEROP, J. A área cercada da 'boa' vizinhança da publicação de Jeffrey Beall [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2015 . <https://blog.scielo.org/blog/2015/08/01/a-area-cercada-da-boa-vizinhanca-da-publicacao-de-jeffrey-beall/>

Wikipedia contributors. (2018, September 6). Jeffrey Beall. In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Jeffrey\\_Beall&oldid=858350838](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Jeffrey_Beall&oldid=858350838)

[\[Parte 1\]](#) [\[Parte 2\]](#) [\[Parte 3\]](#) [\[Parte 4\]](#)

# RECEBI EMAILS DE UMA REVISTA INTERNACIONAL INTERESSADA EM PUBLICAR MINHA PESQUISA

*Publicado em outubro 08, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

É muito agradável ouvir de alguém que há interesse na pesquisa que conduzimos, mais ainda quando embalado num afago ao ego:

*“We take immense pleasure in inviting an eminent person like you to contribute your esteemed article for our journal. You can submit either Editorial, short communication, Image Article or Research article which falls under the scope of our journal*

Mas o interesse é real? Algumas mensagens evidenciam que nosso endereço foi obtido em alguma varredura na internet que compôs uma massa de endereços. Os endereços nessa lista serão alvo de determinada mensagem com fins comerciais.

Não se trata de uma mensagem individualizada para aquele destinatário específico, mas *spam*, e se a varredura teve problemas de filtro, recebemos convites que demonstram interesse por aquilo que não fazemos, caso do elogio acima: Microbiologia e Bioquímica. Ou do exemplo a seguir, que me informava do interesse da revista por meus trabalhos em ... Patologia.

**- Call for Papers -**

ISSN: [REDACTED]

**Dear Rosa MC,**

[REDACTED] of Pathology [REDACTED] is very interested in your study. If you have unpublished papers in hand and have the idea of making our journal a vehicle for your research interests, please feel free to submit your manuscripts to this journal through the [Paper Submission System](#) or by e-mail to [REDACTED]

**About Us**

[REDACTED] is an international, double-blind, peer-reviewed and open-access journal with both print and online versions. For more information about the journal, please visit: [REDACTED]

**Aims & Scope (more on our website)**

- Anatomical Pathology
- Clinical Pathology
- Molecular Pathology
- Pathochemistry
- Pathophysiology
- Psychopathology
- Veterinary Pathology

Em geral nas mensagens não se fala em pagamento. Mas basta uma visita ao *site* da revista ou grupo editorial.

No caso do grupo responsável não só pela publicação que originou a mensagem acima, mas também por mais cerca de 200 outros títulos chama-se a atenção dos potenciais autores para o fato de que o grupo editorial cobra taxas abaixo da média (*"Please note that XXXX's regular APC are well below average"*), a saber, neste caso, US\$699 — e que não cobram taxa de submissão.

Só é esquisito se o convite não é da minha área? Se fosse da minha área tudo bem? NÃO, continuava sendo esquisito.  
É *spam*.

Mensagens não solicitadas, enviadas por periódicos de que ninguém ouviu falar, que nos pedem o envio de trabalhos (*"Dear Dr. Rosa, An invitation to submit to XXX Malaria"*) devem ser olhadas com desconfiança. Devem alertar o pesquisador para o fato de que no mercado editorial de periódicos científicos há empresas que tiram partido da necessidade do pesquisador de alcançar um quantitativo anual de publicações, vendendo facilidades para a consecução desse objetivo. É o lado obscuro da via dourada

do acesso aberto.

Receber um email informativo sobre um número de revista ou um congresso de uma sociedade científica de que somos membros é outra história.

Os chamados *periódicos científicos predatórios* são revistas em geral com um título pomposo, preferencialmente em inglês, mas sempre com padrões de aceitação baixos: basicamente, o pagamento de taxas (de submissão, APC, fast track...), isto é, o pagamento é a condição para a publicação, não obstante as afirmações acerca de processos rigorosos de avaliação por pares. Em geral alardeiam um fator de impacto alto, que não se sabe como foi calculado (mas vamos lá: se o FI leva em conta as citações, como nunca ouvimos falar de trabalhos **da nossa área** numa dessas publicações que têm FIs tão altos?).

As taxas cobradas do autor podem ir além da APC (do ing. [\*article processing charge\*](#)). É possível incluir uma taxa de urgência, a **Fast Track Fee**. Ver, por exemplo,

[\*Journal of Advances in Linguistics\*](#)/JAL, [\*Review of Finance\*](#),

"*The Fast-Track process guarantees an editorial decision within 14 days*".

E completa:

"*If you choose "Fast-Track" for your manuscript for the first time, the submission fee is €900.*

*For a resubmitted "Fast-Track"-manuscript the submission fee is €500*".

Mas se o caso é de pressa na divulgação não seria o caso de se pensar num preprint, que é grátis?

Periódicos como os dos exemplos vistos até aqui são a fonte principal de anedotas que circulam no mundo acadêmico sobre publicações.

## ***Um exemplo estapafúrdio de baixos padrões***

[\*Get me off your fucking mailing list\*](#), de David Mazières (NYU) e Eddie Kohler (UCLA), foi uma brincadeira que circulou há cerca de 13 anos: tem a formatação de um artigo científico mas nada mais é que a mesma frase do título repetida ao longo de 10 páginas, em texto corrido e em gráficos.

Em 2014, um pesquisador da Austrália, para dar um basta aos *spams* enviados por um certo [\*International Journal of Advanced Computer Technology\*](#), encaminhou esse texto para a tal revista. E o texto foi aceito. Aparentemente ninguém da revista achou nada de estranho no título nem passou os olhos pelo conteúdo. A aceitação veio acompanhada do pedido de pagamento de 150 dólares, que não foi feito. O trabalho

não foi publicado.

Quem gostaria de ter seu trabalho ligado a uma publicação envolvida num incidente relatado em veículos diferentes, como jornais e a Wikipedia?

STROMBERG, Joseph. “Get Me Off Your Fucking Mailing List” is an actual science paper accepted by a journal. *Vox*, Nov 21, 2014.

<https://www.vox.com/2014/11/21/7259207/scientific-paper-scam>

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. Article processing charge. In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Retrieved 21:27, September 29, 2018,

[https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Article\\_processing\\_charge&oldid=859387122](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Article_processing_charge&oldid=859387122)

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. International Journal of Advanced Computer Technology. In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Retrieved 01:12, September 20, 2018

[https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=International\\_Journal\\_of\\_Advanced\\_Computer\\_Technology&oldid=851475679](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=International_Journal_of_Advanced_Computer_Technology&oldid=851475679)

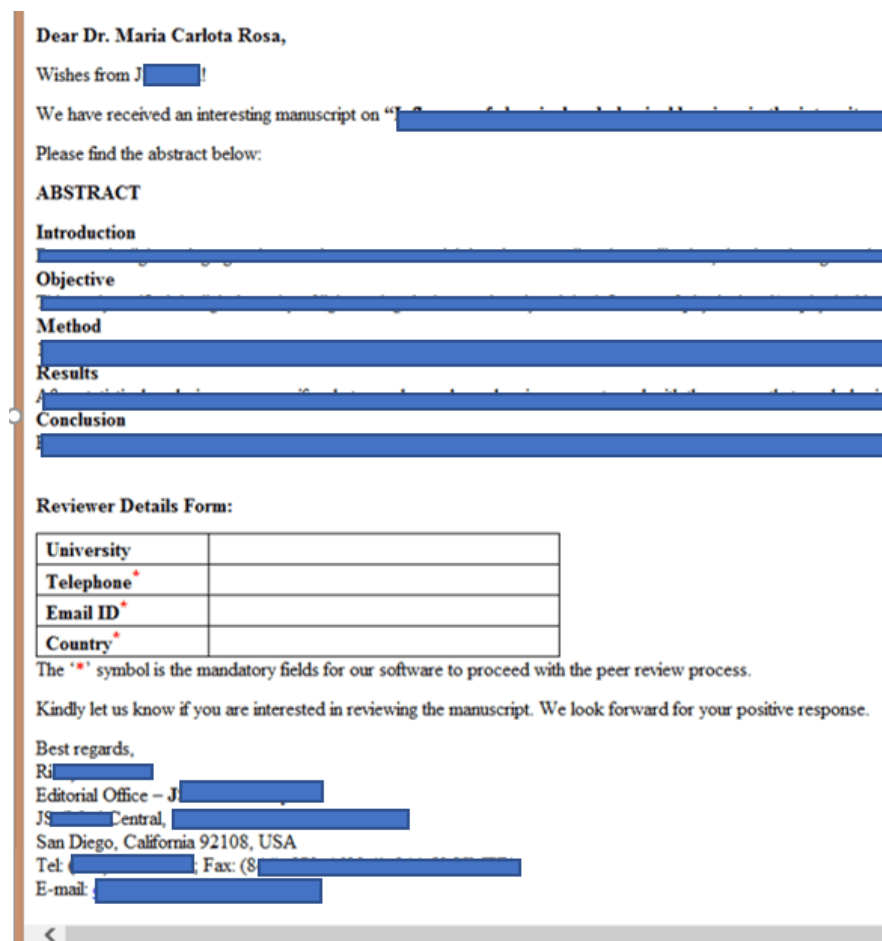
[Parte 1] [[Parte 2](#)] [[Parte 3](#)]

# RECEBI EMAILS DE UMA REVISTA INTERNACIONAL DESCONHECIDA INTERESSADA EM QUE EU DÊ PARECERES PARA ARTIGOS

*Publicado em dezembro 17, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

Há um tipo de *spam* que se concretiza como uma mensagem lisonjeadora a nosso trabalho e nos convida a publicar numa revista de que nunca se ouviu falar, apesar de alardear um fator de impacto extremamente alto. A publicação quase imediata se faz mediante pagamento de taxas que a mensagem (ou o *site* do grupo editorial) faz questão de frisar que estão abaixo dos preços de mercado (comentado em [Recebi emails de uma revista internacional interessada em publicar minha pesquisa/](#))

Esse tipo de caça-níqueis dirigido especificamente a autores acadêmicos vem-se expandindo: aos *spams* com um convite para publicar num determinado periódico há também aqueles que convidam para atuar como parecerista. Se o filtro de endereços não foi muito bom, podemos receber uma solicitação de parecer para um trabalho em área muito diferente da nossa, como no exemplo a seguir.



## ***Fosse o convite feito para analisar um texto de nossa área, como decidir?***

Bom, há detalhes a considerar em mensagens desse tipo.

- Uma consulta ao [DOAJ/Directory of Open Access Journals](#) retorna o nome da revista? (Mas podia ser uma revista recém-criada, por exemplo).
- O nome do grupo editorial dessa publicação já aparecia na antiga [lista de Beall](#) ? (Mas a lista foi alvo de críticas).
- Talvez o mais importante: um passeio pelo site do periódico, porque ele nos dá ideia do que foi publicado: os textos têm qualidade? Os prazos decorridos entre o recebimento do manuscrito e sua publicação contam-se em dias apenas? Enfatiza a cobrança de taxas abaixo das cobradas no mercado?

## ***O convite para parecer tinha interesse de fato num parecer?***

Vamos ao exemplo acima. Foi possível rastrear o trabalho mencionado no convite e constatar que entre a data de recebimento do artigo pelos editores, avaliação e publicação na internet correram apenas 23 dias e £999 (em torno de 5 mil reais no câmbio de hoje); entre o *email* acima e o final do processo, 11 dias.

## ***Respondo a uma mensagem como essa? (Ou : devo responder a um spammer tão amável?)***

Não.

### ***Um desdobramento indesejável***

Conseguir nomes que aceitem ser associados a uma revista predatória ajuda a revestir de respeitabilidade um negócio eticamente discutível. Mas para quem permitiu ter seu nome associado a um desses periódicos o cenário muda.

Laine & Winker (2017), em artigo no site da [WAME/ World Association of Medical Editors](http://wame.org), propunham que *“Ideally, academic institutions should also identify academics who are listed as editors or Editorial Board members for journals established as predatory, and require that their affiliation with the institution is removed”*.

É uma proposta apenas. Mas ilustra o dano à reputação que pode trazer.

---

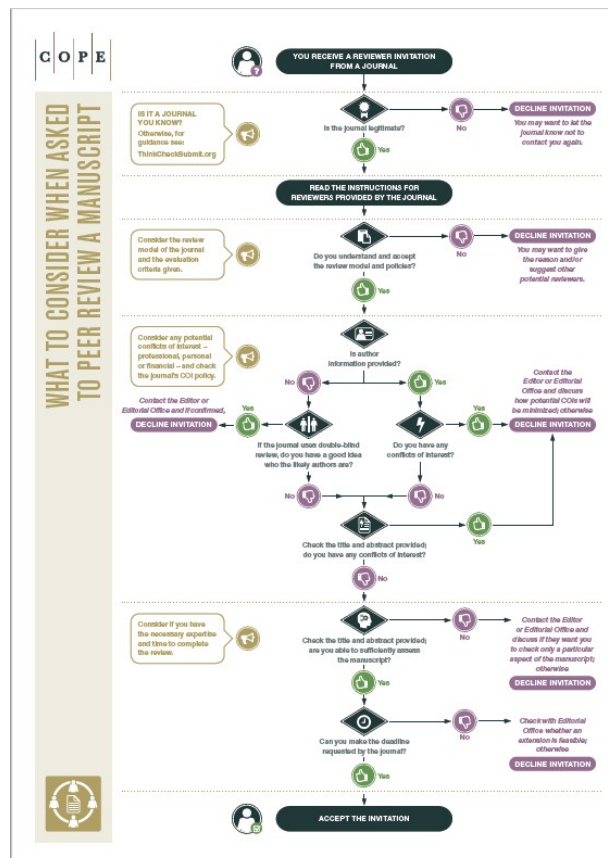
LAINE, Christine & WINKER, Margaret A. Identifying Predatory or Pseudo-Journals. World Association of Medical Editors. February 15, 2017. <http://wame.org/identifying-predatory-or-pseudo-journals>



# ACEITO OU NÃO O CONVITE PARA UM PARECER?

Publicado em junho 17, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

O COPE/ Committee on Publication Ethics apresenta, em forma de fluxograma, um guia para ajudar na decisão a se tomar quando se é convidado a emitir parecer para uma revista.



O COPE sugere que se levem em conta dois conjuntos de critérios. O primeiro levanta:

- a) a respeitabilidade do periódico (e sugere, para isso, uma consulta ao site [Think. Check. Submit](https://thinkchecksubmit.org/);
- b) a política de revisão por pares apresentada; e
- c) os potenciais conflitos de interesse.

Resolvida essa parte, a decisão deve levar em conta: a) se o trabalho poderá ser entregue no prazo estipulado; e b) se o texto a ser avaliado se enquadra em nossa área de especialidade.

COPE/ Committee on Publication Ethics. What to consider when asked to peer review a manuscript. <https://publicationethics.org/node/34241>

Think. Check. Submit. <https://thinkchecksubmit.org/>

# UM PRÊMIO ESTRANHO

Publicado em outubro 17, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

A Publons (agora da Clarivate Analytics) mais uma vez promoveu o *Global Peer Review Awards*, anunciado na Peer Review Week deste ano, que teve lugar entre 16 e 20 de setembro. Em 2019 o prêmio contou com três categorias: os pareceristas *top-10*, os pareceres de excelência e uma categoria para editores.

A Publons, cuja missão declarada é “*speed up science by harnessing the power of peer review*”, vem assumindo o papel de treinar a produção de pareceres e ajudar a indústria de publicações acadêmicas a encontrar nomes para atuarem como pareceristas (ver [Crotty, 2018](#)).

## ***O nome numa lista e ...***

Em meio a muita discussão sobre o trabalho gratuito de pessoal altamente especializado em prol de revistas científicas que cobram taxas muito caras dos autores para a publicação em acesso aberto e/ou de assinaturas também de preço elevado, publicadas por editoras cujos lucros andam na casa dos 40% — diferentemente da crise do mercado livreiro — não há como não se perguntar se esse prêmio é valorização suficiente para aquele que deixou de lado seu próprio trabalho e contribuiu de graça para uma indústria bilionária (em dólares ou euros); nem se esse prêmio não seria o equivalente da estrelinha que se ganhava na escola quando criança: confere algum *status* num pequeno círculo.

Embora se diga que escrever pareceres sobre artigos acadêmicos submetidos a revistas científicas é parte do trabalho acadêmico, essa não é uma das cláusulas de qualquer contrato de trabalho como professor ou pesquisador (ver [Watson, 2017](#)).

## ***Trabalho necessário, mas que conta pouco para quem o faz***

Ninguém nega a importância do trabalho dos pareceristas. A divulgação do trabalho científico, no mundo atual ligada à avaliação por pares, é importante para a Ciência e igualmente importante nos processos formais de avaliação de professores e pesquisadores. Escrever pareceres é, porém, trabalho voluntário, certamente não prioritário na lista de afazeres.

Agora, se esse trabalho é tão importante, se uma revista cobra alguns milhares de dólares do autor para publicar seu artigo por conta dos custos que alega ter com o preparo do manuscrito para a publicação, por que o par (ou trio) de pareceristas que recomendaram (ou não) a publicação não pode ser remunerado?

Pode-se argumentar que esse profissional terá seu nome listado como parecerista de uma revista de luxo. Mas, pensando bem: se um pesquisador concorre a uma vaga de

professor ou pesquisador , ter uma enorme lista de pareceres ou não incluir essa parte noattes vai fazer diferença? Ter escrito críticas a trabalhos alheios, como notou Crotty (2018), impressiona mais uma banca que a qualidade do próprio trabalho? Por outro lado, para a revista ter um profissional renomado listado entre seus pareceristas é relevante.

E as revistas em acesso aberto que não cobram taxas dos autores, caso da quase totalidade das revistas nacionais no Qualis? Não são periódicos predatórios; têm papel importantíssimo na divulgação das pesquisas no país; solicitam pareceres dentro de prazos razoáveis.

Atender ao convite de um desses periódicos para emitir um parecer continua sendo trabalho voluntário, não prioritário, mas essas publicações, que não visam lucro e lutam para se manterem, merecem a colaboração, ainda que não remunerada, de todos nós.

---

CROTTY, David. 2018. Credit for Peer Review: What is it Worth? *The Scholarly Kitchen*, 18Out2018.

<https://scholarlykitchen.sspnet.org/2018/10/18/credit-for-peer-review-what-exactly-does-that-mean/>

WATSON, Mick (@Biomickwatson). 2017. Let's keep saying it, and say it louder: REVIEWERS ARE UNPAID. *Opiniomics*, 23Agos2017. <http://www.opiniomics.org/lets-keep-saying-it-and-say-it-louder-reviewers-are-unpaid/>

# E COMO DECIDO PARA ONDE MANDO MEU TRABALHO?

Publicado em outubro 22, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Numa [postagem anterior](#) afirmei que, quando um aluno me pergunta onde publicar um artigo, “*em geral lhe respondo que preferencialmente procure periódicos acadêmicos com revisão por pares e alto fator de impacto (FI) – e, lógico, que tenha relação com o tema do artigo*”. É a resposta rápida, automática, mas afora a última parte, ela não ajuda muito.

Vamos então agora responder mais devagar, levantando alguns pontos a serem verificados quando da escolha de um periódico para submissão de trabalhos.

---

## 1 A revista aceita trabalho de quem não é Doutor?

Em princípio a qualidade do trabalho é que deveria contar na submissão, mas a avaliação da pós-graduação brasileira pela CAPES acabou gerando um efeito colateral inesperado. Até recentemente documentos da CAPES para a avaliação dos programas de pós-graduação da Área de Letras e Linguística recomendavam que fossem colocados nos estratos mais altos do Qualis Periódicos (A1, A2 e B1) aqueles com “*artigos de alta qualidade, preferencialmente escritos por doutores no Brasil ou no exterior, com efetiva contribuição científico-acadêmica para a Área*” (ver, por exemplo, [Comunicado 001/2011](#) – Área Letras e Linguística).

Paiva (2015: 9), numa mesa-redonda no 30º Encontro Nacional da ANPOLL/ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, chamava a atenção para o fato de que “*preferencial não significa proibição*”; na prática, porém, foi o que significou. Com isso vem sendo difícil um pós-graduando publicar sozinho um trabalho no Brasil.

Na avaliação de 2017 essa recomendação não estava mais presente (ver [Considerações sobre Qualis Periódicos Letras / Linguística](#)), o que deve começar a alterar essa situação.

**Exemplos quanto a esse aspecto da política editorial. A Revista da Abralín:**

*Serão aceitos artigos de doutores, doutorandos e mestres; e de graduandos, graduados e mestrados, quando em coautoria com mestres, doutorandos ou doutores.*

**A Revista da ANPOLL:**

- a) os autores deverão ter título de doutor ou estar cursando o doutorado;*
- b) autores com título de graduação ou de mestrado, bem como mestrados poderão apresentar trabalhos como coautores, desde que ao menos um dos autores do trabalho preencha o critério descrito no item a.*

**A revista Ilha do Desterro:**

*Works that have at least one doctorate are accepted. PhD Candidates can submit articles without doctors as co-authors, provided he/she sends us an advisor's letter explaining the reasons for his/her absence. Masters and Master students can submit articles co-authored by PhD researchers. The Editorial Board understands that the supervision of students should be explicit, and should not be taken as co-authors. Derived from Master`s or Doctoral`s research articles should include the supervisor`s name in a footnote, and not as co-author. An exception is made for reviews, doctoral students` reviews are allowed.*

**2 Publiquei meu trabalho como preprint numa plataforma. Ainda posso mandar esse trabalho para uma revista?**

Algumas revistas aceitam, outras consideram preprint como publicação prévia do trabalho.

**3 A revista segue boas práticas editoriais?**

Por que deveríamos considerar o envio de trabalho para um periódico de que tomamos conhecimento por *spam*? Ou para uma revista de que se diz, no meio acadêmico, que tem como critério de aceitação o pagamento de uma ou mais taxas?

Ter o nome ligado a práticas questionáveis não é bom — e alegar que essas publicações podem ser úteis para melhorar o currículo quando se está começando a vida acadêmica é um mau começo .

Como membro de um programa de pós-graduação, arrolar publicações desse tipo implica criar uma dor de cabeça para o coordenador, porque cada artigo desses recebe zero justificado na avaliação da CAPES:

*Enquadra-se no estrato C o periódico que não atende às boas práticas*

editoriais, tendo como padrão referencial os critérios disponíveis na COPE\* ([publicationethics.org](http://publicationethics.org)), e/ou não atende aos critérios dos estratos de A1 a B5. ([Considerações sobre Qualis Periódicos Letras / Linguística](#)).

#### \*COPE- Committee on Publication Ethics

Para decidir onde publicar não é preciso verificar se o título consta de uma relação como aquela que ficou conhecida como a [lista de Beall](#), que foi tirada do ar, ou alguma daquelas que foram propostas em seu lugar.

Para decidir onde publicar, melhor tomar outro caminho, mais simples: o de fazer a própria lista a partir das revistas em que foram publicados os artigos lidos e citados. Se for uma revista de AA/Acesso Aberto, depois de escolher a revista é relativamente simples verificar se está numa base como a [Scielo](#), por exemplo; se está no [DOAJ/Directory of Open Access Journals](#)...

#### **4 E se a revista considerada para publicação não está no Qualis?**

Isso significa que nos programas ainda não se registrou qualquer publicação nesse veículo.

Uma nota. No dia 10 de outubro de 2018, a CAPES aprovou um [documento](#) que propõe mudanças na avaliação da pós-graduação. Entre elas está uma reestruturação do Qualis:

*Proposta: uma análise geral do QUALIS das áreas de forma a criar critérios, de um lado, mais homogêneos de qualificação dos veículos de comunicação da produção científica, e de outro, uma reflexão mais profunda acerca da aplicação em geral do fator QUALIS em áreas como Ciências Humanas e Engenharias. Uma das possibilidades seria a fusão de vários dos QUALIS atuais gerando grandes QUALIS a serem usados por mais de uma Área. Isso permitiria separar a Avaliação em três ou quatro conjuntos de QUALIS.*

#### **5 E se a revista acaba de ser criada?**

- Tem ISSN (*International Standard Serial Number* ou *Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas*)? **Se não tem, melhor desconsiderar, porque será difícil demonstrar que ela existe.**
- Como tomou conhecimento dela? Pelo Orientador? Num encontro da Área? Numa lista de discussão de Linguística (por exemplo, [Linguist List](#), [Etnolinguística](#), [Fonetiks](#)) ou em redes sociais relacionadas? **Ou por spam?**

#### **6 Se tenho de pagar para o artigo ser publicado é porque a revista é potencialmente predatória?**

Não, como se viu no [preçário publicado em postagem anterior](#).

### **7 A revista é famosa; o trabalho foi aceito: preciso pagar e cumprir o embargo. E aí?**

Essas revistas podem impulsionar uma carreira e é por isso que são por vezes referidas como “revistas de luxo” ou “revistas glamurosas”, com taxas de rejeição de artigos que ultrapassam os 90% (Barata, 2010).

São revistas para assinantes publicadas por grandes grupos editoriais. Com o crescimento do movimento por AA, algumas dessas revistas ficaram híbridas, permitindo AA (em geral com uma sobretaxa cobrada do autor), colocando um período de embargo para os artigos entrarem em AA; ou criaram novas revistas em AA que, segundo esses grupos, sustentam as revistas já tradicionais com as taxas a serem cobradas dos autores, como informado na nota a seguir, da revista *Science*:

*Science and many other subscription journals have adopted a policy of making research papers freely available after 12 months; at the same time, many publishers have launched scores of new open-access journals, which charge authors a fee. For instance, the publishers of Nature, another high-profile subscription title that is considered Science's main competition, in 2011 launched Scientific Reports, an open-access title. ( Kaiser & Malakoff, 2014)*

Em matéria publicada no [The Guardian](#), Randy Schekman, que recebeu o Nobel de Medicina em 2013, ele próprio editor de uma revista de AA, [eLife](#), comparou os índices de rejeição dessas revistas de luxo às coleções limitadas no mundo da moda:

*These journals aggressively curate their brands, in ways more conducive to selling subscriptions than to stimulating the most important research. Like fashion designers who create limited-edition handbags or suits, they know scarcity stokes demand, so they artificially restrict the number of papers they accept. The exclusive brands are then marketed with a gimmick called “impact factor” – a score for each journal, measuring the number of times its papers are cited by subsequent research*

Neste caso de altos pagamentos com ou sem restrição de acesso, eu introduziria alguns elementos para consideração. Vejamos. Depois de se dedicar por um longo tempo a um determinado estudo, ao tentar tornar públicos seus achados, um pesquisador:

- passará os direitos de autor para uma editora e não receberá um centavo por isso;
- ficará proibido de compartilhar seu trabalho em plataformas como Research Gate ou Academia.edu;
- ficará proibido de reutilizar tabelas, esquemas, ilustrações presentes nesse trabalho sem autorização do editor (o que em geral envolve pagamento);
- ao enviar para o repositório de sua instituição (que lhe deu as condições para que o estudo se desenvolvesse) terá de avisar a duração do *período de embargo* para permitir o acesso ao texto, período que pode alcançar 24 meses; nesse meio tempo o acesso estará reservado a quem pagou a assinatura;

- depois de 24 meses a divulgação do artigo ainda gerará interesse que justifique o investimento financeiro? Afinal, a todas as restrições à divulgação do seu trabalho o pesquisador deverá somar uma quantia acima do milhar de dólares.

Mesmo que a revista glamurosa tenha AA (em geral, com pagamento de sobretaxa), qual a vantagem para o pesquisador? Certamente é uma decisão individual.

### **8 Só essas revistas famosas publicam trabalhos de peso?**

Um trabalho numa dessas revistas não significa que é excepcional. Além de não serem o único veículo de boa pesquisa, tais publicações não estampam apenas boa pesquisa. Se assim fosse, não apresentariam **retratações**.

O quadro a seguir, publicado em [Retraction Watch](#), arrola números para o período 2006-2011 de quatro periódicos famosos:

Journal	Retractions	Articles	Retraction Index	Impact Factor
Science	10	5702	1.754	32.452
Nature	7	5403	1.296	36.235
Cell	11	2899	3.794	34.774
PNAS	23	21614	1.064	10.472

**Retratações em quatro periódicos de alto fator de impacto no período 2006-2011**

Se esses periódicos rejeitam mais de 90% das submissões, se os trabalhos são avaliados por pares (*peer reviewed*) com critérios rígidos, como se chega a uma retratação? Mas isso já é assunto para outra postagem.

---

BARATA, Germana. 2010. O que podemos aprender com editores de periódicos de alto impacto? Índice de rejeição de artigos chega a 94%. *Agencia de Notícias para a Difusão da Ciência e Tecnologia (DiCYT)*, 4Set2010. <http://www.dicyt.com/noticia/o-que-podemos-aprender-com-editores-de-periodicos-de-alto-impacto>

CAPES/ Diretoria de Avaliação. 2011. Comunicado 001/2011 – Área Letras e Linguística. Proposta de critérios para classificação dos periódicos da Área de Letras e Linguística. [https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Comunicado\\_001\\_2011\\_Letras.pdf](https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Comunicado_001_2011_Letras.pdf)



KAISER, Jocelyn & MALAKOFF, David. AAAS Launches Open-Access Journal. <http://www.sciencemag.org/news/2014/02/aaas-launches-open-access-journal>

Paiva, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. 2015. Avaliação da Pós-Graduação: publicações e projetos de pesquisa. In: ANPOLL. 30º Encontro Nacional da ANPOLL 2015. <http://anpoll.org.br/eventos/enanpoll2015/wp-content/uploads/2014/12/VeraFinal.pdf>

Retraction Watch. Cell, Nature, Science boycott: What was Randy Schekman's tenure at PNAS like? 11Dez2013. <http://retractionwatch.com/2013/12/11/cell-nature-science-boycott-what-was-randy-schekmans-tenure-at-pnas-like/>

Schekman, Randy. How journals like Nature, Cell and Science are damaging science. *The Guardian*, 9Dez2013 <https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/dec/09/how-journals-nature-science-cell-damage-science>

Wikipedia contributors. (2018, September 23). Beall's List. In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Retrieved 00:57, September 27, 2018, from [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Beall%27s\\_List&oldid=860896300](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Beall%27s_List&oldid=860896300)

Wikipedia contributors. (2018, September 17). Schön scandal. In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Retrieved 13:10, September 28, 2018, from [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Sch%C3%B6n\\_scandal&oldid=860006154](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Sch%C3%B6n_scandal&oldid=860006154)

[\[Parte 1\]](#) [\[Parte2\]](#) [\[Parte 3\]](#)

# VALE A PENA PUBLICAR NESSA REVISTA?

Publicado em outubro 15, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Um excerto como

*Bats are really cool animals! They are the only mammals that can fly. They sleep by day and fly by night. They use Echolocation to find their way around. This is when they send an Echo that does not make any sound and the Echo comes back to the bat and tells them where things are.*

claramente não parece saído da obra de um especialista. E de fato não saiu: foi escrito por uma criança de sete anos como trabalho escolar. Os morcegos são muito legais mesmo.

Alexandre Martin (University of Kentucky) diagramou com LaTeX esse texto, de seu filho, e o enviou para o *International Journal of Comprehensive Research in Biological Science\**, um periódico científico potencialmente predatório segundo a então existente [lista de Beall](#). Procurava demonstrar como é fácil publicar num desses periódicos. Rearrumado em acordo com as partes canônicas dos artigos científicos (*abstract, palavras chaves, introdução, resultados, discussão dos resultados e conclusão*), foi aceito.

Mas vamos ao *abstract*:

*Bats are really cool animals! They are the only mammals that can fly. They sleep by day and fly by night. They use Echolocation to find their way around. This is when they send an Echo that does not make any sound and the Echo comes back to the bat and tells them where things are”.*

Vamos à introdução:

*“Bats are really cool animals! They are the only mammals that can fly. They sleep by day and fly by night. They use Echolocation to find their way around. This is when they send an Echo (see Fig. 1) that does not make any sound and the Echo comes back to the bat and tells them where things are”.*

Vamos à conclusão:

*“Bats are really cool animals! They are the only mammals that can fly. They sleep by day and fly by night. They use Echolocation to find their way around. This is when they send an Echo that does not make any sound and the Echo comes back to the bat and tells them where things are”.*

A filiação do autor a uma “elementary school” não foi omitida. Poderia ser um professor dessa escola? A leitura do texto deixa claro que não.

Alexandre Martin disponibilizou em imagens o processo de transformação do texto, da aceitação do manuscrito às provas recebidas do editor. Surge então um outro aspecto grave no processo: as melhorias introduzidas no artigo pelo editor eram cópia exata de trechos de dois trabalhos publicados, em 2001 e em 2002, embora o editor não tenha dado ciência disso ao autor (e por que um especialista precisaria de conteúdo adicionado pelo editor?).

Assim, o trabalho escolar do menino que achava os morcegos legais transformava-se em “Review Article”; para ser publicado, porém, era exigida a quantia de US\$60. Não foi paga, porque “*that last step would have transformed a harmless case-study into a case of severe academic offense*” (p.302) e porque “*there was no need to potentially tarnish the reputation of a 7-year old by having him published in a non-reputable journal*” (p. 302).

Quando um artigo submetido a uma revista é avaliado, o autor recebe as avaliações dos pareceristas, positivas ou não.

Se o trabalho foi aceito, o autor é informado se há pontos que deve esclarecer quanto ao conteúdo e/ou quanto à forma. Mas nunca os editores podem se dar ao direito de reescrever um trabalho. Afinal: quem é o autor?

\*Nota: A revista parou de ser publicada em 2015, embora ainda haja um site para ela:  
<http://web.archive.org/web/20150611035413/http://ijcrbs.com:80/cissue.php>.

---

MARTIN, Alexandre & Martin, Tristan. 2016. A not-so-harmless experiment in predatory open access publishing. *Learned Publishing* , 29: 301–305

[\[Parte 1\]](#) [\[Parte 2\]](#) [\[Parte 3\]](#)  
]

# 1- SIMPLES ERRO OU MÁ CONDUTA? A PUBLICAÇÃO QUE COMPROMETE O CURRÍCULO

*Publicado em outubro 29, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

*Nada mais constrangedor para o currículo de um pesquisador que ter uma coleção de artigos retratados.*

Assim Diniz & Terra (2014: 117) fazem referência ao efeito da retratação de um trabalho no currículo de um pesquisador.

Como no seu emprego mais comum, a palavra *retratação* significa uma declaração de erro, um desmentido em relação a algo dito anteriormente. No sentido especializado com que é empregada no mundo acadêmico, é uma declaração de erro grave num trabalho já publicado.

*A retratação é um mecanismo para corrigir a literatura e alertar os leitores sobre publicações que contêm dados tão falhos ou errados que não se pode confiar em suas descobertas e conclusões. Dados não confiáveis podem resultar de simples erro ou de má conduta na pesquisa.*

**COPE/Committee on Publication Ethics.** Retraction guidelines.

## **O trabalho tem erro grave**

O erro acidental, sem má fé, pode ocorrer por várias razões, que podem incluir a inabilidade na análise dos resultados ou mesmo a má qualidade do equipamento empregado na coleta de dados (não se trata aqui do erro que não resulta de engano; ver, por exemplo, *Practices of Science: Scientific Error*).

*Quando um autor ou grupo de autores se dá conta de um erro nos resultados ou na sua interpretação em um artigo já publicado, é de sua responsabilidade procurar o editor do periódico em questão e submeter uma retratação. Tal ato evidencia um forte senso de rigor e ética, uma vez que as consequências de uma retratação para o pesquisador, sua instituição e para o próprio periódico não são de todo positivas. De fato, por temer tais consequências muitos preferem abster-se e deixar o artigo cair no esquecimento. Contudo, quando se trata de admitir um erro honesto, o ato de retratar-se deveria dar crédito ao autor. (Nassi-Calò, 2014)*

Face à carga negativa associada à retratação para todos os envolvidos no processo, alguns editores têm optado por apresentar uma “nota de correção” do trabalho, como observa Hilda Bastian, e não uma retratação (in Brainard & You, 2018), nos casos de erros.

### **E a má conduta?**

*Entende-se por **má conduta científica** toda conduta de um pesquisador que, por intenção ou negligência, transgride os valores e princípios que definem a integridade ética da pesquisa científica e das relações entre pesquisadores [...]. A má conduta científica não se confunde com o erro científico cometido de boa fé nem com divergências honestas em matéria científica. (FAPESP, 2011)*

A má conduta, segundo Nassi-Caló (2014), vem sendo a principal causa de retratação, afirmação confirmada no **conjunto de histórias na Science** lançado no último dia 25 de outubro em conjunto com a **base de dados da Retraction Watch**. Entre as condutas condenáveis mais frequentes nos dados dessa base surgem o plágio e o auto-plágio, as imagens falsas, processo de revisão por pares comprometido pela presença do autor como parecerista de seu trabalho e ainda autoria falsa e, em trabalho com seres humanos, a falta de aprovação de um CEP/ Comitê de Ética em Pesquisa.

Uma retratação pode levar a outras retratações, porque uma vez detectado algo tão grave que leve à reprovação pública de um trabalho, em especial nos casos de má conduta, as publicações prévias daquele(s) autor(es) podem ser reavaliadas. No Japão, por exemplo, a reavaliação pode recuar até a tese, como se depreende do comentário do Prof. Iekuni Ichikawa:

*From my extensive personal experience serving as a member of misconduct investigation committees, both funding agencies and institutions mandate that committees investigate not just the papers initially flagged as potentially problematic, but that investigators often look deep into publications during early stages of a research career. In the case of Haruko Obokata of the STAP cell scandal, investigations led to the revoking of her PhD based on plagiarism found in her thesis. (**Retraction Watch**)*

A má conduta na pesquisa pode-se dar de modos diferentes e em estágios diferentes do trabalho. Esses modos foram resumidos na sigla **FFP**, iniciais das palavras **Fabricação, Falsificação e Plágio**. A má conduta não é um problema apenas do autor de um artigo: ela chama à responsabilidade também sua instituição.

Este tema ainda é relativamente novo no meio acadêmico brasileiro. Mas as mudanças nesse cenário estão ganhando velocidade.

## Um cenário em mudança no Brasil

Num artigo de 2007, Sônia Vasconcelos citava o editor de *Cadernos de Saúde Pública*, Carlos Coimbra, que, num editorial sobre plágio ainda na década de 1990, afirmava: “no Brasil pouco se fala sobre plágio em ciência. Isto certamente decorre menos da ausência do problema no país do que da falta de iniciativas para aprofundar essa discussão.” Esse quadro começaria a mudar cerca de uma década e meia mais tarde, com integridade e ética em pesquisa ganhando lugar na agenda do MEC e das agências de fomento.

- Em dezembro de 2010 a COPPE-UFRJ, associada ao IBqM/UFRJ, promoveu o *I Brazilian Meeting on Research Integrity, Science and Publication Ethics (I BRISPE)*. A página do Encontro reúne muito material sobre o tema: <http://www.ibrispe.coppe.ufrj.br/port.php>
- Em 2011 o Brasil assistiu à publicação de documentos sobre *boas práticas em pesquisa*:
  - em janeiro, seguindo **orientações da OAB**, a CAPES/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior publicou um **documento** pedindo o combate ao plágio;
  - em setembro e outubro de 2011 foi a vez de duas agências de fomento:
    - a FAPESP/ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo publicava o *Código de boas práticas científicas*;
    - o CNPq/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico publicava *Ética e Integridade na Prática Científica/ Relatório da Comissão de Integridade de Pesquisa do CNPq*.

Num âmbito mais restrito, que diz respeito aos procedimentos que podem levar algum nível de risco aos participantes numa pesquisa com seres humanos, em 1988 o Conselho Nacional de Saúde/CNS propunha que fossem criados comitês de ética: em “*toda instituição de saúde credenciada pelo Conselho Nacional de Saúde na qual se realize pesquisa deverá existir: I – Comitê de Ética, caso se realize pesquisas em seres humanos*” (Resolução N° 01/88 Art. 83).

O CNS aprovaria em 1996 outro documento, a Resolução N°196/96, com diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, revisada pela Resolução N° 466/12 .

## Em mudança na UFRJ

- No âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ, em agosto de 2012, ainda na gestão da Professora Débora Foguel como Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, começava a tomar forma a **CTEP/ Câmara**

**Técnica de Ética em Pesquisa**, que seria aprovada cerca de um ano depois, em 2013 (**Portaria nº 8645**, de 30 de julho de 2013) e instalada pelo Reitor Carlos Levi em 24 de agosto de 2013.

#### **E o que faz a CTEP-UFRJ?**

*O objetivo da CTEP é promover o desenvolvimento da ética em todas as etapas da pesquisa realizada na UFRJ desde a elaboração do projeto, a captação dos recursos, condução, comunicação e impacto sócio-ambiental, propondo políticas e ações educativas*

- Em 29 de maio de 2015 o Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa/CEPG da UFRJ aprovava as **Diretrizes sobre integridade acadêmica**, documento elaborado pela CTEP após consulta pública.

*Neste panorama global, a responsabilização nas atividades científicas e a confiança pública na ciência são hoje consideradas aspectos cruciais no âmbito da governança em ciência, tecnologia e inovação (C,T&I). [...] Do ponto de vista institucional, crescentes esforços têm sido empregados por instituições de diversos países para estimular a integridade acadêmica, bem como para identificar e prevenir a má conduta na pesquisa. Problemas como a falsificação/fabricação de resultados e o plágio de idéias, dados e de qualquer produção intelectual alheia, como a cópia parcial ou total de textos, têm sido foco de atenção. Entretanto, a dimensão atual desse tema é extremamente ampla [...]. No contexto educacional, os impactos da discussão mundial sobre integridade científica estão diretamente associados à formação do jovem pesquisador e à qualidade da pesquisa comunicada aos pares e à sociedade.*

(Extraído de **CTEP. Integridade em Pesquisa**)

Uma instituição de ensino e pesquisa precisa de estar preparada para lidar com os conflitos que infelizmente ocorrem e que envolvem a pesquisa. Sua administração precisa de ter, por exemplo, uma política para lidar com denúncias de má conduta.

Um conflito sobre quem tem direito aos dados coletados, uma acusação de roubo de projeto, de artigo, uma denúncia de que uma tese copia um ou mais trabalhos são problemas que podem tomar vulto, ultrapassar os muros do laboratório, do programa, os da Unidade e chegar ao Conselho de Ensino para Graduados/CEPG, no caso da UFRJ.

A CTEP-UFRJ é o escritório de assessoria especializada do CEPG.

Mas ... um conflito pode ultrapassar os muros da universidade, apesar de instâncias como a CTEP. Um exemplo famoso em que as consequências ultrapassaram em muito o laboratório ficou conhecido como o *Caso Baltimore* ou *Caso Thereza Imanishi-Kari* e foi tema de longo artigo de Daniel J. Kleves para *The New Yorker*.

Esse caso se arrastou entre 1986 e 1996, em sequência à publicação, em 1986, de artigo na revista *Cell* em que o Nobel de Medicina David Baltimore era um dos autores. A biomédica nascida em Indaiatuba, São Paulo, Thereza Imanishi-Kari, então no MIT, coautora no artigo, foi denunciada por falsificação de dados pela então pós-doutoranda Margot O'Toole, que trabalhavam em seu laboratório. Insatisfeita com as soluções intra-muros, que não viram má conduta na supervisora, O'Toole conseguiu fazer o caso chegar a um congressista que tentava diminuir o montante das verbas de pesquisa nos EUA e que acionou o Serviço Secreto contra Imanishi-Kari.

Dez anos após a denúncia que deu início a um processo kafkiano (porque durante quase todo o processo a acusada não podia tomar ciência das 19 acusações movidas contra ela), Thereza Imanishi-Kari foi inocentada.

---

### **Na ficção é mais fácil.**

Quem acompanhou o seriado de televisão *Dr. House*\* pôde acompanhar o conflito entre a ética Dra. Allison Cameron e o colega Dr. Eric Foreman. Ele rouba um artigo da colega de equipe e o publica antes dela. Naquela bagunça de hospital todos sabem da má conduta, que passa a afetar o trato com os pacientes. Mas não há qualquer instância a que recorrer. À beira da morte e depois de enterrar propositadamente uma agulha infectada na perna da Dra. Cameron, o Dr. Foreman confessa o roubo do artigo (o que até então negara) e lhe pede desculpas. Ele não morre e ela o perdoa. Funciona na ficção, onde nem um único advogado entrou na história.

\* House MD. 2005. Distractions (S02, Ep. 12).

Plágio, fabricação e falsificação de dados não podem mais ser colocados em



esquecimento no meio acadêmico. Comentários como aqueles a seguir, extraídos de Vasconcelos *et alii* (2009), talvez não surgissem mais nos resultados de um estudo, passados 10 anos (ênfase adicionada):

*A student asked me to review her thesis. Sure, I was very happy to do so...It came to a point where I thought" I know this style... "And I went on reading...five, six pages from my own thesis! Had she copied that from someone else's writing?...I've never met a situation like that; the really strange thing is that I talked to her thesis advisor, who considered the whole issue trivial ..."*

*"I don't care...a paragraph from my thesis... [a student copying] not the whole thesis...but some paragraphs, I don't care...Materials and methods? [Students] always copy and paste from other students..."*

---

I BRAZILIAN MEETING ON RESEARCH INTEGRITY, SCIENCE AND PUBLICATION ETHICS/ I BRISPE. <http://www.ibrispe.coppe.ufrj.br/port.php>

BRAINARD, Jeffery & YOU, Jia. 2018. What a massive database of retracted papers reveals about science publishing's 'death penalty', 25Out2018.

<https://www.sciencemag.org/news/2018/10/what-massive-database-retracted-papers-reveals-about-science-publishing-s-death-penalty>

CNPQ/ CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. *Ética e Integridade na Prática Científica/ Relatório da Comissão de Integridade de Pesquisa do CNPq*. <http://www.cnpq.br/documents/10157/a8927840-2b8f-43b9-8962-5a2ccfa74dda>

CTEP/Câmara Técnica de Ética em Pesquisa. *Histórico*.

<http://cpro16197.publiccloud.com.br/~ctep/index.php/ctep/historico>

CTEP/Câmara Técnica de Ética em Pesquisa. *Diretrizes sobre integridade acadêmica*.

<http://cpro16197.publiccloud.com.br/~ctep/index.php/noticias/97-diretrizes-sobre-integridade-academica>

CTEP/ Câmara Técnica de Ética em Pesquisa. *Integridade em Pesquisa*.

<http://cpro16197.publiccloud.com.br/~ctep/index.php/subcamaras/integridade-em-pesquisa>

DINIZ, Débora & TERRA, Ana. 2014. *Plágio: palavras escondidas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

FAPESP/ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. *Código de boas práticas científicas*. [http://www.fapesp.br/boaspraticas/codigo\\_050911.pdf](http://www.fapesp.br/boaspraticas/codigo_050911.pdf)

HOUSE M.D. 2005. 2ª temporada. Direção: Bryan Singer. Intérpretes: Hugh Laurie, Robert Sean Leonard, Lisa Edelstein, Omar Epps, Jennifer Morrison, Jesse Spencer. Fotografia: Roy H. Wagner.[s.l.]: Universal Studios, 2006. 6 DVDs (1051 min), fullscreen, color.

ICHIKAWA, Iekuni. 2018. When researchers from a particular country dominate retraction statistics, what does it mean? *Retraction Watch*, 24Out2018.

<http://retractionwatch.com/2018/10/24/when-researchers-from-a-particular-country-figure-prominently-in-retraction-statistics-what-does-it-mean/>

KLEVES, Daniel J. 1996. The assault on David Baltimore. *The New Yorker*, 27Maio1996. <http://web.mit.edu/chemistryrcr/Downloads/Baltimore.pdf>

NASSI-CALÒ, Lilian. Os desafios da retratação: passar a literatura a limpo pode ser difícil [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2014  
<https://blog.scielo.org/blog/2014/10/10/os-desafios-da-retratacao-passar-a-literatura-a-limpo-pode-ser-dificil/>

OAB/ Ordem dos Advogados do Brasil/Comissão Nacional de Relações Institucionais do Conselho Federal/ Ricardo Bacelar Paiva. 2010. *Proposição 2010.19.07379-01 – Proposta de adoção de medidas para prevenção do plágio nas Instituições de Ensino e do comércio ilegal de monografias*.

PRACTICES OF SCIENCE: SCIENTIFIC ERROR. In: Exploring Our Fluid Earth. <https://manoa.hawaii.edu/exploringourfluidearth/physical/world-ocean/map-distortion/practices-science-scientific-error>

VASCONCELOS, Sônia M. R. 2007. O plágio na comunidade científica: questões culturais e linguísticas. *Ciência e Cultura*, 59 (3): 4-5  
Jul/Set. 2007. <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n3/a02v59n3.pdf>

VASCONCELOS, Sônia M. R.; LETA, Jacqueline; COSTA, Lídia; PINTO, André ; SORENSON, Martha M. 2009. Discussing plagiarism in Latin American science. Brazilian researchers begin to address an ethical issue. *EMBO Reports*, 10(7), 677–682. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2727439/>

[Parte 1] [Parte 2] [Parte 3]

## 2 – ERRO, DADOS FALSOS ... E A AVALIAÇÃO POR ESPECIALISTAS?

Publicado em novembro 5, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Como um artigo pode apresentar dados não confiáveis, não importa a razão, se, ao ser submetido a um periódico, é encaminhado para análise de mais de um parecerista, todos especialistas na área do trabalho?

Primeiramente porque não se espera a má conduta de um cientista. Nas palavras do Prêmio Nobel de Medicina em 1975, David Baltimore, *“In science, we assume that a colleague is trustworthy and only in extreme do we doubt it”* (MIT News, 2002).

A confiança no colega expressa por Baltimore é, nesse caso, mais que retórica. Durante todo o processo de falsificação de dados movido contra Thereza Imanishi-Kari, em sequência à publicação em 1986 de artigo na revista *Cell* em coautoria, ele a defendeu. Imanishi-Kari havia sido denunciada pela então pós-doutoranda Margot O'Toole que trabalhavam em seu laboratório. Ao final de um longo processo de cerca de dez anos, Thereza Imanishi-Kari foi inocentada. (Kleves, 1996)

Para Marisa Palácios, do Conselho Nacional de Saúde/ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e primeira Coordenadora da CTEP-UFRJ,

*a honestidade é pressuposta. É princípio básico do Direito, todos são inocentes até prova em contrário. Isso significa que independente da concepção filosófica que nos oriente, se há uma natureza humana e se ela é boa ou má, se dizer a verdade é um requisito ético para qualquer comunicação científica (código de ética do cientista independente da formalidade disso), então temos razão em dizer que podemos pressupor que todos dizem a verdade. (Comunicação pessoal, 21/07/2015)*

---

### ***Um exemplo de como pode ser difícil para um parecerista detectar um problema***

Scott Reuben (n.1958), anestesiológico no Baystate Medical Center (BMC- EUA).

- Em 2005 ganhou bolsa de US\$ 75.000 da Pfizer para estudar o Celebrex (um

antiinflamatório que, no Brasil, é vendido como Celebra).

- Em 2007, editorial de *Anesthesia & Analgesia* afirmava que Reuben estava na “forefront of redesigning pain management protocols” e caracterizou seus estudos como “carefully planned” e “meticulously documented”.

*En mayo de 2008, se inició una auditoría interna dentro del BMC, cuando se descubrió que el investigador no había solicitado permiso al Comité Ético Asistencial del hospital para la realización de algunos de los estudios referidos. Como consecuencia de dicha auditoría, el Dr. Scott S. Reuben reconoció finalmente, que los resultados aparecidos en 19 de sus estudios y 2 resúmenes publicados [...], no eran consecuencia de la aplicación de los tratamientos a pacientes reales, sino fruto de su invención y que los datos eran de su responsabilidad exclusiva.*

*Además de adulterar datos, el Dr. Reuben parece haber cometido falsificación en la publicación, ya que algunos coautores como el Dr. Evan Ekman, cirujano ortopédico, dijo que su nombre apareció como coautor en al menos dos de los artículos de los que las revistas se han retractado, a pesar de que no había tenido ninguna participación en los manuscritos. (Rama-Maceiras, Ingelmo Ingelmo, Fàbregas Julià & Hernández-Palazón: 2009)*

- Condenado à prisão em 2009 por fabricação de dados ao longo de 15 anos. *His research, which was published in a medical journal, has since been quoted by hundreds of other doctors and researchers as “proof” that Celebrex helped reduce pain during post- surgical recovery. **There’s only one problem with all this: No patients were ever enrolled in the study!*** (Adams, 2010)
- Quando eclodiu o escândalo, seus trabalhos tinham recebido cerca de 1200 citações.

---

Retirar a confiança do processo é também atribuir aos pareceristas (e editores, e leitores) um papel que eles não têm, porque “*neither the peer reviewers, nor the editors, nor the readers were there as witnesses, so it is up to the authors to certify what took place*” (Gunsalus & Rennie, 2015).

---

ADAMS, Mark. 2010. Big Pharma researcher admits to faking dozens of research studies for Pfizer, Merck (opinion). *Natural News*, 18Fev2010.

[http://www.naturalnews.com/028194\\_Scott\\_Reuben\\_research\\_fraud.html#ixzz3g9SYCFAa](http://www.naturalnews.com/028194_Scott_Reuben_research_fraud.html#ixzz3g9SYCFAa)

GUNSALUS, C. K. & RENNIE, Drummond [2015]. “If you think it’s rude to ask to look at your co-authors’ data, you’re not doing science”: Guest post. *Retraction Watch*.

<http://retractionwatch.com/2015/06/18/if-you-think-its-rude-to-ask-to-look-at-your->

[co-authors-data-youre-not-doing-science-guest-post/>](#)

KLEVES, Daniel J. 1996. The assault on David Baltimore. *The New Yorker*, 27Maio1996.  
<http://web.mit.edu/chemistryrcr/Downloads/Baltimore.pdf>

MIT News. 2002. *Trust essential in scientific collaboration, says David Baltimore*.  
22Fev2002. <http://news.mit.edu/2002/baltimore>

RAMA-MACEIRAS, P. , INGELMO INGELMO, I. , FÀBREGAS JULIÀ, N. & HERNÁNDEZ-  
PALAZÓN, J. 2009. Algología fraudulenta. Un dolor demasiado profundo para una  
adecuada analgesia. *Revista Española de Anestesiología y Reanimación* 56: 372-  
379, 2009.

<<http://www.elsevier.es/es-revista-revista-espanola-anestesiologia-reanimacion-344-linkresolver-algologia-fraudulenta-un-dolor-demasiado-90211771> >

VASCONCELOS, Sônia M. R. 2007. O plágio na comunidade científica: questões  
culturais e linguísticas. *Ciência e Cultura*, 59 (3): 4-5 Jul/Set. 2007.  
<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n3/a02v59n3.pdf>

[[Parte 1](#)] [[Parte 2](#)] [[Parte 3](#)]

# AUTOPLÁGIO OU RECICLAGEM TEXTUAL - 1

Publicado em junho 24, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

**Autoplágio** é termo recente que vem sendo definido como a republicação de um trabalho no todo ou em parte, pelo autor, sem que se informe ao leitor da publicação anterior — em suma: apresenta-se como novo algo que não é novo. Daí a denominação alternativa **reciclagem textual**.

Pode causar estranheza considerar essa uma atitude censurável: afinal, *plágio* diz respeito a lançar mão do trabalho de *outrem* como se fosse próprio. Por que, então, representar um trabalho próprio é considerado má conduta?

Esse comportamento é problemático se revela a intenção de inflacionar a produção no próprio cv, mas também se incorre em problemas ligados a *copyright*.

[Continua]

[Parte 1] [[Parte 2](#)]

# AUTOPLÁGIO OU RECICLAGEM TEXTUAL – 2

Publicado em julho 1, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

## Algumas situações em que um trabalho já publicado ganha nova publicação:

- na tradução para outra língua;
- na apresentação do trabalho para um público diferente.

## Isso é problema?

Nenhum problema, mas a publicação anterior deve ser claramente indicada e, se for o caso, o novo editor deve ser avisado quando da submissão do manuscrito. Isso diminui as chances de publicação? Muito provavelmente. Mas é muito melhor do que ter um trabalho retratado.

## E se for apenas a reutilização de porções de texto já publicado num novo texto?

Uma saída é tratar esses trechos como citação de trabalho anterior, com aspas e referência.

## Mas se reapresentar um trabalho, no todo ou em parte, é autoplágio, se assim é não posso colocar meu manuscrito no meu blogue ou num servidor de preprints? Até a SciELO está construindo um repositório de preprints (que está no âmbito da questão mais ampla do acesso aberto)!

Bom, aí complica, porque revistas têm políticas próprias, que podem ou não permitir essa prática. No que respeita a preprints, a Wikipedia arrolou vários periódicos com alto fator de impacto e apontou a política de cada um quanto a essa publicação prévia.

---

FAPESP. Aos 20 anos, SciELO planeja plataforma de preprints. Pesquisa FAPESP, 272. Out2018. <https://revistapesquisa.fapesp.br/2018/10/22/aos-20-anos-scielo-planeja-plataforma-de-preprints/>

ROIG, M. 2010. Plagiarism and self-plagiarism: What every author should know *Biochemia Medica*, 20(3):295-300. <https://www.biochemia-medica.com/en/journal/20/3/10.11613/BM.2010.037>

Wikipedia contributors, "List of academic journals by preprint policy," *Wikipedia, The Free Encyclopedia*, [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=List\\_of\\_academic\\_journals\\_by\\_preprint\\_policy&oldid=899808896](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=List_of_academic_journals_by_preprint_policy&oldid=899808896).

[[Parte 1](#)] [Parte 2]

# CITAÇÕES E REFERÊNCIAS: POR QUE PRECISO DISSO?

Publicado em maio 6, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Ao elaborar um texto acadêmico há algumas razões para fazer referência a outros textos.

- Uma delas é situar a discussão do problema focalizado numa linha teórica e, assim, mostrar ao leitor em que propostas o trabalho se apoia.
- Ao fazer isso, também se demonstra o aprofundamento da pesquisa — ou não, caso as fontes sejam apenas fontes não acadêmicas ou não haja fonte alguma.
- Também se dá ao leitor a chance de buscar mais informação (e de confirmar o conteúdo de nossa própria referência).
- Por outro lado, se uma ideia — ou um texto, gráfico, tabela ... — não é minha nem faz parte do conhecimento comum tenho de dar crédito a quem de direito. Não fazer isso é incorrer em **plágio\***.

\*

UFRJ. [Diretrizes sobre integridade acadêmica.](#)

MIT. [Academic Integrity at MIT: A Handbook for Students](#)

Há diversos estilos de apresentação das referências. Alguns deles:

- ABNT -A UFSC criou uma ferramenta *online* para gerar as referências no padrão ABNT: [Mecanismo Online para Referências/MORE](#)
- Outros estilos:
- MLA/ Modern Language Association  
<https://www.ua.pt/sbidm%5Cbiblioteca/ReadObject.aspx?obj=15304>
- Chicago <https://www.ua.pt/sbidm%5Cbiblioteca/ReadObject.aspx?obj=15302>
- APA – <https://www.ua.pt/ReadObject.aspx?obj=36608>

[\[Post 1\]](#) [\[Post 2\]](#) [\[Post 3\]](#) [\[Post 4\]](#) [\[Post 5\]](#)



# CITAÇÕES E REFERÊNCIAS: POSSO CITAR A MIM MESM@?

Publicado em setembro 9, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Eu ainda estava no Doutorado e numa conversa com o saudoso Carlos Franchi (1932-2001) no prédio da Praia Vermelha — onde tínhamos assistido a uma palestra do também saudoso Fernando Tarallo (1951-1992) — ouvi do Prof. Franchi que não citava trabalhos dele mesmo. Aquela conversa ficaria na minha memória, junto com as palavras de Rodolfo Ilari na homenagem póstuma ao amigo: “*a vontade de pesquisar com humildade*” (Ilari, 2002: 87).

Tornei a lembrar-me dessa conversa por estes dias: [um estudo](#) sobre um *corpus* de 100 mil pesquisadores muito citados mostrava que 250 deles, em pelo menos 50% das vezes em que foram citados, haviam citado a si ou recebido citação de seus co-autores; em alguns dos casos, em 94% das citações.

Os tempos mudaram desde aquela conversa. Um pesquisador como o Prof. Franchi, cuja produção foi “*altamente informal, tendo preferido a exposição em seminário ao impresso, e o working paper ao livro*” (Ilari, 2002: 85), hoje seria forçado não só a publicar mais (o que nos faz lembrar da anedota de que Saussure atualmente não conseguiria lugar num programa de pós-graduação em Linguística porque não publicava — a respeito desse saussureano “*horreur d’écrire*”, ver [Piller, 2013](#), texto já mencionado neste blogue), mas também a demonstrar o impacto de sua pesquisa pela contabilização de referências, de quantificação mais fácil que o respeito acadêmico e a influência sobre alunos e colegas.

Ao longo das últimas décadas aumentou o número de grupos de pesquisa e, em paralelo, houve aumento no número de trabalhos referidos num artigo, não importa de que área. Nas Ciências Sociais, por exemplo, se na década de 1960 o número médio de citações por trabalho estava um pouco abaixo de 10 títulos, em 2015 a média já chegava a 50 (Van Noorden, 2017). Em 2005 surgia o [índice-h](#), uma medida do impacto das pesquisas que toma por base as citações. E assim as citações entraram no cv Lattes, passaram a pontuar pedidos de progressão na vida acadêmica...

Deixando de lado por enquanto os maus usos das auto-referências, em que situações citar/referir nosso próprio trabalho chega mesmo a ser necessário? Afinal, o mesmo estudo apontava 12,7 % como valor médio de auto-citações.

Em primeiro lugar, em razão da continuidade da pesquisa: se estamos voltando a material que já publicamos — e, como aconselha o Prof. Ataliba de Castilho, especialmente se mudamos de ideia em relação a trabalho que publicamos no passado — temos de referir o que publicamos anteriormente. Em segundo lugar, se utilizamos material nosso anteriormente publicado, para evitar acusações de autoplágio (COPE, 2019, [Legitimate Reasons for Self-Citation](#)). Este segundo motivo era desconhecido até bem pouco tempo e nem mesmo sua denominação era encontrada em português.

[COPE/ Committee on Publication Ethics. 2019. *Citation Manipulation*. COPE Discussion Document, Version 1: July 2019.

[https://publicationethics.org/files/COPE\\_DD\\_A4\\_Citation\\_Manipulation\\_Jul19\\_SCREEN\\_AW2.pdf](https://publicationethics.org/files/COPE_DD_A4_Citation_Manipulation_Jul19_SCREEN_AW2.pdf)

HIRSCH, J. E. 2005. An index to quantify an individual's scientific research output. *PNAS*, 102 (46) 16569-16572 <https://doi.org/10.1073/pnas.0507655102>

ILARI, Rodolfo. 2002. Humildade na pesquisa para construir o futuro. *Revista do GEL/ Grupo de Estudos Linguísticos do Esta do de São Paulo*. Número Especial. "Em memória de Carlos Franchi (1932-2001), 2002, nº 0. São Paulo: Contexto. p. 83-87  
<https://revistas.gel.org.br/rg/article/download/178/154>

PILLER, Ingrid. 2013. *Saussure, the procrastinator*. *Language on the Move*, 30Out2013. <https://www.languageonthemove.com/saussure-the-procrastinator/>

VAN NOORDEN, Richard. 2017. The science that's never been cited. *Nature Briefing*, 13Dez2017. <https://www.nature.com/articles/d41586-017-08404-0>

VAN NOORDEN, Richard & CHAWLA, Dalmeet Singh. 2019. Hundreds of extreme self-citing scientists revealed in new database. *Nature Briefing*, 19Ago2019  
<https://www.nature.com/articles/d41586-019-02479-7>

# SER CITADO NUMA TESE VALE MENOS QUE NUM ARTIGO?

Publicado em dezembro 9, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Quase na mesma data em que a Web of Science divulga sua lista dos pesquisadores mais citados em 2019 ([Highly Cited Researchers – 2019](#)), chamou minha atenção um trecho num artigo de Ernesto Spinak no último boletim [SciELO em Perspectiva](#), sobre a avaliação do impacto de pesquisas com base nas citações no Google Acadêmico (GA), na Web of Science (WoS) e na Scopus. O texto de Spinak reporta pesquisa que demonstra que, quantitativamente, o GA ultrapassa as duas outras bases:

*a simples evidência numérica constatou que o GA tem consistentemente o maior percentual de citações em todas as áreas (93% – 96%), bem à frente do Scopus (35% – 77%) e do WoS (27% – 73%). O GA encontrou quase todas as citações do WoS (95%) e do Scopus (92%). A maioria das citações encontradas apenas pelo GA vem de fontes não pertencentes a periódicos (48% – 65%), incluindo teses, livros, documentos de conferências e materiais não publicados. Muitos documentos não estavam em inglês (19% – 38%) e tendiam a ser muito menos citados do que fontes que também estavam no Scopus ou no WoS*

Spinak termina seu artigo ressaltando que sua fonte contrapõe à quantidade a qualidade das citações:

*Tomados em conjunto, estes resultados sugerem cautela se o GA for usado em vez do WoS ou do Scopus para avaliação de citações. Sem evidência, não se pode presumir que as contagens mais altas de citações do GA serão sempre mais altas que as do WoS e do Scopus, pois é possível que a inclusão de documentos de qualidade mais baixa reduza o grau em que as contagens de citações reflitam o impacto acadêmico. Por exemplo, algumas das citações de dissertações de mestrado podem refletir o impacto educacional. Portanto, dependendo do tipo de avaliação a ser realizada, pode ser necessário remover certos tipos de documentos de citações da contagem de citações, conforme sugerido por Prins, et al. (2016)*

Retirem-se do cômputo as autocitações (já falamos disso anteriormente, em [Posso citar a mim mesm@?; As citações por outro ângulo: o da ética](#)). Mas qual o problema se a citação surge numa dissertação ou tese? O problema seria porque há poucas chances de esses trabalhos serem muito citados, diferentemente dos artigos publicados em

revistas de luxo? Mas há quem afirme que 90% dos artigos publicados em periódicos acadêmicos nunca são citados ([Maho, 2007](#)). Textos muito usados em cursos de pós-graduação certamente são citados nas teses e dissertações daqueles que representam o futuro da pesquisa. Isso não deveria contar?

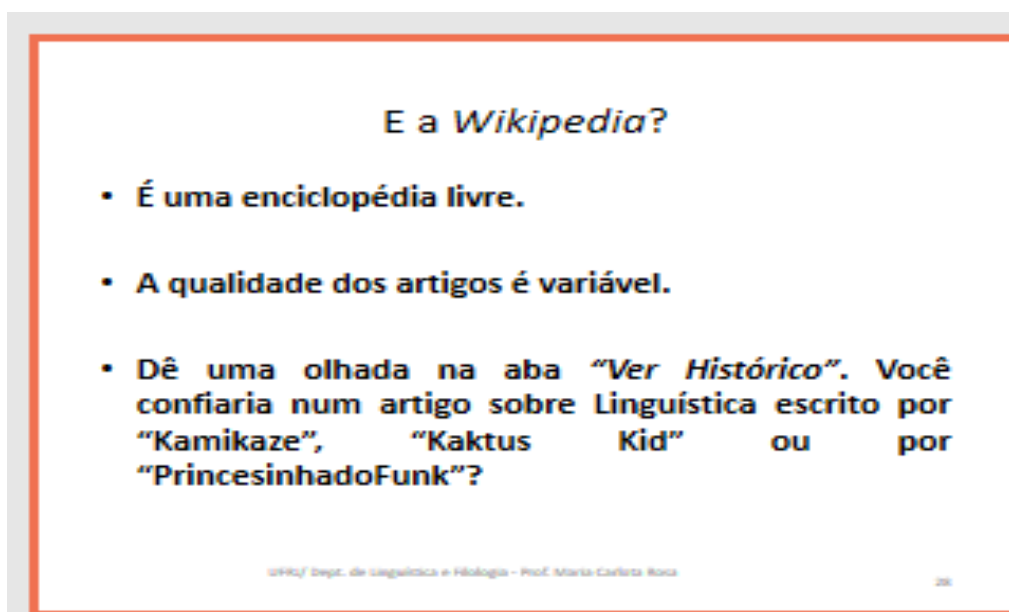
---

SPINAK, E. Google Acadêmico, Web of Science ou Scopus, qual nos dá melhor cobertura de indexação? [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2019 . Available from: <https://blog.scielo.org/blog/2019/11/27/google-academico-web-of-science-ou-scopus-qual-nos-da-melhor-cobertura-de-indexacao/>

# POSSO CITAR A WIKIPEDIA?

Publicado em abril 29, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Há algum tempo dedico uma aula das minhas disciplinas a uma conversa sobre pesquisa e fontes confiáveis. Uma pergunta recorrente é “E a Wikipedia?”. Tanto que passei a incluir um *slide* nessas apresentações com a pergunta:



**E a Wikipedia?**

- **É uma enciclopédia livre.**
- **A qualidade dos artigos é variável.**
- **Dê uma olhada na aba “Ver Histórico”. Você confiaria num artigo sobre Linguística escrito por “Kamikaze”, “Kaktus Kid” ou por “PrincesinhadoFunk”?**

UFRJ/ Dept. de Linguística e Filologia - Prof. Maria Carlota Rosa

As *fontes*, isto é, onde vamos buscar informação, são um aspecto crucial de uma pesquisa. São fontes possíveis livros e artigos, mas também material disponível na internet, que podem incluir outras bibliotecas, blogues, dados governamentais, vídeos.... Estejam na internet ou numa prateleira da biblioteca, as fontes têm de ser avaliadas.

## **A internet como fonte**

A internet pode ser fonte de pesquisa, mas ela não é como a biblioteca da universidade, nem como a bibliografia das diferentes disciplinas (neste blogue já houve diversas postagens que focalizaram a *revisão por pares*), além de exigir um tipo de cuidado desnecessário na biblioteca: o site que aparece na busca pode colocar a segurança do computador em risco.



## ***As obras de referência***

Tradicionalmente a biblioteca distingue as *obras de referência*, aquelas que apenas consultamos para obter informação, como enciclopédias e dicionários, e aquelas que vamos não apenas consultar, mas ler, como artigos periódicos científicos, por exemplo. No tocante a obras de referência há aquelas que são gerais e as que são especializadas. A *Encyclopedia of Language and Linguistics* é uma enciclopédia especializada; a *Wikipedia* é uma enciclopédia geral.

A *Wikipedia* é uma enciclopédia livre, colaborativa. Qualquer pessoa pode escrever ou modificar um artigo da *Wikipedia*, seja ou não um especialista na área. Isso faz com que a qualidade dos artigos possa variar. Mais ainda: colaboradores podem incluir artigos absolutamente falsos, os *hoaxes*. Um exemplo famoso: *The Bicholim Conflict*, uma guerra entre portugueses e o Império Maratha no século XVII, contribuição à *Wikipedia* de um colaborador de nome *A-b-a-a-a-a-a-b-a* (Lewis, 2014). A guerra nunca aconteceu, os livros na bibliografia referida não existem ...

## ***Mas não é preciso jogar fora o bebê junto com a água do banho...***

A *Wikipedia* periodicamente supervisiona o material disponibilizado e mantém um registro dos enganos intencionais, que são apagados: *Wikipedia:List of hoaxes on Wikipedia* Quem atualmente procurar pelo artigo-hoax anteriormente mencionado encontrará a informação de que se tratava de um hoax e pode mesmo ver a imagem pública do artigo agora apagado: <https://www.wikidata.org/wiki/Q21510193>

## ***Isso nunca aconteceria no papel! (Mesmo?)***

A inclusão de uma entrada fictícia nunca aconteceria em obras de referência mais canônicas? Não é bem assim.

Quem conhece a fotógrafa *Lillian Virginia Mountweazel* (1942-1973), cuja vida mereceu um artigo na *The New Columbia Encyclopedia* (New York: Columbia University Press, 1975)?

**Mountweazel, Lillian Virginia, 1942-73**, American photographer, b. Bangs, Ohio. Turning from fountain design to photography in 1963, Mountweazel produced her celebrated portraits of the South Sierra Miwok in 1964. She was awarded government grants to make a series of photo-essays of unusual subject matter, including New York City buses, the cemeteries of Paris, and rural American mailboxes. The last group was exhibited extensively abroad and published as *Flags Up!* (1972) Mountweazel died at 31 in an explosion while on assignment for *Combustibles* magazine.

**William H. Harris and Judith S. Levey, eds, "Mountweazel, Lillian Virginia", *The New Columbia Encyclopedia*, New York: Columbia University Press, 1975.**

A biografia dessa figura fictícia foi intencionalmente inserida na obra, como forma de armadilha para violações de direito autoral.

E quem conhece a palavra inglesa *esquivalience*?

*esquivalience* —n. the willful avoidance of one's official responsibilities late 19th . cent.: perhaps .from French *esquiver* , "dodge, slink , slink away."

*Esquivalience* pode ser considerada um *mountweazel* (sim, um neologismo criado a partir do sobrenome da Lillian com dois eles): uma entrada fictícia, criada como solução editorial para a detecção de plágio e, portanto, tão intencional como um *hoax* do mundo digital.

Vale a pena ler o artigo de Henry Alford para *The New Yorker* em 2005 com o título *Not a Word*.

## **Alguns embaraços decorrentes**

O episódio de Bicholim gerou um livro (*The Bicholim Conflict*), que pode ser comprado sob demanda; de modo semelhante, um erro na leitura de um texto medieval português — detectado por Carolina de Michaëlis de Vasconcelos (1895) — criou os *cantos de ledino* e essa leitura levou Ernesto Monaci (1844-1918) a escrever um livro sobre algo inexistente (*Cantos de Ledino tratti dal grande canzoniere portoghese della biblioteca Vaticana*).

Quanto a palavras criadas como armadilha para plagiadores de dicionários, a linguista Rochelle Lieber (2010: 29) chamava a atenção para o fato de que essas *fake*

*words* ou *mountweazels* podem ganhar vida: ela reporta 55300 retornos no Google em Dez2006 para *esquivalience*. Deixava, então, no ar a pergunta se o que inicialmente era um *mountweazel* não podia vir a tornar-se uma palavra real.

## Posso citar ou não?

Citações, bem como referências, são menções ao material pesquisado (as fontes) na elaboração de um texto acadêmico. A própria *Wikipedia* dedicou uma entrada a seu uso acadêmico: [Wikipedia: Academic Use](#). Nessa entrada há a seguinte observação:

***Remember that any encyclopedia is a starting point for research, not an ending point.***

*An encyclopedia, whether a paper one like Britannica or an online one, is great for getting a general understanding of a subject before you dive into it, but then you do have to dive into your subject; using books and articles and other higher-quality sources to do better research. Research from these sources will be more detailed, more precise, more carefully reasoned, and more broadly **peer reviewed** than the summary you found in an encyclopedia. These will be the sources you cite in your paper. There is no need to cite Wikipedia in this case.*

## Em resumo

As críticas e as proibições a citações da *Wikipedia* (não à consulta) em instituições de ensino estão fundamentadas em diferentes tipos de argumentos: a confiabilidade das fontes empregadas na pesquisa, a profundidade do conteúdo, mas principalmente a formação do aluno como agente na construção de seu conhecimento, o que implica a leitura de fontes primárias e secundárias e não apenas de resumos, por melhores que estes sejam.

As enciclopédias gerais, como a *Wikipedia*, sempre foram um bom ponto de partida quando não se conhece nada sobre um tema. Um passo muito adiante desse tipo de obra é a enciclopédia especializada, com material escrito por profissionais de renome, rica nas referências de cada artigo, o que permite ao usuário partir para a busca de outras fontes.

À medida em que alguém se aprofunda num tema, a enciclopédia (como o dicionário) vai sendo deixada de lado. “*Posso citar a Wikipedia?*” Talvez a questão seja outra: quando citar uma fonte que resume trabalhos?

---

ALFORD, Henry. 2005. Not a Word. *The New Yorker*, 29Ag2005.  
<https://www.newyorker.com/magazine/2005/08/29/not-a-word>

BROWN, Keith (ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics* (2nd Edition)  
Boston: Elsevier, 2006. 14vv.

---

Maria Carlota Rosa – Linguística-UFRJ M.Carlot Rosa - <http://linguisticaufrjcarlotablog.wordpress.com>



LEWIS, Dan. 2014. The Bicholim Conflict. *Now I Know*, 8Fev2014.

<http://nowiknow.com/the-bicholim-conflict/>

LIEBER, Rochelle. 2010. *Introducing Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. 1895. Uma passagem escura do “ Chrisfal”. In: *Revista Lusitana* , 3 (4): 347-362 <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/etnologia-etnografia-tradicoes.html>

Wikipedia:List of hoaxes on Wikipedia

[https://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:List\\_of\\_hoaxes\\_on\\_Wikipedia](https://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:List_of_hoaxes_on_Wikipedia) Wikipedia: Academic use. [https://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Academic\\_use](https://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Academic_use)

# AS CITAÇÕES POR OUTRO ÂNGULO: O DA ÉTICA

Publicado em setembro 23, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

A construção de indicadores quantitativos tem traduzido para as agências de fomento e as instituições de ensino a importância do pesquisador e do periódico em que trabalhos são publicados e tornou-se talvez o principal pilar para promoções na carreira e solicitações de diversos tipos de auxílios.

Nesse cenário de métodos bibliométricos, as tentativas de manipulação de indicadores começaram a se tornar fonte de preocupação. E levaram o COPE/ Committee on Publication Ethics a divulgar recentemente um documento que aponta práticas condenáveis relativas às citações (COPE, 2019).

A preocupação também está presente na seção sobre *Editor Roles and Responsibilities* do livro branco do Council of Science Editors, atualizado em 2018. Em outras palavras: chama-se a atenção para o mau uso de citações.

Se parte do problema seria quer de iniciativa dos autores — a **autocitação** que tem por objetivo inflacionar o número de citações do próprio trabalho ou a **troca de citações** (ing. *citation swapping*) entre colegas — quer da iniciativa de pareceristas que solicitam a inclusão de citações de seus trabalhos, outras práticas estão ligadas à editoria de periódicos.

Por exemplo, no nível do periódico, a autocitação transforma-se em **citação coercitiva** (ing. *coercive citation*): a demanda da editoria do periódico aos autores (particularmente se no início da carreira) para que façam a inclusão de citações de trabalhos publicados naquela mesma revista a fim de que o texto submetido tenha mais chances de ser aceito. As citações solicitadas são desnecessárias e sequer se indica para os autores da submissão que deficiências seria necessário rever lançando mão de textos (quais?) anteriormente publicados no periódico que está recebendo a submissão.

A **citação honorária** envolve a citação excessiva e desnecessária de nomes notáveis na área — como o editor da revista, por exemplo.

O **empilhamento de citações** (ing. *citation stacking*) diz respeito a um acordo entre editores de diferentes periódicos para que os textos publicados em cada um deles reúnam citações dos demais periódicos desse grupo.

## Vale a pena participar desses esquemas?

Em outras palavras: deixar de lado a integridade na vida acadêmica ajuda o pesquisador ou editores? Certamente não e isto vale para qualquer momento da carreira.

Há seis anos atrás, em 2013, a empresa que detinha o *Journal Citation*

*Reports* (JCR) acusou a prática de *empilhamento de citações* em quatro periódicos médicos brasileiros de longa tradição no país (*Clinics, Jornal Brasileiro de Pneumologia, Revista da Associação Médica Brasileira* e *Acta Ortopédica Brasileira*) que haviam demonstrado grande melhora bibliométrica e os suspendeu do JCR por um ano.

Todos os editores à época se defenderam da acusação, com argumentos sobre o cenário brasileiro de publicações nessa área específica e a necessidade de tornar os periódicos brasileiros mais atrativos.

A biblioteca SciELO Brasil, de que os quatro periódicos fazem parte, determinou a retratação dos artigos em que os números revelados podiam ser interpretados como envolvimento nessa prática; já a CAPES/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior levou a punição para além dos editores e autores retratados: nenhum dos artigos publicados nesses periódicos entre 2010 e 2012 foi contabilizado na avaliação trienal da pós-graduação de 2013 (van Noorden, 2013), retirados todos do Qualis (FAPESP, 2013). Artigos já aceitos para a publicação foram retirados a pedido de seus autores.

*Although such behavior may result in a short-term gain, the strategy may not work in the long term* (CSE, 2018: 13)

---

COPE – Committee on Publication Ethics. 2019. *Citation Manipulation*. COPE Discussion Document, Version 1: July 2019.

[https://publicationethics.org/files/COPE\\_DD\\_A4\\_Citation\\_Manipulation\\_Jul19\\_SCR\\_E\\_N\\_AW2.pdf](https://publicationethics.org/files/COPE_DD_A4_Citation_Manipulation_Jul19_SCR_E_N_AW2.pdf)

CSE-Council of Scientific Editors/ Editorial Policy Committee. 2018. *CSE's White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications*.

<https://www.councilscienceeditors.org/resource-library/editorial-policies/white-paper-on-publication-ethics/>

FAPESP. 2013. Punição para citações combinadas. *Revista Pesquisa FAPESP*, 213. Nov.2013. <https://revistapesquisa.fapesp.br/2013/11/18/punicao-para-citacoes-combinadas/>

FONG, Eric A. & WILHITE, Allen W. 2017. Authorship and citation manipulation in academic research. *PLoS ONE*, 12(12): e0187394.

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0187394>

SAMPAIO, Rafael. 2013. Índice internacional suspende revistas científicas brasileiras. *G1/ Ciência e Saúde*, 30Ago2013. <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/08/indice-internacional-suspende-revistas-cientificas-brasileiras.html>

UNIVERSITY OF ALABAMA IN HUNTSVILLE. 2012. Research ethics: Coercive citation in academic publishing. *ScienceDaily*, 2 February

2012. [www.sciencedaily.com/releases/2012/02/120202164817.htm](http://www.sciencedaily.com/releases/2012/02/120202164817.htm)

VAN NOORDEN, Richard. 2013. Brazilian citation scheme outed. *Nature* 500: 510-511. [http://www.nature.com/polopoly\\_fs/1.13604!/menu/main/topColumns/topLeftColumn/pdf/500510a.pdf](http://www.nature.com/polopoly_fs/1.13604!/menu/main/topColumns/topLeftColumn/pdf/500510a.pdf)

# E SE ESSE TEXTO NUNCA FOR CITADO?

Publicado em setembro 16, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

É uma anedota na vida acadêmica que um texto não citado é um episódio de fracasso. Ninguém leu? Não despertou interesse? Irrelevante, então. (Tem-se aqui em conta a citação feita por outros pesquisadores, de outros grupos de pesquisa, não a autocitação). Mais ou menos a mesma sensação que sentimos quando o livro que consultamos na biblioteca tem a ficha em branco. Bom, a foto que ilustra este texto é um indício de que essa visão é um tanto simplista.

Num mundo em que as citações são contabilizadas e lançadas no *curriculum vitae*, em que pontuam os pedidos de progressão ou promoção é previsível que todos os pesquisadores queiram um índice-h igual a 18 — e reconhecimento em vida. Mas isto não equivale a dizer que se um texto não recebeu citações ao longo de cinco, dez anos é porque é trabalho sem valor.

O impacto de um trabalho durante o tempo de vida do autor pode enfrentar dificuldades completamente alheias à qualidade — problemas que vão da censura à língua em que um texto foi escrito.

[\[Post 1\]](#) [\[Post 2\]](#) [\[Post 3\]](#) [\[Post 4\]](#) [\[Post 5\]](#)

# POSSO CITAR UM TRABALHO QUE FOI RETRATADO? PARTE 1

Publicado em abril 15, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

*A retratação é um mecanismo para corrigir a literatura e alertar os leitores sobre publicações que contêm dados tão falhos ou errados que não se pode confiar em suas descobertas e conclusões. Dados não confiáveis podem resultar de simples erro ou de má conduta na pesquisa.*

[COPE/Committee on Publication Ethics](#). Retraction guidelines.

A pergunta que abre esta postagem começa a ser mais ouvida, acompanhando o aumento no número de retratações, mesmo em Linguística: no início de janeiro de 2019, uma busca na [Retraction Watch Database](#) retornava 60 trabalhos retratados na área em razão de plágio, de duplicação, de problemas de autoria e mesmo de falsificação de dados.

Pode parecer estranho, mas trabalhos retratados continuam a ser citados, mesmo quando as retratações decorreram de casos de grande repercussão, como demonstraram Bornemann-Cimenti, Szilagyi, & Sandner-Kiesling (2015), tomando para exemplo os 21 artigos retratados de [Scott Reuben](#), cujas conclusões foram tão fabricadas quanto eram falsos os pacientes que formaram o universo da pesquisa inexistente.

## O que fazer?

Vamos a um exemplo concreto, apresentado por um leitor de [Retraction Watch \(05/01/2018\)](#): parte da inspiração para a pesquisa viera de um trabalho posteriormente retratado. Houve a retratação, mas houve também uma influência positiva para o leitor que apresentou o problema. A recomendação do blogue foi a seguinte:

*It's perfectly fine to cite a retracted paper, as long as the retraction is noted. Ideally, the we'd suggest citing both the paper and the retraction notice, which (according to best practices) should have different DOIs. And you can [check for retracted papers in our database](#).*

## Citar: é mesmo necessário?

Embora haja quem defenda que trabalhos retratados ainda assim podem ter partes citáveis, há aqui um problema. Em princípio, a retratação é uma decisão tão grave que, se o problema diz respeito a apenas um trecho do trabalho, em geral os editores

preferem publicar uma *nota de correção*.

Se um trabalho foi retratado porque apresentou dados falsos ou dados fabricados, ele não serve de nada. Se foi retratado porque plagiou outro trabalho, que se vá ao original.

Se os dados estão tão errados que não se pode confiar no que lá está, de novo: não serve de nada.

E se foi retratado por conta de uma briga de autoria, por exemplo? Melhor ler a nota de retratação com cuidado e discutir o caso com o orientador.

E se a nota é vaga e não dá para saber o motivo da retratação? Discuta com o orientador se vale a pena contactar a revista.

---

BORNEMANN-CIMENTI, Helmar; SZILAGYI, Istvan S. & SANDNER-KIESLING, Andreas. 2015. Perpetuation of Retracted Publications Using the Example of the Scott S. Reuben Case: Incidences, Reasons and Possible Improvements *Science and Engineering Ethics*, Publ. online: 7Jul2015.

RETRACTION WATCH, 05Jan2018. *Ask Retraction Watch: Is it OK to cite a retracted paper?* <http://retractionwatch.com/2018/01/05/ask-retraction-watch-ok-cite-retracted-paper/>

RETRACTION WATCH DATABASE.

<http://retractiondatabase.org/RetractionSearch.aspx?>

[Parte 1] [Parte 2]

# POSSO CITAR UM TRABALHO QUE FOI RETRATADO? PARTE 2

Publicado em abril 22, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Um exemplo de problemas que podem surgir caso se decida sustentar a argumentação tendo como referência um trabalho retratado por má conduta.

Digamos que estamos às voltas com uma pesquisa sobre aspecto verbal e que fiquemos encantados com as conclusões de um artigo de 2013 na *Psychological Science* que afirmava que falantes de inglês, ao relatar experiências emocionais passadas com o uso do imperfeito (como *I was crying*) ou do perfeito (como *I cried*), demonstravam o quanto estavam próximos ou distantes afetivamente das memórias relatadas — e assim demonstrariam seu estado de humor e de felicidade:

*I propose that the aspect used in describing past emotional experiences can influence memory for them and thereby influence current mood and happiness. (p. 1)*

*I hypothesized that using the imperfective (vs. perfective) aspect to describe a pleasant past experience should more effectively reinstate the positive affect associated with that experience (and should result in a more positive mood). Likewise, I predicted that using the imperfective (vs. perfective) aspect to describe an unpleasant past experience would more effectively reinstate the negative affect associated with that experience (and should result in a more negative mood). [...] I hypothesized that using the imperfective aspect to describe an unpleasant past experience should reduce happiness compared with using the perfective aspect, and that using the imperfective aspect to describe a pleasant past experience should enhance happiness compared with using the perfective aspect. (p.2)*

O trabalho chegou a ser citado diversas vezes e foi **tema de uma coluna de jornal**. Seria retratado algum tempo depois. Motivo alegado? Um aluno de graduação, não listado como autor, teria alterado as respostas obtidas nos experimentos (*Retraction Watch*, 17Fev2017), para que elas confirmassem as hipóteses.

***Se os dados são fabricados, que fazer com quaisquer conclusões, a não ser descartá-las?***

## **Além disso...**

1. O estudante de graduação acusado de manipulação não é nomeado, nem como autor, nem nos agradecimentos. Segundo o autor único no artigo, o estudante só coletou dados e por isso não preencheria os critérios de autoria (mas ver neste blogue [Na lista de autores ou nos agradecimentos?](#); [A autoria múltipla: o primeiro, o último, só um “et alii”?](#)).

Caso o estudante não preenchesse os critérios de autoria da revista, teria de obrigatoriamente receber agradecimentos. Estranhamente o artigo não tem qualquer seção de agradecimentos e, como notou um dos comentários na postagem da *Retraction Watch*, todo o texto está na primeira pessoa do singular (*I analyzed, I used correlational procedures, I conducted four experiments...*).

2. Os problemas com o desenho dos experimentos foram objeto de comentário em Morey (2017); os resultados não foram confirmados em Vera (2014).

Se os dados foram manipulados, vamos sustentar nosso trabalho com base em dados fabricados?

---

HART, William. 2013. Unlocking past emotion: Verb use affects mood and happiness. *Psychological Science*, 24, 19–26. [Retratado em *Psychological Science*, 28(3) : 404. 2017]

MARKMAN, Art. 2013. Language Changes Distance and Mood. *The Huffington Post*, 02/06/2013 [https://www.huffingtonpost.com/art-markman-phd/language-changes-distance\\_b\\_2577109.html?ec\\_carp=6715025389107967054](https://www.huffingtonpost.com/art-markman-phd/language-changes-distance_b_2577109.html?ec_carp=6715025389107967054)

MOREY, Richard D. 2017. About that Hart (2013) retraction... Attention to detail is critical in peer review. <https://medium.com/@richarddmorey/about-that-hart-2013-retraction-79cfdaea5cb0>

RETRACTION WATCH. 17Fev2017. Study about words' effect on mood to be retracted after investigation finds evidence of data manipulation. <https://retractionwatch.com/2017/02/07/study-words-effect-mood-retracted-investigation-finds-evidence-data-manipulation/>

VERA, Juan Diego. 2014. Does Verb Use Affects Mood and Happiness? Florida State University. A Thesis submitted to the Department of Psychology in partial fulfillment of the requirements for graduation with Honors in the Major <http://diginole.lib.fsu.edu/islandora/object/fsu:204778/datastream/PDF/view>

[[Parte 1](#)] [[Parte 2](#)]



# RETRATADO, MAS AINDA CITADO

Publicado em abril 6, 2020 por [linguisticaufrjcarlota](#)

*Retratação*, termo que conhecemos no dia a dia com o significado de ‘pedido de desculpas pelo que foi dito’, mas também como ‘correção’, tem no mundo acadêmico um significado bem específico: a reprovação pública de um trabalho publicado. Basicamente porque está errado e/ou porque lançou mão de más práticas:

*A retratação é um mecanismo para corrigir a literatura e alertar os leitores sobre publicações que contêm dados tão falhos ou errados que não se pode confiar em suas descobertas e conclusões. Dados não confiáveis podem resultar de simples erro ou de má conduta na pesquisa. COPE/Committee on Publication Ethics. Retraction guidelines.*

## A “literatura zumbi”

Que dizer, então de uma lista dos *Top-10* entre os trabalhos retratados mais citados (entenda-se: depois da retratação)? Trabalhos retratados que continuam a ser citados de modo positivo ganharam a classificação jocosa de *literatura zumbi*.

Entre os primeiros dessa *lista dos 10 mais* no blogue *Retraction Watch* lá está um famoso texto de 1998, retratado porque seus autores falsificaram e fabricaram dados para criar evidências — fraudulentas, portanto — da relação entre a vacina tríplice e o autismo. Da tardia retratação em 2010 até maio de 2019 foram 669 citações — mesmo com a repercussão do caso na imprensa.

## Um estudo de caso

Um grupo de bibliotecários liderados por Elizabeth M. Suelzer decidiu analisar o contexto em que 1153 trabalhos acadêmicos em inglês citaram o artigo fraudulento. Os dados foram buscados na *Web of Science Core Collection*. Na maioria dos casos (72,7%), a visão sobre o texto retratado era negativa; ainda assim, 8% dos trabalhos tinham uma visão positiva sobre o texto de 1998. E parte desse conjunto — quase 30% — não indicava a existência de uma retratação.

Suelzer *et alii* recomendaram a implementação de diferentes ações: de instruções de como citar um artigo retratado a bancos de dados bibliográficos sobre retratações, como aquele de iniciativa de Ivan Oransky e Adam Marcus, o *Retraction Watch Database*:

*To ensure the integrity of scholarly articles and research, we believe that better care needs to be taken to ensure that retracted articles are properly cited and that it is ultimately the authors' responsibility to ensure that their citations are accurately documented. Improvements can be made to the indexing procedures of bibliographic databases, journal publisher procedures for updating retracted articles, and citation management software products to make it more apparent when articles have been retracted. In addition, stronger guidelines from the ICMJE, COPE, and citation styles on how to cite retracted articles appear to be needed. We also believe that authors should take additional steps to verify their citations by using bibliographic databases, such as PubMed and Retraction Watch, or enlisting the help of librarians and that journal editors should hold authors more accountable for checking their references.*

### **Uma questão interessante**

Em *Retraction Watch* (18Nov2019), Suelzer comentou a contagem pura e simples de citações, não importando se o contexto é negativo:

*While most of the references to the Wakefield article are negative, each new citation is noted in databases like Google Scholar, Web of Science and Scopus. As citation counts continue to play a role in determining the significance or importance of an article (for better or worse), even negative citations will ensure that an article gets a higher rank in databases when the results are sorted by citation count. We accept the irony of conducting a study on Wakefield's paper and adding yet another count to its cited-by number.*

---

**RETRACTION WATCH.** Top 10 most highly cited retracted papers.

<https://retractionwatch.com/the-retraction-watch-leaderboard/top-10-most-highly-cited-retracted-papers/>

**RETRACTION WATCH. 18Nov2019.** Andrew Wakefield's fraudulent paper on vaccines and autism has been cited more than a thousand times. These researchers tried to figure out why. <https://retractionwatch.com/2019/11/18/andrew-wakefields-fraudulent-paper-on-vaccines-and-autism-has-been-cited-more-than-a-thousand-times-these-researchers-tried-to-figure-out-why/>

**RETRACTION WATCH DATABASE.** <http://retractiondatabase.org/RetractionSearch.aspx?>

**SUELZER, Elizabeth M.; DEAL, Jennifer; HANUS, Karen L.; RUGGERI, Barbara; SIERACKI, Rita; WITKOWSKI, Elizabeth.** 2019. Assessment of Citations of the Retracted Article by Wakefield et al With Fraudulent Claims of an Association Between Vaccination and Autism. *JAMA Network Open*. 2019; 2(11):e1915552.

<https://jamanetwork.com/journals/jamanetworkopen/fullarticle/2755486>

# HÁ UM TEMPO ATRÁS NINGUÉM FALAVA DE RETRATAÇÃO...

Publicado em abril 13, 2020 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Se nos habituamos ao mundo acadêmico que tem como lema *publish or perish*, há um outro lado nesse mundo para o qual Diniz & Terra (2014: 117) chamaram a atenção: “Nada mais constrangedor para o currículo de um pesquisador que ter uma coleção de artigos retratados”. Uma publicação retratada compromete o currículo de seu(s) autor(es), como comentamos anteriormente (Rosa, 2018: 63ss; neste blogue: [Posso citar um trabalho que foi retratado? Parte 1](#); [Posso citar um trabalho que foi retratado? Parte 2](#) ).

## **Mas ninguém falava de retratação há um tempo atrás!**

O número de retratações é bem maior agora que há 15 ou 20 anos, por exemplo: até o ano 2000 eram em média 100 ao ano (Brainard & You, 2018); mas em 2010 foram 5.190, em 2011, chegaram a 3.149. Desde então parece haver uma tendência de queda nesse número: em média em torno de 1.200 retratações de 2013 a 2018, com leves decréscimos e algumas oscilações, e uma grande queda, para 462, em 2019 (*Retraction Watch Database*). Essa curva se reflete na área da Linguística, por exemplo: uma consulta a essa mesma base retorna um caso em 1996, outro em 2007, três em 2009; para 2010 e 2011 retorna, respectivamente, 27 e 9. A partir de então parece haver uma tendência de queda, havendo em 2019 apenas um caso.

A subida em 2010 se segue ao lançamento pelo COPE/ Committee on Publication Ethics, no ano anterior, de um guia para os editores de periódicos científicos de como lidar com as retratações. A versão atual, de 2019, do *Retraction Guidelines* pode ser baixada de <https://publicationethics.org/files/retraction-guidelines.pdf>.

A difusão de softwares para a detecção de plágio e para a detecção de manipulação de imagens são agora instrumentos para editores científicos. Por outro lado, autores de manuscritos a serem submetidos a um periódico têm mais consciência de diretrizes a serem seguidas no trabalho científico, uma vez que universidades e agências de fomento no país têm divulgado uma série de documentos a esse respeito. Alguns deles:

- as **Diretrizes sobre integridade acadêmica** da UFRJ/Universidade Federal do Rio de Janeiro: <https://www.if.ufrj.br/~pef/regulamentos/DiretrizesIntegridadeAcademica-UFRJ-2015.pdf>
- a **cartilha sobre plágio** da UFF/ Universidade Federal Fluminense: <http://www.noticias.uff.br/arquivos/cartilha-sobre-plagio-academico.pdf>

- a coleção ***Integridade na pesquisa***, da PUC-RS: <https://editora.pucrs.br/Ebooks/Web/integridadenapesquisa/index.html> , em que ressaltamos o trabalho de Livia Haygert Pithan ***A Autoria nas Pesquisas de Iniciação Científica***
- as ***Diretrizes sobre Ética e Integridade na Prática Científica*** do CNPq: <http://cnpq.br/documents/10157/a8927840-2b8f-43b9-8962-5a2ccfa74dda>
- as ***orientações da CAPES de combate ao plágio***: [http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/OrientacoesCapes\\_CombateAoPlagio.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/OrientacoesCapes_CombateAoPlagio.pdf)
- o ***Código de boas práticas científicas*** da FAPESP: [http://www.fapesp.br/boaspraticas/codigo\\_050911.pdf](http://www.fapesp.br/boaspraticas/codigo_050911.pdf)
- o ***Código Europeu de Conduta para a Integridade da Investigação*** da ALLEA/ ALL European Academies: [https://www.allea.org/wp-content/uploads/2018/11/ALLEA-European-Code-of-Conduct-for-Research-Integrity-2017-Digital\\_PT.pdf](https://www.allea.org/wp-content/uploads/2018/11/ALLEA-European-Code-of-Conduct-for-Research-Integrity-2017-Digital_PT.pdf)

---

DINIZ, Débora & TERRA, Ana. 2014. *Plágio: palavras escondidas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

# A “DRA. ANNA FRAUDE”

Publicado em dezembro 21, 2018 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Uma personagem fictícia, criada por quatro pesquisadores, materializou-se num spam enviado a 360 periódicos científicos.



**Anna O. Szust**

*Wikimedia Commons*

File:Anna-olga-szust.jpg[/caption]

Ela se candidatava a editora. Seu nome: *Anna O. Szust*, uma brincadeira com a palavra polonesa *oszust*, 'fraude'. O perfil criado para a Dra. Anna era fraco: basicamente a tese de doutorado "*Adult females' (Homo sapiens) born during the spring season are more physically attractive*" e capítulos de livros inexistentes atribuídos a editoras inexistentes. 48 publicações caíram no embuste, sendo que uma propôs a divisão do lucro 60-40.

O relato dessa experiência por seus autores:

**Sorokowski, Piotr; Kulczycki, Emanuel; Sorokowska, Agnieszka & Pisanski, Katarzyna. 2017. Predatory journals recruit fake editor. *Nature* 543, 481–483 (23 March 2017) <https://www.nature.com/news/predatory-journals-recruit-fake-editor-1.21662>**

---

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Anna-olga-szust.jpg>

# A AVALIAÇÃO POR PARES EM DISCUSSÃO - PARTE 1

Publicado em maio 13, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Considerada o alicerce das publicações científicas, a avaliação por pares é cada vez mais o centro de discussões em que surgem processos alternativos a serem adotados. Em foco, o nível de transparência no processo.

A forma mais comum de avaliação por pares é aquela que preserva o anonimato — seja porque o autor não toma ciência dos nomes dos pareceristas (**simples-cego**, ing. *single-blind*), seja porque os autores não sabem quem são os pareceristas nem os pareceristas sabem quem são os autores (**duplo-cego**, ing. *double-blind*) — e o sigilo que envolve os pareceres exarados, endereçados apenas ao editor e ao autor.

Em meados desta década, [Nassi-Calò \(2015\)](#) apontava novas alternativas a esses processos:

*Recentemente, novas formas de revisão por pares vem sendo consideradas, como alternativas aos métodos simples e duplo-cego. Revisões totalmente abertas, em que a identidade de autores e revisores é conhecida por ambos; revisões abertas publicadas ao final do artigo, abrindo espaço para discussões pós-publicação; e a substituição da revisão por pares por revisão pós-publicação estão entre as alternativas que ganharam destaque como formas da evolução do processo original de peer review.*

Em que consistem essas alternativas?

[Continua na Parte 2]

---

BERNAL, Isabel & ROMÁN-MOLINA, Juan. *Encuesta sobre evaluación por pares y el módulo “Open Peer Review” de DIGITAL.CSIC*  
[http://digital.csic.es/bitstream/10261/167425/3/encuesta\\_DC\\_peer\\_review\\_oprm\\_2018.pdf](http://digital.csic.es/bitstream/10261/167425/3/encuesta_DC_peer_review_oprm_2018.pdf)

NASSI-CALÒ, Lilian. 2015. Avaliação por pares: modalidades, prós e contras. *Scielo em Perspectiva*, 27Mar2015. <https://blog.scielo.org/blog/2015/03/27/avaliacao-por-pares-modalidades-pros-e-contras/#.XJWQoVVKiXI>

[Parte 1] [[Parte 2](#)] [[Parte 3](#)]

# A AVALIAÇÃO POR PARES EM DISCUSSÃO – PARTE 2

Publicado em maio 20, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Quais são as alternativas? São muitas. Ernesto Spinak (2018), com base na literatura sobre o tema, organizou um quadro das alternativas em discussão:

▪ <b>Identities abertas</b>	Os autores e pareceristas são conscientes da identidade um do outro.
▪ <b>Informes abertos</b>	Os informes de revisão são publicados juntamente com o artigo relevante.
▪ <b>Participação aberta</b>	A comunidade em geral pode contribuir ao processo de revisão (qualificados ou não).
▪ <b>Interação aberta</b>	É permitida e fomentada a discussão recíproca direta entre os autores e os pareceristas, e/ou entre os pareceristas.
▪ <b>Abrir os manuscritos previamente à revisão</b>	Os manuscritos estão disponíveis imediatamente (por exemplo, através de servidores de preprints como <i>arXiv</i> , <i>bioRxiv</i> etc.) antes de qualquer procedimento formal de revisão por pares.
▪ <b>Abrir a versão final aos comentários</b>	Revisar ou comentar sobre a versão final das publicações.
▪ <b>Plataformas abertas</b>	A revisão está desvinculada da publicação porque é fornecida por uma entidade organizacional diferente da sede da publicação.

SPINAK, E. Sobre as vinte e duas definições de revisão por pares aberta... e mais [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2018 <https://blog.scielo.org/blog/2018/02/28/sobre-as-vinte-e-duas-definicoes-de-revisao-por-pares-aberta-e-mais/>

[\[Parte 1\]](#) [\[Parte 2\]](#) [\[Parte 3\]](#)

# A AVALIAÇÃO POR PARES EM DISCUSSÃO

## PARTE 3

Publicado em maio 27, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

As alternativas ao modelo de avaliação por pares hegemônico na atualidade — referidas como *open peer review* (OPR) — são um conjunto de combinações de abertura como indicado na [postagem de 20 de maio passado](#) e começam a gerar pesquisas na comunidade científica. Assim, em julho de 2018, o repositório do Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ DIGITAL.CSIC publicava os resultados de uma enquete com 158 pesquisadores da Espanha (Bernal & Román-Molina, 2018) .

Ao assumirem o papel de revisor ou de autor, os pesquisadores consultados demonstraram sua preferência pelo *duplo-cego*:

8. Como autor, ¿cuál es la modalidad de revisión por pares que prefiere?



10. Como revisor, ¿cuál es la modalidad de revisión por pares que prefiere?



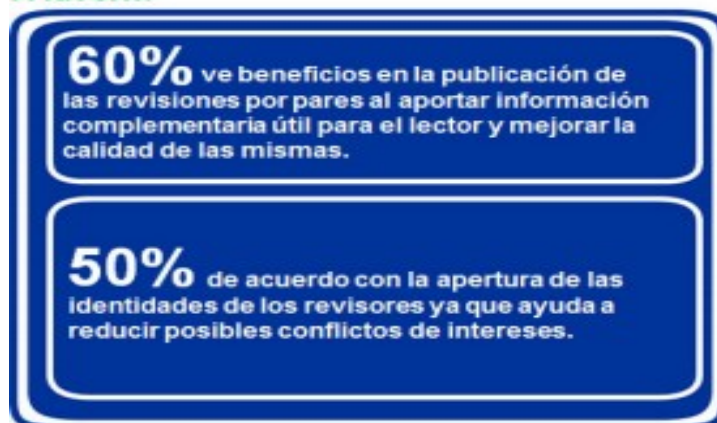
Dentre as conclusões da pesquisa chama a atenção a falta de consenso em relação à implantação de mudanças:



Los encuestados valoraron las oportunidades y los beneficios de una posible reforma del sistema dominante de revisión por pares de manera dispar. Así, algo más del 60% de los encuestados piensa que hacer públicas las revisiones de los artículos científicos puede ser beneficioso como información complementaria para los lectores y que la calidad de las propias evaluaciones aumentaría. Por otro lado, no existe consenso entre los encuestados sobre el riesgo de que un sistema de revisiones públicas actuara como obstáculo para realizar evaluaciones especialmente críticas, con casi 47% de respuestas tendentes a pensar que tal riesgo existiría. Finalmente, algo más del 50% de los encuestados piensa que publicar la identidad de los revisores ayuda a reducir posibles conflictos de intereses.

## Sobre las revisiones abiertas

### A favor...



### En contra...



Nassi-Caló (2015) arrola seis argumentos favoráveis à revisão aberta por pares e cinco contrários. Entre os riscos Nassi-Caló vê um aspecto mais grave que uma possível represália:

*“Certos comentários nos pareceres poderiam ser distorcidos e descaracterizados para reduzir a credibilidade da pesquisa, de uma área do conhecimento ou da ciência como um todo. Esta probabilidade seria maior em periódicos que publicam pesquisa com maior risco de discussão política”.*

Nota que a aceitação ou rejeição da OPR não é a mesma em todas as áreas; que pesquisadores mais jovens estão mais propensos a concordar com sua implantação.

Para os editores, a adoção de um modelo que publicasse não só o artigo em sua forma final, mas outras versões submetidas, comentários dos pareceristas, respostas dos autores e decisão do editor não seria “trivial”.

---

BERNAL, Isabel & ROMÁN-MOLINA, Juan. 2018. *Encuesta sobre evaluación por pares y el módulo “Open Peer Review” de DIGITAL.CSIC*–  
[http://digital.csic.es/bitstream/10261/167425/3/encuesta\\_DC\\_peer\\_review\\_oprm\\_2018.pdf](http://digital.csic.es/bitstream/10261/167425/3/encuesta_DC_peer_review_oprm_2018.pdf)

NASSI-CALÒ, L. Potenciais vantagens e desvantagens na publicação de pareceres [online]. *SciELO em Perspectiva*, 2019  
<https://blog.scielo.org/blog/2019/04/30/potenciais-vantagens-e-desvantagens-na-publicacao-de-pareceres/>

[\[Parte 1\]](#) [\[Parte 2\]](#) [Parte 3]

# DADOS ABERTOS E AVALIAÇÃO POR PARES ABERTA CHEGAM À LINGUÍSTICA BRASILEIRA

*Publicado em agosto 5, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)*

A discussão sobre os pareceres abertos apresentada nas postagens ***A avaliação por pares em discussão – Partes 1, 2 e 3*** ganhará forma, em breve, na *Revista da Abralín*, periódico da Associação Brasileira de Linguística. Mas não só.

Numa circular aos associados datada de 16 de julho de 2019, as editoras-chefes da revista, argumentando que “[a] ciência vive um momento de crise, que vai muito além da crise da replicabilidade; [...] uma crise de credibilidade, que decorre da falta de transparência no processo, que é, no cenário brasileiro, majoritariamente financiado pelo contribuinte”; que “o processo de revisão duplo cego (em que pareceristas não sabem quem são os autores, e vice-versa) não tem se mostrado transparente”; que “o trabalho do parecerista, essencial para o aprimoramento do texto e com contribuições substanciais para a forma final, não é reconhecido publicamente”, solicitam aos associados já doutores que se **cadastrem como pareceristas** para uma nova fase da revista: “a partir de 2020, as submissões à *Revista da Abralín* passarão por processo de revisão aberto, em que autor e parecerista não são anônimos”.

Não será a única parte da inovação. Ainda na sequência de decisões que colocam o periódico no movimento Ciência Aberta, no tocante às submissões de manuscritos serão priorizadas as submissões à *Revista da Abralín* “que apresentarem a indicação de compartilhamento dos conjuntos de dados de análise, instrumentos, scripts de análise estatística, roteiros e materiais adicionais, que devem estar em repositórios online abertos, tais como **OSF** e **Figshare**, por exemplo”.

Também serão priorizadas as submissões “que se comprometerem a contribuir com um texto de popularização a ser publicado na *Roseta*, revista da Associação Brasileira de Linguística voltada para a popularização científica, de modo a promover a Ciência Cidadã”.

A circular pode ser lida em

<http://revista.abralin.org/index.php/abralin/announcement/view/4>

# A TERCEIRIZAÇÃO NA AVALIAÇÃO POR PARES - 1

Publicado em junho 3, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

Três postagens anteriores (*A avaliação por pares em discussão – Partes [1](#), [2](#) e [3](#)*) focalizaram a discussão que atualmente envolve diferentes possibilidades de implementação da avaliação por pares aberta. Todas as propostas em discussão reconhecem o tanto de trabalho que a atividade soma à já sobrecarregada vida acadêmica, mas consideram a figura o avaliador único.

Um artigo de Benderly no magazine *Science*, porém, traz para primeiro plano uma prática obscura: a terceirização de pareceres, assinados por pesquisadores de ponta, mas escritos de fato por pesquisadores em início de carreira: pós-graduandos ou pós-docs.

[Continua]

---

BENDERLY, Beryl Lieff. Early-career researchers commonly ghostwrite peer reviews. That's a problem. *Science/Taken for Granted*, 6Maio2019.

<https://www.sciencemag.org/careers/2019/05/early-career-researchers-commonly-ghostwrite-peer-reviews-s-problem>

MCDOWELL, Gary S. *et alii*. Coreviewing and ghostwriting by early career researchers in the peer review of manuscripts. bioRxiv preprint first posted online Apr. 26, 2019; doi: <http://dx.doi.org/10.1101/617373>.

[Parte 1] [[Parte 2](#)]

# A TERCEIRIZAÇÃO NA AVALIAÇÃO POR PARES - 2

Publicado em junho 9, 2019 por [linguisticaufrjcarlota](#)

A defesa da terceirização dos pareceres toma por base, em geral, a necessidade de treinamento nessa tarefa acadêmica. Se a questão é o treinamento de orientandos, há formas mais eficazes. [McDowell, Knutsen, Graham, Oelker & Lijek](#) apresentam o modelo implementado por uma professora da University of California Santa Cruz, Needhi Bhalla, transcrito abaixo. Há também treinamentos *online*, como, por exemplo:

- Publons: <https://publons.com/community/academy/>
- Nature: <https://masterclasses.nature.com/courses/205>

Já a não inclusão do nome do colaborador foi justificada, na pesquisa, com argumentos como esconder dos editores que o parecerista convidado, ao nomear os colaboradores no parecer, demonstraria ter quebrado o sigilo da avaliação; mais estranho foi o argumento de não haver um campo no formulário para incluir a colaboração.

O nome de quem escreveu ou teve co-autoria deveria receber créditos. Se alguém escreve um parecer mas outrem o assina, estamos diante de uma prática conhecida como *autoria fantasma*. Não é uma boa prática.

---

Template from Dr. Needhi Bhalla (UCSC) for peer review training using preprints –

## **Assignment description**

*“Your assignment is to pick a cell biology preprint from biorxiv (<http://biorxiv.org/collection/cell-biology>) and review it. This assignment is due [DATE] [TIME], Please submit your review as a word document so that I can edit it.*

*I’ll assess, edit and grade your review. Afterwards, you will email your edited review to the corresponding author(s), cc’ing me on this email. Your grade is contingent upon submission of your review to the authors.*

*I’d like you to organize your review as follows:*

### **Part 1. Summary (less than 500 words):**

*Write a brief overview of the author’s findings and provide a general assessment on the quality of the work: strengths and weaknesses.*

### **Part 2. Detailed comments:**

*Address each of the questions below, providing specific examples to justify your comments.*

#### **1. Significance**

*Does the author provide justification for why the study is novel and how their results will influence the field?*

**2. Observation**

*Are the author's descriptions of the data accurate and are all key experiments and hypotheses covered? Are the author's arguments logically and coherently made? Are counterbalancing viewpoints acknowledged and discussed? Are they sufficiently detailed for a non-expert to follow? Do they include superfluous detail?*

**3. Interpretation**

*Are the inferences supported by the observations? Do you agree? If not, what experiments would you need to see to be convinced? Please limit any requests for new work, such as experiments, analyses, or data collection, to situations where the new data are essential to support the major conclusions. Any requests for new work must fall within the scope of the current submission and the technical expertise of the authors.*

**4. Clarity**

*Is the manuscript easy to read and free of jargon, typos, and grammatical or conceptual errors? Is the information provided in figures, figure legends, boxes and tables clear and accurate? Is the article accessible to the non-specialist?*

**Tips:**

*It is important to provide a helpful review that you would want to receive. Critical thinking does not need to be negative to be convincing!*

*Let me know if you'd like to consult with me about your choice of papers or have any questions."*

---

MCDOWELL, Gary S. *et alii*. Coreviewing and ghostwriting by early career researchers in the peer review of manuscripts. bioRxiv preprint first posted online Apr. 26, 2019; doi: <http://dx.doi.org/10.1101/617373>.